



Ilusão dourada

Barbara Cartland

Coleção Barbara Cartland n° 56



Livros Abril
Título original: **"The Golden Illusion"**
Copyright: Cartland Promotions 1976
Tradução: Lygia Junqueira
Copyright para a língua portuguesa: 1982 Abril S.A. Cultural e Industrial — São Paulo
Composto e impresso em oficinas próprias

As luzes do Champs-Élysées, o fascínio dos teatros, a beleza ofuscante de mulheres que se cobriam de jóias e usavam anquinhas e batom ... Tudo isso deslumbrou Linetta, que antes nunca tinha saído de sua aldeiazinha no interior da Inglaterra. Parecia incrível que ela, uma órfã sem família e sem tostão, de repente tivesse se transformado na protegida de Blanche d'Antigny, uma das atrizes mais lindas e famosas de Paris. Blanche ensinou-a a gostar do luxo e lhe deu vestidos que pareciam feitos de nuvens e estrelas. Em sua inocência, Lineta nem desconfiou de que estava sendo preparada para se tornar uma cortesã. E ninguém poderia salva-la desse destino.

CAPÍTULO I

1869

O marquês de Darleston tomou um gole de champanhe.

O navio fazia a travessia Dover-Calais e o mar estava calmo.

Sentado na cabine de primeira classe, olhou para sua pasta e achou que era melhor passar o tempo lendo alguns dos documentos que o primeiro-ministro lhe havia dado.

Quando ia pegar a pasta, a porta se abriu e uma mulher entrou.

O marquês ia dizer que a cabine era particular e que ela devia ter se enganado, mas viu seu rosto e percebeu que estava com medo e era muito jovem.

Notou também que era muito bonita.

— Peço... desculpa — disse a moça, ofegante. — Será que posso ficar aqui por alguns momentos?

Enquanto falava, olhou por sobre o ombro, como se quisesse ter certeza de que a porta estava bem fechada.

— Há um homem... ele não... me deixa em paz.

O marquês levantou-se.

— Sente. Vou cuidar dessa pessoa que está sendo desagradável.

Já se dirigia para a porta, mas a moça o deteve.

— Não... não, por favor. Não quero problemas. A culpa foi minha, de ter ido para o tombadilho, mas havia muita gente enjoando lá embaixo, embora o mar esteja bastante calmo.

— Vou lhe dar uma taça de champanhe. Você se sentirá melhor.

A desconhecida não protestou e ele pegou uma garrafa que estava num balde de gelo e serviu um pouco de champanhe. Virou-se para entregá-lhe a taça e confirmou sua primeira impressão: era mesmo bonita, muito bonita. E se vestia de maneira muito simples e discreta.

— Não é possível que esteja viajando sozinha. Alguém a acompanha?

— Não há ninguém... comigo.

Pegou a taça e olhou-a, com ar dubio.

— Nunca tomei champanhe. Mas mamãe sempre falava nessa bebida.

— Achando que o marquês esperava uma explicação, continuou: — Minha mãe era francesa.

— Acho melhor nos apresentarmos. Sou o marquês de Darleston.

— Sou Linetta Falaise.

— Muito prazer, *mademoiselle* Falaise — disse ele, com um sorriso que as mulheres achavam irresistível.

Linetta inclinou ligeiramente a cabeça, de um jeito muito gracioso. Talvez pelo fato de ser tão miúda, ela parecia pouco mais do que uma criança, e havia qualquer coisa de inocente no rostinho oval, de olhos muito grandes e nariz delicado e reto.

O marquês achou que não parecia francesa, apesar de também não parecer inglesa. Os cabelos eram muito loiros; os olhos tinham um profundo tom cinza-azulado de um mar tempestuoso; os cílios escuros contrastavam com a pele clara.

Como se percebesse o que ele estava pensando, Linetta disse, com certo nervosismo:

— Minha mãe era da Normandia. Por isso tinha cabelos claros, o que é raro com as francesas, e meu pai também era loiro.

— Já estive na França?

— Não.

— Mas agora vai ao encontro de seus parentes na Normandia?

— Não tenho parentes. Vou me encontrar com... uma amiga, em Paris.

— Com certeza, ela está à sua espera, em Calais?

Linetta sacudiu a cabeça.

— Não. Tenho que me arranjar sozinha, mas estou certa de que... tudo dará certo, depois que eu chegar lá.

Mas havia em sua voz uma incerteza que não passou despercebida ao marquês. Disse a si mesmo que não era de sua conta. Seria um erro se envolver na vida de uma estranha. Já bastavam as preocupações com a difícil tarefa que teria que desempenhar, quando chegasse a Paris.

Ao mesmo tempo, não podia deixar de sentir curiosidade a respeito de Linetta Falaise.

Não era tanto por ela ser muito atraente; era também, ao que lhe parecia — embora ele achasse isso absurdo —, porque havia nela alguma coisa diferente das outras mulheres que conhecia.

Ela tomou alguns goles de champanhe e disse:

— Mamãe tinha razão: sempre garantiu que champanhe tinha um gosto excitante, muito diferente dos outros vinhos.

— Você parece muito entendida no assunto!

Linetta ficou constrangida.

— Não quero parecer pretensiosa, mas mamãe era conhecedora de vinhos e me ensinou a escolher um bom vinho, embora raramente pudéssemos tomar outra coisa, a não ser água.

Sorriu, como se fosse uma piada, e o marquês achou que era um absurdo a moça estar viajando sozinha. Via-se claramente que se sentiria insultada pelas atenções de estranhos que achariam que uma mulher desacompanhada, principalmente uma tão bonita, era uma presa fácil.

— Por que é que você veio parar nesta cabine?

Linetta baixou os olhos e corou ligeiramente.

— Eu o vi subir a bordo, e achei que tinha uma aparência muito... distinta. — Hesitou e seu rubor se acentuou. — Senti... de certo modo... que estaria segura com o senhor.

— Está absolutamente segura. Mas acho muito errado você fazer essa viagem a Paris, sem uma acompanhante.

— Sei muito bem que não é correto. Mas não havia nada que eu pudesse fazer sobre isto.

Linetta não pôde acreditar no que ouviu, quando a voz cansada de *mademoiselle* Antigny disse, num murmúrio:

— Estive pensando a seu respeito, querida. Terá que ir procurar minha sobrinha, em Paris. Não há outro lugar para você ir. Nenhum lugar!

— *Mademoiselle*, não fale desse jeito. Vai ficar boa! Tem que ficar! Mas, mesmo falando com tanto ardor, sabia que não havia esperança.

Tinha visto o rosto do médico, ao sair do quarto de *mademoiselle*. Embora ele procurasse poupá-la, soube que a governanta que conhecia e amava desde criança estava morrendo.

— Há uma coisa que preciso lhe contar — disse *mademoiselle* Antigny, com um tremendo esforço.

— Não deve se cansar.

— Eu pretendia lhe contar isso há muito tempo. Mas adiava sempre, achando que não havia pressa. Agora, não tenho muito tempo mais.

Linetta apertou a mão da velha e inclinou a cabeça, para que

mademoiselle não tivesse que falar alto.

— Depois que sua mãe morreu, há dois anos, a remessa do dinheiro que ela recebia foi interrompida.

— Foi interrompida!

— Chegou uma carta, dizendo que a remessa deixada por seu falecido pai seria suspensa. Pode encontrar a carta na gaveta do meio da minha escrivaninha.

Mademoiselle tinha feito um grande esforço para falar e estava quase sem fôlego.

— Então, que dinheiro estamos gastando?

— Minhas... economias...

— Oh, não, *mademoiselle*! Como é que pôde ser tão generosa, tão boa? Eu podia ter arranjado um emprego. Não deixaria que gastasse seu dinheiro comigo.

— De qualquer modo... seria seu... depois que eu morresse. Mas agora, meu bem... acabou! Depois que eu morrer, você deve vender tudo e com o dinheiro ir para Paris. Não tenho forças para escrever para minha sobrinha, mas, se você fizer a carta, eu assino.

— Como é que sabe que ela vai querer que eu vá?

— Marie-Ernestine é uma boa moça. Cuidará de você e lhe arranjará um emprego.

Perdeu o fôlego, e Linetta foi correndo buscar um comprimido e um copo d'água. O médico tinha dito que o remédio só devia ser tomado numa emergência. A governanta tomou o remédio e ficou durante alguns minutos de olhos fechados, recostada nos travesseiros.

Linetta pegou papel de carta e um lápis. Achou melhor primeiro tomar nota das palavras da velha o mais rápido possível e depois copiar tudo, com calma.

Dali a momentos, *mademoiselle* Antigny abriu os olhos e disse:

— Como já lhe contei, Linetta, minha sobrinha, Marie-Ernestine, é uma boa moça. Ajudei a criá-la, até que a mãe a chamou... para ir ao encontro dela... em Paris. — Deu um suspirozinho. — Pobre Marie-Ernestine! Ela se escondeu no sótão, desesperada, falando da escola do convento para onde tinha sido mandada por... um amigo da mãe. Desde essa época, escreve-me todos os anos, no Natal.

— Sim, lembro que você ficava muito contente com as cartas dela.

— Marie-Ernestine deve ter encontrado um bom emprego em Paris. Não me disse o que é. mas a mãe costurava e fazia trabalhos domésticos para algumas famílias ricas. No último Natal, Marie-Ernestine me escreveu de um novo... endereço... na avenida de Friedland,

Mademoiselle Antigny fechou os olhos, como se estivesse esgotada.

— Escreva a carta... meu bem. E Linetta obedeceu.

Depois da morte da velha e da venda da casa, a carta foi a única coisa que lhe deu uma sensação de segurança. Reconhecia que o conselho da governanta era sensato. Não podia viver sozinha. Disse a si mesma que, em Paris, Marie-Ernestine lhe arranjaría um emprego e que, pelo menos, ia ter uma amiga a quem pudesse recorrer num momento de dificuldade.

Parecia-lhe extraordinário que houvesse tão poucas pessoas em sua vida, que se centralizava na mãe e em *mademoiselle*.

Viviam muito isoladas na aldeia de Oakley, que ficava bem no interior. Uma diligência passava por lá duas vezes por semana, embora ninguém jamais descesse. Apenas raramente, um dos aldeões a tomava para ir a Oxford.

Linetta lembrava que a mãe nunca parecia querer ir a Oxford.

Na realidade, elas não precisavam de coisa alguma e tinham vivido satisfeitas na casa pequena, com o jardimzinho bonito do qual a Sra. Falaise cuidava sem o auxílio de um jardineiro.

Talvez seja pelo fato de ser francesa que mamãe conhece tão poucos ingleses, costumava dizer a si mesma, à medida que ia ficando mais velha.

Mas sabia que o verdadeiro motivo era a mãe não gostar de estranhos. Gostava de ficar sozinha, até que, quando Linetta tinha onze anos, a professora da menina, *mademoiselle* Antigny, veio morar com elas.

Era um arranjo satisfatório, porque *mademoiselle*, depois de ensinar os filhos de famílias nobres, da França e da Inglaterra, tinha se retirado para um minúsculo bangalô na aldeia, presente de seu último empregador.

Quando começou a dar aulas a Linetta, às vezes as antigas alunas vinham visitá-las.

Eram agora jovens senhoras elegantes e sofisticadas, com maridos e filhos, que achavam divertido relembrar os velhos tempos. Mas, com o tempo, foram deixando de aparecer, e *mademoiselle* se sentia grata por ter a companhia da Sra. Falaise e os pequenos confortos de uma casa maior, que não existiam em seu minúsculo bangalô.

A mãe de Linetta sempre falava em francês com a governanta, mas as duas faziam questão de que o inglês da garota também fosse perfeito.

— Seu pai era inglês — dizia a Sra. Falaise. — Tinha uma voz muito bonita. Eu costumava dizer que, quando ele falava, era o mesmo que a gente ouvir música.

— Fale-me sobre papai — pedia a menina, muitas vezes, quando a mãe fazia essas observações.

No mesmo momento, tinha a impressão de que as lembranças eram penosas para a mãe.

— Ele morreu, Linetta! — dizia, com voz embargada.

Às vezes, levantava e saía da sala, como se tivesse medo de perder o controle diante da filha.

Na noite antes de partir para Paris, ainda na casa, Linetta olhou à volta e disse a si mesma:

— Este foi o meu mundo. Estou deixando tudo para trás.

As peças de mobília que a mãe tanto amava e que haviam parecido tão elegantes na sala tinham sido levadas embora. Renderam muito pouco, e até as estantes estavam vazias! Linetta achou que, mais do que qualquer outra coisa, gostaria de ter conservado os livros que haviam sido seus companheiros desde que aprendeu a ler. Mas eram pesados demais para levá-los para Paris. Mesmo assim, sentia remorso de estar levando tanta coisa.

Não que tivesse muitas roupas. Nunca houve dinheiro para coisas supérfluas. Guardou alguns pequenos objetos pessoais da mãe, as únicas lembranças de seu lar e de sua infância.

Em último lugar, foi até o cemitério visitar o túmulo da mãe. Sobre ele havia uma lápide muito simples. Linetta não estava em condições de encomendar coisa mais elaborada; apenas a pedra com a inscrição: “Yvonne Leonide Falaise. 1832-1867”.

Onde é que papai estará enterrado?, pensou. A mãe nunca tinha lhe contado.

— Por que é que uso o sobrenome de mamãe? — perguntou à *mademoiselle*, quando estavam escolhendo a lápide.

— Não sei. Mas acho que ela amava tanto seu pai, que, quando ele morreu, não suportava falar nele ou usar seu nome.

— Mamãe o adorava!

– Ele deve ter sido uma pessoa excepcional, para inspirar tão grande amor.

Linetta tinha certeza disto.

Colocou no túmulo as flores que havia colhido de manhã, no jardim. Ajoelhou-se na grama fria e rezou para que *mademoiselle*, assim como sua mãe, estivessem no céu, juntas. Depois, rezou por si mesma.

– Por favor, meu Deus, olhai por mim e fazei com que nenhum mal me aconteça. Ajudai-me a ser boa e lembrar sempre as coisas que mamãe me ensinou. E ajudai-me a não ter medo.

Achou que, estivessem onde estivessem, a mãe e a governanta velariam por ela. O amor das duas por Linetta jamais morreria, como o dela também continuaria para sempre.

Apesar de tudo, foi difícil não ter medo, quando chegou o momento de tomar a diligência que a levaria na longa viagem até Dover.

Teve que trocar de diligência mais de uma vez, sempre temendo que sua bagagem se perdesse.

Fosse como fosse, e principalmente porque muitas pessoas se mostravam bondosas ao perceber que era uma viajante inexperiente, Linetta conseguiu chegar bem a Dover. Teve que esperar pouco tempo, até a partida do barco que atravessava o canal.

Nunca tinha estado num navio antes, e achou-o grande e imponente. O comissário lhe disse que descesse, e ela foi para um salão confortável, onde havia algumas senhoras e crianças pequenas.

Assim que partiram, as crianças começaram a importunar e muitos passageiros ficaram enjoados.

Linetta não via razão para isso. O navio jogava muito pouco; achou que a causa dos enjoos devia ser a tensão nervosa. Querendo tomar ar e também conhecer o barco, subiu para o tombadilho.

Um homem com uma capa e um chapéu de *tweed* se aproximou dela. Percebeu logo, pela voz dele, que não era um cavalheiro. Mas respondeu-lhe educadamente, porque pensou, a princípio, que apenas estivesse sendo amável.

O homem apontou para os rochedos de Dover, atrás deles, e disse quanto tempo o navio levaria para chegar a Calais, informando-a de que aquela era sua décima segunda visita à França.

Linetta procurou afastar-se, mas ele insistiu para que tomassem um

drinque juntos.

— Se eu soubesse que ia encontrar uma criatura bonita como você a bordo, teria reservado uma cabine particular. Agora, estão todas ocupadas, mas vamos encontrar um lugarzinho confortável, protegido do vento.

Qualquer coisa na atitude dele fez com que Linetta sentisse medo.

— Preciso ir para baixo.

Mas o homem segurou-a pelo pulso.

— Vai ficar comigo, beleza. Temos muito que dizer um ao outro. Passou o braço em volta da cintura dela, aproximando o rosto desagradável.

Linetta conseguiu se libertar e correu pelo tombadilho. Ouviu os passos que a perseguiam e, apavorada, soube que não podia escapar por muito tempo...

Foi então que se lembrou do cavaleiro alto e distinto que tinha visto subir a bordo acompanhado por um criado particular e dois carregadores, que se transferiam do trem para o barco.

Linetta também tinha querido vir de trem, mas a viagem era muito mais cara do que de diligência. Por isso, observou com interesse os passageiros na estação da estrada de ferro. E nenhum chamou mais sua atenção do que o cavaleiro alto e distinto. Achou que era muito diferente dos homens que conhecia. Ele lhe pareceu a encarnação de tudo que podia haver de belo num homem.

Assim que meu pai devia ser, pensou.

A mãe pouco falava do marido. Durante todos aqueles anos, Linetta tinha criado mentalmente a imagem de um pai parecido com os heróis dos livros que lia tão avidamente. Tinha certeza de que havia sido como Ricardo Coração de Leão, segundo a descrição de *sir* Walter Scott; como Jasão, em busca do Velocino de Ouro; como Davi, na escultura de Miguel Ângelo; e como todos os heróis de Shakespeare, resumidos num só.

Nunca chegou à imaginar realmente suas feições. Mas, quando observou o cavaleiro que agora sabia ser o marquês de Darleston dirigir-se para o S. S. *Victoria*, disse a si mesma que seu pai devia ter sido parecido com ele.

Sentada ali na cabine, depois de ter tomado apenas uns golezinhos de champanhe, disse, como uma criança que lembra de repente das boas maneiras:

– Sou-lhe muito grata, senhor, por permitir que eu fique aqui. Deve achar que sou muito... sem cerimônia por ter vindo à sua cabine... mas eu não sabia o que fazer.

– Acho que agiu acertadamente, *mademoiselle*. Quando chegarmos a Calais, providenciarei para que fique num vagão reservado só para senhoras.

– Obrigada, senhor. Eu não sabia que havia esse tipo de vagão.

– Como já lhe disse, não devia viajar desacompanhada. Mas, naturalmente, isso não é da minha conta. Procurarei fazer com que fique em segurança, até que seus amigos venham a seu encontro, em Paris.

Linetta ia dizer que ninguém iria esperá-la na estação, pois Marie-Ernestine Antigny, para quem levava uma carta de apresentação, não tinha a mínima idéia de sua chegada. Mas achou que podia parecer que queria que o marquês ainda se ocupasse dela e ficou calada.

Quando chegasse à Gare du Nord, tomaria um carro, que ela sabia que se chamava *voiture*. Daria ao homem o endereço de Marie-Ernestine e, depois disso, tudo daria certo.

Tinha uma fé ingênua em seus planos. Nunca lhe ocorreu que Marie-Ernestine pudesse estar fora da cidade, ou que tivesse mudado de casa.

– O senhor é muito bom – disse ao marquês, com uma expressão confiante que ele achou comovente.

Quando chegaram a Calais, acompanhou-a pessoalmente até o vagão onde se lia: “*Les Dames Seulement*”. Foi depois para o luxuoso compartimento de primeira classe reservado para ele, achando que tinha feito o possível pela moça.

Enquanto aguardava a partida do trem, instalou-se confortavelmente, com a intenção de abrir sua pasta e examinar os documentos, o que não pôde fazer na travessia do canal.

Quando seu criado particular lhe trouxe uma cesta com o jantar ocorreu-lhe que Linetta não sabia que, se quisesse comer antes de chegar a Paris, teria que comprar comida na estação.

Com um impulso que o surpreendeu, mandou o criado comprar um lanche e uma garrafa de vinho branco e os levasse ao vagão onde a moça estava instalada.

Depois, abriu a pasta e disse a si mesmo que não queria saber de novas interrupções.

Ao receber o lanche, Linetta ficou surpresa e encantada.

– O marquês achou que talvez a senhorita não soubesse que este trem é expresso e que só pára uma ou duas vezes durante a noite.

– Faça o favor de dizer ao marquês que estou muito grata. Se ele não tivesse demonstrado tanta consideração, eu provavelmente chegaria a Paris morta de fome.

– Darei o recado, senhorita.

Linetta ficou sem saber se devia dar uma gorjeta ao homem. Parecia uma criatura tão superior, que teve medo de que fizesse pouco-caso do que ela pudesse lhe oferecer.

Em vez disso, disse, com um sorriso:

– Obrigada a você também.

– De nada, senhorita — respondeu o criado, tirando o chapéu. Linetta achou o compartimento de segunda classe muito confortável e teve sorte de só encontrar mais uma passageira, uma francesa de meia-idade que ia ao encontro do marido, transferido de um banco de Londres para Paris.

A mulher aceitou o vinho que a moça lhe ofereceu e retribuiu com uma xícara de café. Mostrou também como podiam esticar as pernas confortavelmente e dormir um pouco, já que não havia mais ninguém no compartimento.

Linetta estava tão cansada, que dormiu muito bem e nem viu o trem parar em Amiens. Só acordou quando sua companheira lhe disse que dali a meia hora chegariam a Paris.

– Alguém vai esperar você?

– Não, *madame*. Vou tomar uma *voiture*.

– Para onde?

– Vou para a avenida de Friedland.

– Oh, que sorte! Vou para perto. Podemos tomar a mesma *voiture*. Fica mais barato.

Seguindo o conselho de sua nova amiga, Linetta pulou para a plataforma assim que o trem parou.

A francesa, mulher experiente, chamou logo um carregador para levar a bagagem. Como as duas não tinham perdido tempo, conseguiram uma *voiture* imediatamente.

Linetta pensou que, com isso, não teria chance de tornar a ver o marquês ou de lhe agradecer a gentileza. Com certeza, já esqueceu de mim, pensou. Gostaria muito de olhar para ele mais uma vez. Era ainda bem cedo,

e achou que o marquês não iria se apressar; provavelmente, haveria uma carruagem particular à sua espera. Mesmo assim, olhou para trás pela última vez, com esperança de vê-lo na plataforma.

— Vamos indo — disse sua companheira, e Linetta a seguiu, sabendo que era ridículo ficar tão desapontada.

Tinha certeza de que jamais conheceria um homem tão bonito. No futuro, os heróis dos livros que ela lesse iriam todos se parecer com ele. Havia tanta coisa para ver de Paris, que foi fácil esquecer o marquês. Sentada na beirada do banco, olhava para as casas altas e cinzentas, que eram exatamente como sua mãe as descrevera.

As ruas de calçamento de pedra por onde passavam eram muito parecidas com as do passado, quando os aristocratas haviam sido levados para a guilhotina, pensou Linetta.

Cada pedra em Paris lembrava a história, uma história que ela não só havia estudado, mas sobre a qual lia avidamente e com prazer.

O Rei Sol, as intrigas de estadistas como Talleyrand, a ascensão e a queda de Napoleão Bonaparte — parecia nunca encontrar livros suficientes a respeito de tudo isso, e agora estava vendo, com os próprios olhos.

Só quando chegou à avenida de Friendland, foi que sentiu medo. E se Marie-Ernestine Antigny não quisesse saber dela? Como é que se arranjaría, então?

Depois, achou que a moça devia ser exatamente como a tia a havia descrito: boa e cordial.

Como é que podia ser diferente, se, depois de tantos anos de separação, ainda lembrava da tia, quando chegava o Natal?

Mademoiselle Antigny sempre lia para Linetta as cartas da sobrinha. E agora desejou ter prestado mais atenção a elas. Nunca pareciam dizer muita coisa, nem descrever Paris.

“Sou muito feliz e estou passando bem! Penso muito em você, querida tia. Como eu gostaria que minha irmã Adelaide ainda estivesse viva, assim como meu irmão Zacharie!”

Linetta sabia que Marie-Ernestine, o irmão e a irmã eram filhos de Jules Antigny, um carpinteiro que tinha morado em Martizay, perto de Bourges. Sabia também que o carpinteiro havia abandonado a mulher e a família e fugido para Paris com uma jovem da localidade.

Para poder ir à sua procura, a esposa entregou os filhos a uma tia que

morava em Mézières-Sur-Brenne e a uma outra que tinha a sorte de trabalhar como governanta num castelo da vizinhança.

Chegando a Paris, encontrou trabalho e mandou buscar a sua filha mais velha. Um dos homens para quem trabalhava, o marquês de Gallifet, pagou pela educação de Marie-Ernestine, no Convent des Liseaux.

Quando *mademoiselle* contou isso a Linetta, pareceu ser o suficiente para se saber sobre alguém. Mas agora, Linetta achou que era pouco e não lhe dava uma boa idéia de que espécie de pessoa era Marie-Ernestine.

Antes de sair da Inglaterra tinha calculado que ela devia estar com vinte e nove anos e que, portanto, há dezoito que não via a tia.

De repente, percebeu que nem *mademoiselle* poderia saber alguma coisa a respeito da sobrinha. Ficou apreensiva depois de se despedir da amiga do trem e se ver diante da escada do número onze, da avenida de Friedland, com a bagagem no chão, a seu lado.

Assim que tocou a campainha, imaginou se não deveria ter se dirigido à porta de serviço. Talvez a dona da casa achasse uma impertinência ela vir visitar uma empregada e querer entrar pela frente.

Mas agora era tarde, pois ouviu passos e alguém puxar os trincos. Era um laçao, mas não estava com o paletó da libré, nem com a peruca empoada. Estava em mangas de camisa, embora usasse um colete enfeitado e colorido, com botões dourados, sobre a camisa branca.

– Vim ver *mademoiselle* Antigny – disse Linetta, nervosa.

O laçao olhou para a bagagem, com ar de surpresa.

– Ela não disse que a estava esperando.

– Ela não sabe de minha chegada, mas tenho aqui uma carta da tia dela.

– Madame d'Antigny ainda não se levantou. Talvez seja melhor a senhorita entrar e esperar.

O homem falou sem grande convicção e a moça fitou-o, admirada. Achou estranha aquela casa, onde os empregados dormiam até tão tarde. Não deixou também de notar que o homem se referiu a Marie-Ernestine com “d'Antigny”. Só os aristocratas franceses precediam seus sobrenomes de “de”, e Linetta achou que tinha sido um engano do criado.

Entrou numa sala cheia de tapetes nas paredes e decorada com inúmeras plantas exóticas, em vasos chineses grandes e muito bonitos. Do teto pendiam lustres de cristal, e as portas de mogno tinham pesadas cortinas

de veludo azul.

O laçao levou-a a uma saleta, e Linetta viu, com espanto, que estava decorada em estilo oriental. Havia mesinhas baixas de laça vermelha com incrustações de prata e madrepérola; sobre as mesas, estojos de ouro como os que os cavalheiros usavam para tabaco, e ao lado, piteiras.

Linetta arregalou os olhos.

Nunca tinha visto uma piteira. Os homens de sua cidade fumavam charuto, mas o cigarro, para ela, era coisa que só existia em romance.

Havia na saleta um cheiro forte de fumo.

— Se a senhorita esperar aqui, vou saber se a madame já acordou. Espero não estar me metendo em encrencas por tê-la deixado entrar.

— Também espero — disse Linetta, com uma vozinha fraca. Era muito estranho estar sendo tratada como hóspede da dona da casa, em vez de amiga de uma das empregadas. Talvez Marie-Ernestine tivesse chegado a uma posição importante, depois de trabalhar muitos anos na casa.

Era tudo muito estranho mesmo. Olhando em volta, achou que aquela sala era diferente de qualquer coisa que ela pudesse imaginar fora das páginas de um livro.

Reparou num quadro em cima da lareira. Representava o que julgou ser uma deusa. A mulher, muito opulenta, estava nua até a cintura e o resto do corpo, coberto apenas por um pano azul.

Era muito bonita, com olhos grandes e aveludados, pele rosada e lábios vermelhos, entreabertos.

Na moldura havia uma placa, onde estava escrito:

“Madalena Arrependida — Paul Baudry”.

Linetta já tinha visto muitas reproduções de quadros célebres, e *mademoiselle* Antigny a levou duas vezes a Londres para visitar a National Gallery, porque sua mãe achava que isso fazia parte da educação da menina.

Percebeu que o quadro era muito bom e ficou imaginando quem seria Paul Baudry. Nunca tinha ouvido falar nele como um grande mestre. Mas não havia dúvida de que sabia pintar, e a modelo era muito bonita.

A porta da saleta se abriu.

— Madame disse que é para a senhorita subir — avisou o laçao. O coração de Linetta bateu apressadamente.

Pelo menos, não a tinham mandado embora e parecia que Marie-Ernestine estava ali. Mas quem era madame? A patroa?

— Obrigada — conseguiu dizer. Acompanhou o homem, atravessando o salão e subindo a escada, notando que ele tinha vestido o paletó da libré.

Chegaram ao primeiro andar e ele abriu uma porta.

— A senhorita que veio vê-la, madame.

Linetta entrou. Por um momento ficou tão atônita que não pôde ver mais nada, a não ser a cama.

Parecia tomar todo o quarto. As cortinas eram de cetim azul-turquesa e as quatro colunas sob o dossel de seda azul faziam com que parecesse um trono.

Os tapetes eram de pele de urso branco, e havia no ar um cheiro pesado, não só devido às flores em vasos grandes, mas também por causa do perfume de patchuli e de âmbar.

Linetta ficou indecisa. Depois, no meio da cama, sob uma coberta de renda veneziana e lençóis também enfeitados como uma renda larga, alguém se soergueu contra os travesseiros com fronhas rendadas. Alguém que tinha cabelos dourados soltos até os ombros, pele branca e lábios vermelhos.

Era alguém que Linetta já tinha visto: ali estava a modelo do quadro chamado *Madalena Arrependida*.

CAPÍTULO II

A visão de beleza que estava na cama sentou e perguntou, em tom alto e alegre:

— Quem é você?

Linetta aproximou-se.

— Sou Linetta Falaise e tenho aqui uma carta de *mademoiselle* Antigny para sua sobrinha Marie-Ernestine.

— Da tia Tereza?

Linetta sobressaltou-se. Seria possível que aquela senhora fosse realmente Marie-Ernestine?

Tirou a carta da bolsa e, aproximou-se daquele leito fantástico, entregou-a à mulher.

Achou que tinha razão ao pensar que a modelo do quadro parecia uma deusa. Os ombros núbios, os seios de bicos rosados bem visíveis sob a camisola diáfana tinham uma voluptuosidade que até mesmo a inocente Linetta percebia.

— Como vai minha tia?

A pergunta fez com que Linetta lembrasse que era portadora de más notícias.

— Sinto muito... mas sua tia... morreu.

— Morreu? — Marie-Ernestine fez o sinal da cruz. — Que *le bon Dieu* tenha piedade de sua alma e que ela descanse em paz.

Esse gesto fez com que Linetta se sentisse menos apreensiva. Pela primeira vez, notou que Marie-Ernestine tinha no pescoço um crucifixo preso por uma corrente de ouro. O crucifixo caía no meio dos seios e parecia um estranho contraste com o luxo exótico do quarto.

Marie-Ernestine abriu o envelope e pegou a carta.

— Fui obrigada a escrever para sua tia — explicou Linetta. — Mas ela a assinou na véspera de sua morte.

— Não posso acreditar que tenha morrido! Era minha única parente viva e a única pessoa que ainda me chamava pelo meu verdadeiro nome. — Fez uma pausa e olhou para Linetta. — Em Paris, sou chamada como Blanche. Foi o nome que minhas colegas me deram, no convento, porque

minha pele é muito branca. E ninguém mais me chama de Marie-Ernestine.

Não tendo nada a dizer, Linetta esperou até que, erguendo os olhos da carta, Blanche comentou:

– Vejo que minha tia criou um problema para mim, em relação a você.

– Não quero dar trabalho.

Procurou uma cadeira, sentou e notou que, num consolo não muito longe da cama, havia uma estatueta de Cristo, de marfim.

Assim como o crucifixo no .pescoço de Blanche, deu a Linetta uma sensação de conforto, embora fosse quase impossível pensar naquela linda mulher com aparência de bacante como sendo a sobrinha de *mademoiselle*.

Blanche continuou lendo a carta, e Linetta a observou atentamente. Compreendia por que a chamavam assim, e a boca tinha exatamente a curva desenhada por Paul Baudry.

Não podia imaginar que, dali a um ano, Charles Dinot iria escrever: “Sua boca sensacional foi feita para contar ou sorver uma taça de champanhe! O vinho do amor”!

Linetta percebia apenas que, apesar daquele ambiente, Blanche parecia mais acessível e mais humana do que quando ela havia entrado no quarto.

Ao terminar a leitura, a outra ergueu a cabeça, e seus olhos azuis estavam marejados de lágrimas.

– Ela me amava. Tia Tereza sempre me amou. Como eu gostaria de ter estado com ela, quando morreu!

– Foi uma morte rápida. Não sofreu. Ainda não posso acreditar que tenha morrido!

– Ela me escreveu que se sentia muito feliz morando com sua mãe e ensinando você. Mas sempre pensei que vocês estivessem bem... que fossem ricos! É mesmo verdade que não tem dinheiro?

– Não tenho nada. Para falar francamente, embora eu ignorasse isso, sua tia gastou todas as economias comigo, nos dois últimos anos, depois que minha mãe morreu.

– Não sei como poderia ter economizado muito — observou.

– Estou tão envergonhada por não ter percebido nada! Eu poderia ter procurado trabalho. Se bem que não sei o que teria feito, numa aldeia como a nossa!

Blanche olhou para a visitante e sorriu. Era o sorriso amigo,

espontâneo, de uma mulher para outra.

— Encontraremos qualquer coisa — disse ela, com uma reconfortante convicção.

Tocou a campainha e apareceu uma criada de quarto, com um avental engomado, de linho com renda, trazendo café e pãezinhos. Havia uma xícara para Linetta, também. Depois que a empregada saiu, a moça perguntou, timidamente:

— Esta casa é sua?

— Mais *oui!* Mas estou aqui há pouco tempo. Morei quase cinco anos na Rússia.

— Na Rússia?

Não teria ficado mais admirada, se Blanche lhe dissesse que tinha ido à Lua.

— Esqueci... Claro que tia Tereza não podia ter sabido. As cartas que mandei para ela vinham primeiro para a França, na mala diplomática. O correio na Rússia é impossível!

— O que fazia lá?

— Eu estava... com um amigo.

Houve uma pausa perceptível, antes das três últimas palavras, Linetta teve a impressão de que ela ia dizer outra coisa.

— Foi formidável! Formidável! — continuou Blanche. — Eu tinha uma casa grande no Grand Morskoi, uma porção de empregados... *monjiks*, dizem eles... e meu salão era o mais elegante, o mais divertido e, sem dúvida, o mais alegre de toda São Petersburgo! *Hêlas!* O luxo, as festas e os homens da Rússia são indescritíveis! Fez uma pausa e acrescentou, como que para si mesma:

— A elite de São Petersburgo se reunia à volta do meu samovar, às onze horas da noite, para conversar, tomar vinho, cantar, amar! — Riu baixinho. — Às cinco da manhã seguinte, os *monjiks* silenciosos recolhiam os convidados que estavam roncando nos cantos da sala e os levavam para casa!

Linetta ouvia, de olhos arregalados. Depois, como que respondendo a uma pergunta que não fora feita, Blanche disse:

— E, naturalmente, eu fui um sucesso no teatro francês!

— É atriz? — Tinha imaginado isso desde o começo.

— *Tiens!* Quer dizer que esqueci de informar tia Tereza de que eu estava representando no teatro?

— Se lhe contou, não fiquei sabendo.

— *Mon Dieu!* Estou tão acostumada com isso, que devo ter esquecido de contar. Deve ter sido em 1858, há onze anos, que fiz minha estréia como a estátua viva da bela Helena em *Fausto* de Ennery. — Deu uma risada. — Eu não dizia uma única palavra, mas o que eles chamaram de minha “beleza plástica” foi um sucesso enorme!

Linetta percebeu que ela não se gabava; estava simplesmente relatando um fato.

— Mas, se fui um sucesso em Paris, causei sensação em São Petersburgo e acho que os aplausos e a adulação me subiram à cabeça. Fiz papel de tola!

Havia um quê muito simpático na franqueza com que disse isso e Linetta ficou curiosa.

— Que foi que fez? Blanche riu de novo.

— Desafiando o protocolo, resolvi comparecer à sessão de gala que encerrava a estação de inverno na ópera usando um vestido com o qual iria suplantiar tanto as atrizes quanto as mulheres do público. A roupa era sensacional! Tinha vindo de Paris, e eu sabia que não havia nada igual na Rússia! Mas, na realidade, havia sido encomendada pela imperatriz.

Linetta ouvia, de olhos arregalados.

— Eu estava louca! — continuou Blanche. — Claro que estava louca! O costureiro tentou evitar que eu fizesse uma provocação tão grande, mas enfiei um monte de notas em sua mão e saí correndo da loja, levando o vestido.

— Que aconteceu?

— Usei o vestido, naquela noite, e a imperatriz, em seu camarote, me olhava com um ódio que não conseguia disfarçar! — Fez uma pausa dramática. — No dia seguinte, Mezentseff, chefe da polícia secreta, recebeu ordem para me expulsar da Rússia!

— Oh, não! Isso foi crueldade! Um vestido não pode ser assim tão importante!

Blanche não se deu ao trabalho de explicar que não foi só o vestido, mas também uma porção de outras coisas que tinham enfurecido a imperatriz e muitas senhoras importantes da sociedade de São Petersburgo.

Encolheu os ombros.

— Não teve importância. Quando voltei para Paris, todo mundo ficou contente por me rever e percebi então que a melhor maneira de me vingar da

Rússia era me tornar atriz na França.

Linetta tinha a impressão de estar ouvindo um conto de fadas. Parecia-lhe que Blanche não falava com ela pessoalmente, mas que, pelo fato de ter convivido com sua tia, lhe contava a história de sua vida como se falasse com um parente.

Blanche queria que ela soubesse, que compreendesse e ficasse impressionada com seu sucesso, sem dúvida, *mademoiselle* teria ficado! Tomei aulas de declamação, e madame Marchei, pianista da École Lyrique, me fez estudar algumas canções da ópera-bufa. Conheci críticos teatrais e artistas célebres, cultivei a amizade deles e procurei ser apresentada ao editor da *Cazette des Étrangers*.

— E de que adiantou isso?

— Você não entende? Henri de Père, o redator da *Gazette*, começou a fazer com que o público se interessasse por mim. Afinal, eu estivera ausente do país durante cinco anos. Tinha medo de que o público, que é muito volúvel, não lembrasse mais de mim.

— Que foi que ele fez?

— Uma semana antes de minha estréia no Palais-Royal, a *Gazette* publicou nada menos do que oito parágrafos a meu respeito. E durante todo o mês de outubro, elogiou minha atuação tanto no palco quanto fora dele.

— Isso foi ótimo!

— Foi mesmo. E agora, vou fazer uma peça dramática.

— Posso ir vê-la? — perguntou Linetta, a respiração suspensa.

— Claro que pode! Atualmente, estou representando Frédégonde. É um papel dramático, encantador, mas no mês que vem, terei um papel ainda melhor. Então, a Rússia se arrependerá de ter me perdido!

— Qual vai ser seu novo papel?

— Serei Marguerite em *Le Petit Faust*. — Blanche olhou para o relógio com incrustações de brilhantes que estava na mesinha de cabeceira e continuou: — Isso me faz lembrar que preciso levantar. Há um ensaio, hoje de manhã. Venha comigo. Assim, terá uma idéia do papel que vou representar.

— Posso ir mesmo?

— Lógico que sim. Como vai ficar aqui comigo, quero apresentá-la a Paris. — Ao dizer isso, olhou para Linetta, como se a visse pela primeira vez.

— Tire esse chapéu horroroso! Você é bonita... muito bonita, mas suas roupas

são horríveis!

— Tínhamos muito pouco dinheiro para gastar com roupas. Além disso, morávamos no campo.

Tirou o chapéu e Blanche saiu da cama.

Linetta não pôde deixar de ficar constrangida, quando percebeu que a outra usava muito pouca roupa. Não tinha visto uma mulher nua; sua mãe e *mademoiselle* tinham sido sempre muito recatadas.

Mas Blanche não parecia ligar que seu corpo branco, de seios opulentos, fosse revelado pela camisola transparente. Mais do que nunca, parecia uma das deusas de Rubens.

Encarou Linetta e sorriu.

— Você é bonita... muito bonita! Esse rostinho infantil com cabelos loiros tem um encanto especial! Nós duas formamos um contraste, e isso é interessante. Tocou a campainha. Quando a empregada apareceu, disse:

— Vou tomar meu banho agora. Você encheu a banheira com Montebello?

— Sim, madame! Duzentas garrafas!

Vendo o ar de espanto de Linetta, Blanche explicou:

— O banho com água mineral é muito revigorante e refrescante. Acho que você gostaria de um banho, depois de ter passado a noite inteira num trem. — Virou-se para a empregada. — Leve *mademoiselle* para o quarto dos furados, que é mais silencioso. Ajude-a a desfazer as malas e a vestir a roupa mais bonita que tiver. Vamos ao teatro.

— Perfeitamente, madame.

Linetta foi conduzida por um corredor e chegou a um quarto muito luxuoso, mas não tão fantástico como o de Blanche.

Suas malas chegaram e, enquanto a empregada preparava o banho, pendurou seus vestidos no armário. Eram todos simples e sem graça, comparados com os que Blanche devia usar.

Bem, isso não era importante. Ninguém iria olhar para ela, quando aquela linda criatura de cabelos dourados, olhos azuis e pele muito branca estivesse a seu lado.

Depois de pronta, Linetta teve que esperar apenas quinze minutos por Blanche, que apareceu usando um costume azul e branco tão maravilhoso, que ela parecia estar saindo do palco.

Mas Linetta só tinha olhos pára os brilhantes da atriz. Nunca imaginou

que alguém pudesse usar tantas jóias, principalmente de dia. Parecia-lhe que Blanche cintilava literalmente e que os brincos de pingente que caíam até os ombros deviam ser pesados demais e nada confortáveis.

— Vamos. Não devo chegar atrasada, embora eles esperem por mim. Não quero passar o dia inteiro no teatro.

Lá fora havia uma carruagem muito elegante; os assentos eram estofados com um tecido da mesma cor do costume de Blanche. Linetta achou que devia ser coincidência, até a outra explicar:

— Minhas carruagens sempre combinam com minhas roupas. Muitas vezes, meu costureiro tem que fornecer o mesmo tecido para os fabricantes de carruagens, quando estes não conseguem encontrar o mesmo pano em outro lugar.

A carruagem partiu e Linetta deixou de olhar para a vistosa atriz, para poder examinar Paris.

O sol brilhava e os castanheiros estavam floridos. Achou tudo ainda mais bonito do que imaginava pelas descrições da mãe e de *mademoiselle*.

Olhou para os cafés, onde os fregueses já estavam sentados à volta das mesas de tampo de mármore. Viu as largas praças, com carruagens ricas e elegantes, todas puxadas por cavalos magníficos, e achou que os animais da carruagem de Blanche eram os mais bonitos.

Notou que as mulheres cumprimentavam a atriz com acenos e que os homens tiravam o chapéu para ela.

— Você tem muitos amigos!

— Não são amigos. Eu sou uma das “atrações” de Paris!

— Deve ser uma artista muito famosa. Blanche não respondeu.

Chegaram ao Folies-Dramatiques. Linetta desceu da carruagem, excitada. Só tinha ido ao teatro duas vezes na vida, quando *mademoiselle* a levou a Oxford para ver três peças de Shakespeare, sendo que uma foi representada ao ar livre. As duas outras tinham sido levadas ao teatro local, e, embora a governanta as tivesse criticado severamente, Linetta ficou encantada.

Agora, ia ver o que era um teatro francês por dentro. Mas, ao entrar, teve uma desilusão que foi um verdadeiro golpe. A platéia à frente delas parecia um buraco escuro, iluminado apenas por uma luz no palco. Havia pó e uma aparência de pobreza.

Naquela escuridão, era difícil até mesmo distinguir os camarotes; o

veludo vermelho dos assentos parecia escuro e sujo.

Várias pessoas estavam no palco, mas, como a única iluminação era uma espécie de lamparina pendurada num poste, pareciam fantasmas, suas sombras dançando atrás delas.

O resto do palco dava a impressão de um pátio de demolição, com escadas e andaimes, estacas empilhadas e, em cima, várias cortinas em alturas diferentes, parecendo bandeiras a meio pau.

Blanche adiantou-se. O homem que estava diante do lugar da orquestra, com um monte de papéis na mão, quase correu para ela.

— Graças a Deus você veio, Blanche! Se não começarmos agora mesmo, não poderemos estrear no dia vinte e oito!

Blanche deu um gritinho:

— Vinte e oito? Pensei que fosse o mês que vem!

— No dia vinte e oito de abril — repetiu o homem, com firmeza. — E se você quiser fazer sucesso, precisa começar a trabalhar! Ontem, não sabia uma linha de seu papel.

— Acho que ninguém vai ouvir o que eu disser.

— *Non!* Estarão todos olhando para o seu corpo. Mesmo assim, quero que os atores tenham uma chance.

— Por quê? — perguntou Blanche, com ar petulante. Virou-se em direção à porta que levava aos camarins, nos fundos do teatro. — Vou tirar o chapéu e volto já.

Linetta acompanhou-a.

No corredor estreito, mal havia lugar para a atriz passar com suas anquinhas. Até ver aquele vestido, Linetta jamais imaginou que uma roupa pudesse ser tão grande e ao mesmo tempo tão graciosa.

Nunca tinha usado anquinhas, nem crinolinas, e ficou imaginando se poderia comprar em Paris um vestido com anquinhas que fosse barato.

Os corredores dos fundos do teatro estavam escuros e sujos e os saltos dos sapatos das duas faziam barulho no chão de pedra. Havia um odor desagradável que Linetta identificou como uma mistura de sujeira, de gás e o que supôs ser cola usada no cenário.

Blanche abriu uma porta, e um perfume forte suplantou os outros odores.

O camarim era um aposento quadrado, de pé-direito baixo, todo decorado com um tecido marrom-claro. Uma cortina do mesmo pano estava

pendurada numa vareta de cobre, criando um reservado.

Duas janelas grandes davam para o pátio. Havia um espelho alto na penteadeira de mármore branco, onde se viam inúmeros vidros de perfume, caixas de cosméticos, essências de rosas e pós, uma bacia cheia de água com sabão, alguns objetos de toalete, de marfim, e esponjas pequenas.

Linetta viu roupas penduradas num trilho comprido, num dos lados do quarto. Havia ali também duas poltronas e uma mesa com duas garrafas de champanhe vazias.

Em toda a parte, no lavatório, na penteadeira, nas mesinhas, muitas flores, algumas já murchas.

Blanche não parecia perceber a desordem e nem a sordidez. Tirou o casaco, dependurou-o ao lado das outras roupas, tirou o chapéu e colocou-o sobre a penteadeira. Era um chapeuzinho moderno, enfeitado com penas de avestruz.

Blanche olhou-se no espelho, sorriu como que satisfeita com o que viu e disse a Linetta:

— Não vamos perder mais tempo aqui do que o necessário. Tenho um compromisso para o almoço, ao qual não quero faltar, e hoje à tarde vou levar você para um passeio de carruagem pelo Bois de Boulogne.

— Não quero dar trabalho. Blanche não pareceu ouvir.

— Mas, primeiro, preciso arranjar alguma coisa para você usar. Não pode ser vista em minha companhia com essas roupas!

— Sinto muito. Infelizmente, não posso comprar roupas, agora. Tenho muito pouco dinheiro. O importante para mim é encontrar trabalho para me sustentar.

— Há muito tempo para isso. E acharei divertido vesti-la, menina, para que fique bonita de verdade.

Dito isso, saiu do camarim e foi para o palco.

Linetta sentou na platéia. Ninguém lhe deu a menor atenção, e ela ficou observando Blanche, que tentava dar alegria e vida ao ambiente lúgubre do teatro.

Parecia estar com pressa. Enquanto cantava, Linetta achou que tinha muito pouca voz, mas que, de certo modo, tornava tudo divertido e alegre; até o diretor nervoso deu impressão de estar satisfeito.

Depois de uma hora e meia de trabalho, Blanche disse que precisava ir embora.

— Mas nem tocamos no segundo ato! — O diretor voltou a ficar nervoso.

— Minha substituta pode fazer isso por mim. Tenho um compromisso importante para o almoço. — Vendo que ele ia protestar, continuou: — Preciso ter certeza de que meus vestidos e meus brilhantes vão ofuscar os críticos.

O protesto morreu imediatamente.

— Nós nos arranjarremos. Mas você vem amanhã?

— Vou fazer o possível. Se não vier, minha substituta pode muito bem tratar de fazer jus ao dinheiro que ganha, porque, como você bem sabe, nunca fico doente, de modo que ela não tem chance de representar.

— É verdade. Sua saúde, como tudo a seu respeito, é maravilhosa! Levou a mão de Blanche aos lábios e beijou-a. Uma empregada trouxe o casaco e o chapéu de Blanche. O gerente do teatro, que a acompanhou até a rua, também lhe beijou a mão. A carruagem partiu.

— Então, que tal achou? — ela perguntou a Linetta.

— Fiquei decepcionada com o teatro, até você entrar no palco. É tão feito, tão sujo, tão desarrumado! Blanche deu uma risada.

— Espere até me ver hoje à noite como Frédégonde. Aí, tudo será diferente.

Dali a momentos, Linetta perguntou:

— Vai almoçar em casa, ou vai só me deixar lá?

— Vamos almoçar no Crux Trois Frères Provençaux. Nosso anfitrião será Raphael Bischoffsheim, e é muito importante que ele goste de você.

— Por quê?

— Porque é meu amigo íntimo e porque quero que lhe dê umas roupas bonitas.

A moça pareceu atônita.

— Quer dizer que... ele pagaria minhas roupas? Mas não posso... permitir isso.

— Não seria um presente para você, seria um presente para mim. Bisch me dá tudo que quero. É muito bom... muito bom, mesmo! Almoçaremos perto da Bolsa de Valores, porque é lá que Bisch vai passar a manhã.

— O Sr. Bischoffsheim é corretor?

— É banqueiro, o mais rico e o mais importante do país! E também

muito generoso, de modo que trate de ser amável com ele!

Essas palavras deixaram Linetta nervosa. Ainda estava preocupada, sem saber se devia deixar que um homem, fosse ele quem fosse, pagasse por suas roupas. Tinha certeza de que a mãe acharia isso impróprio, mas sabia também que não podia andar em companhia de Blanche usando seus vestidos feios e antiquados.

Ao mesmo tempo, por que haveria o Sr. Bischoffsheim de comprar roupas para ela, mesmo que fosse para ser agradável a Blanche? Isto parecia estranho!

Mais estranho ainda pareceu quando Linetta conheceu o banqueiro.

O restaurante era pequeno e estava cheio de homens, mas havia também algumas mulheres. O Sr. Bischoffsheim, que chegou antes delas, estava sentado a uma mesa de canto, consultando a carta de vinhos.

Levantou-se para recebê-las, sorrindo quando Blanche se aproximou dele. Beijou a mão da artista e olhou, curioso, para Linetta.

— É uma amiga que chegou inesperadamente hoje de manhã — explicou Blanche. — Temos muita coisa para contar a você.

Linetta fez uma reverência, enquanto o garçom trazia mais uma cadeira.

— Como vai você, *mon brave*? Não muito cansado, depois de ontem à noite?

Havia na voz dela uma nota acariciante, íntima, e Linetta teve impressão de que acentuou as palavras “ontem à noite”.

— Como sempre, você fez com que me sentisse muito moço e muito ardente.

Beijou de novo a mão de Blanche e ela sorriu, tentadora.

Não havia dúvida de que era muito diferente do que Linetta esperava que um amigo íntimo da atriz fosse: truncado, pesadão, com um nariz aquilino. Usava costeletas e uma barbicha em estilo imperial, muito apreciada por um grande número de franceses, porque era a moda lançada pelo imperador. E devia ter mais de quarenta, no mínimo. Estava bem vestido e usava no dedinho um anel de sinete com um rubi enorme.

— Antes de mais nada, vamos fazer o pedido — sugeriu ele. — Estou com alguma pressa.

— Anda muito ocupado?

— Ocupadíssimo. Hoje de manhã, a Bolsa está em alta, depois da

pasmaceira da semana passada.

Depois deu atenção ao cardápio, discutindo cada prato com o *maitre d'hôtel*. Finalmente, escolheu os vinhos. Achando que Linetta não teria preferências, fez o pedido para ela, como tinha feito com Blanche.

Linetta ficou contente por não precisar tomar uma decisão. Olhou em volta e percebeu que muitos homens observavam Blanche com in-disfarçável admiração.

— Fale-me agora de sua nova amiga — disse Bischoffsheim, assim que o garçom se afastou com o pedido.

Blanche contou-lhe a respeito da tia Tereza.

— Você não tem parentes na Inglaterra? — perguntou o homem.

— Não, *monsieur*, nenhum!

— O que acha que ela pode fazer, Bisch? Poderia ter sucesso no teatro? Garanto que, se eu insistisse, eles lhe dariam um papel pequeno em *Le Petit Faust*.

— Oh, não! — Linetta protestou. — Sou muito tímida. Além do mais, não quero trabalhar no teatro.

Bischoffsheim olhou-a com ar especulativo.

— Não creio que a carreira teatral seja a indicada para *mademoiselle* Falaise. Mas não há pressa. Depois de alguns dias em Paris, ela certamente encontrará outras ocupações mais adequadas.

— Nesse meio tempo, ela pode ficar comigo?

— Mas, é claro Blanche! Há muito lugar.

— Então, está decidido. — Virou-se para Linetta, com um sorriso. — Eu lhe disse que Bisch saberia o que fazer. Você fica comigo, até encontrarmos alguma coisa que lhe interesse.

— Não quero ser um estorvo. Achei que talvez fosse possível encontrar um lugar onde eu pudesse ensinar inglês. Talvez numa escola, ou numa casa de família.

Blanche deixou escapar um gritinho:

— *Non, non!* Pode imaginar uma coisa mais monótona, mais sem graça, do que ensinar crianças cansativas, filhos de outras pessoas? Além do mais, quanto ganharia? Nem mesmo o equivalente ao que gasto em grampos!

Bischoffsheim deu uma risada.

— Não é todo mundo, querida Blanche, que espera que grampos sejam de ouro de vinte e dois quilates, com brilhantes nas pontas.

— Você sabe o que quero dizer. Ela é bonita demais, Bisch, para perder tempo numa sala de aula.

— Concordo. E já disse que não há pressa. Leve tudo na calma, *mademoiselle*.

— Ora, chame-a de Linetta. *Mademoiselle* parece tão formal! Além do mais, é minha amiga, e você sabe que nunca sou formal, não é mesmo, Bisch?

— Às vezes, é lamentavelmente informal.

— Oh, não seja mau! Eu lhe pedi desculpa.

— Espero que esteja realmente arrependida e que não aconteça de novo — disse ele, agora sério.

Linetta achou que estava sobrando. Por aquela conversa, percebeu que Blanche e aquele homem deviam ser amigos muito íntimos. Esperava não estar sendo importuna.

Não deixou de notar que Blanche tinha pedido ao amigo licença para hospedá-la. Não pôde deixar de imaginar se, na realidade, sendo tão generoso com dinheiro, ele não teria ajudado Blanche a comprar a casa.

Ficou mais constrangida ainda, quando a atriz pôs a mão no braço de Bischoffsheim e disse:

— Por favor, Bisch, Linetta precisa de algumas roupas. Não posso levá-la comigo ao Bois, vestida desse jeito.

— Por favor... — protestou a moça. Blanche fez um gesto, impedindo-a de continuar.

— Já lhe disse que Bisch é o homem melhor e mais generoso do mundo. Não é mesmo, *mon cher ami*?

— Claro que sou. Encomende o que quiser para Linetta. Isso não me levará à falência?

— Eu não permitiria que mulher alguma fizesse tal coisa. A não ser eu!

— Blanche brincou. Segurou a mão dele. — Obrigada, Bisch.

O homem beijou a mão dela.

— Algum dia eu lhe recusei alguma coisa?

— Nunca! Por falar nisso, vi um colar maravilhoso no Oscar Massim.

— Iremos lá juntos mais tarde.

Saíram do restaurante às duas e meia. Lá pelas quatro, Linetta possuía o que achou o guarda-roupa mais extravagante e mais maravilhoso do mundo.

Blanche levou-a à casa de sua costureira, madame Laferrière, na rua

Taitbout. Madame compreendeu exatamente o que era preciso.

— *Mademoiselle* é muito jovem. Parece uma criança.

— Foi exatamente o que pensei — disse a atriz. — E é assim que ela deve se vestir.

Trouxeram vários tecidos: rendas, gazes, sedas, tules e, pelo fato de estarem em moda, lantejoulas brilhantes, franjas que pareciam chuva dourada, flores tão maravilhosas que Linetta mal pôde acreditar que eram artificiais.

Ficou sabendo que os vestidos muito enfeitados eram a última moda. Havia babados de tule, drapeados, fitas e, principalmente, muitas flores — lírios do vale, rosas, margaridas, orquídeas —, ou qualquer coisa que fizesse com que cada vestido parecesse um sonho, uma fantasia mais apropriada para o palco do que para uma visita ou uma recepção comum.

Finalmente, Linetta foi quase que “costurada” dentro de um traje que tinha sido feito para outra pessoa. Como por mágica, a costureira apareceu com luvas compridas, uma bolsa e até mesmo sandálias de cetim, muito diferentes dos sapatos cômodos que sempre tinha usado.

Depois de pronta, quase não se reconheceu. Mal podia acreditar que aquela criatura esbelta, refletida no espelho, usando anquinhos cobertos de babados e corpete justo, aquela criatura de cinturinha fina fosse ela!

O rosto também estava diferente. O chapéu, enfeitado com botões de rosa e uma renda que poderia ter sido feita por mãos de fada, fez com que seus olhos parecessem maiores e a expressão de surpresa, mais acentuada.

— Todo mundo vai querer saber quem é você — disse Blanche, quando se dirigiam para casa. — Vou só trocar de roupa e depois iremos para o Bois. Vamos na minha *drojky*, de modo que todos olharão para nós.

Linetta não sabia o que isso significava. Não conseguia entender nem a metade do que estava lhe acontecendo. Era tudo tão fantástico, tão extraordinário! Ainda não podia acreditar que Blanche fosse sobrinha de *mademoiselle*.

Quando a atriz apareceu com um vestido vermelho sensacional, e usando um chapeuzinho enfeitado de penas brancas, parecia pronta para entrar em cena. E a extravagante carruagem aberta que esperava as duas era um complemento sensacional.

— Sabe o que fiz, antes de partir para a Rússia? — perguntou Blanche, assim que se acomodaram. — Desfilei pelo Bois com uma procissão de trinta

e sete carruagens, cada uma levando uma de minhas toaletes! Imagine só! Trinta e sete toaletes e trinta e sete carruagens em desfile!

Linetta podia acreditar em qualquer coisa, e a *drojky* parecia fazer parte de um sonho, com seus entalhes e sua pintura. O cocheiro, de blusa de seda vermelha e calções brancos, controlava os quatro fogosos cavalos ucranianos.

Todo o mundo virou a cabeça para ver Blanche e sua companheira, assim que elas entraram na avenida de l'Impératrice, em direção ao Bois de Boulogne.

— *Le tout Paris* estará lá — disse a atriz toda satisfeita. — E ninguém, ninguém, Linetta, fará mais sensação do que nós!

CAPÍTULO III

Linetta não conseguiu dormir.

Quando foi para a cama, estava tão exausta, que pensou que logo pegaria no sono. Mas, assim que pôs a cabeça no travesseiro, começou a relembrar os acontecimentos fantásticos, inacreditáveis daquele dia, revivendo o clima de excitação.

Em primeiro lugar, o passeio pelo Bois de Boulogne. Nunca imaginou que tanta coisa elegante, colorida e luxuosa pudesse estar reunida sob as árvores, que já começavam a ficar verdes com a chegada da primavera.

Havia homens bonitos, acompanhando mulheres elegantes, vestidas de maneira extravagante, como Linetta jamais achou possível, nem mesmo em seus sonhos mais estranhos.

Passeavam em cupês, vitórias, carruagens de quatro rodas ou em pequenas carruagens de vime puxadas por pôneis e enfeitadas com as cores das cocheiras particulares dos donos. O conjunto era um poema de movimento e de brilho.

Havia também tandens, delicados como o mecanismo de um relógio, e outras carruagens aristocráticas feitas para competir com as caleças puxadas por cavalos baios que pertenciam a senhoras elegantes, com as quais Blanche se dava intimamente.

Essas senhoras pareciam, a Linetta, aves do paraíso. Ficou muito admirada não só com sua aparência, como também com os detalhes da sua vida privada, com os quais Blanche a regalava.

— Aquela ali é Cora Pearl.

Linetta viu uma senhora com um vestido cor de esmeralda, numa caleça com estofamento da mesma cor. Não era nada bonita. Na realidade, achou-a bem comum, mas Blanche disse que tinha amigos muito importantes.

— Cora é uma das atrações de Paris. Seu *cher ami* foi o duque de Mornay, meio-irmão do imperador. Mas ele morreu, e agora Cora está sob a proteção real, por assim dizer!

Fez uma pausa, e Linetta ficou imaginando o que queria dizer com *cher ami*. Teria Cora sido noiva do duque de Mornay? Era pouco provável que um membro da realeza tivesse permissão para casar com uma plebéia, por

mais rica que fosse.

— Cora sempre tem sorte! — continuou Blanche, com uma pontinha de inveja. — O príncipe Napoleão não só lhe deu a chave do palácio real, como comprou para ela duas casas, sendo a última na rua das Bassins.

Linetta não tinha a mínima idéia do que isso significava.

— Quem é o príncipe Napoleão?

— Primo do imperador. E um dos homens mais alegres, mais irresistíveis, mais atraentes de Paris. — Deixou escapar um suspiro e continuou: — Cora é tão rica, que só suas jóias valem um milhão de francos. Seus jantares, bailes de máscara e ceias são mais suntuosos do que os que qualquer uma de nós poderá jamais oferecer.

— A Srta. Cora é atriz? Blanche deu uma risada.

— Há dois anos, ela apareceu na Théâtre des Bouffes-Parisiens, mas não teve sucesso.

— Por que não?

— Não sabia representar, mas estava coberta de brilhantes! Os botões de suas botas eram brilhantes grandes, sem jaca. No fim da representação, ela se atirou no chão, de costas, e levantou as pernas.

— Para quê?

— Para mostrar à platéia que as solas das botas estavam cravejadas de brilhantes!

Linetta ficou sem fôlego.

— Agora, ela tem camarote no teatro e contenta-se em criticar os que sabem representar.

Nesta mesma noite, Linetta teve oportunidade de julgar, pessoalmente, o talento de Blanche como atriz.

Voltaram do Bois ainda a tempo de descansar durante meia hora. Depois, usando o vestido de noite que tinha chegado da loja de madame Laferrière, Linetta ficou esperando no salão, até Blanche descer para irem para o teatro.

Enquanto a carruagem seguia pelas ruas, Linetta viu os globos de luz a gás que iluminavam as pessoas que andavam nas calçadas. Havia também uma iluminação brilhante no lado de fora dos cafés abarrotados de gente.

Quando Blanche desceu diante da porta principal do teatro, ouviram-se vivas. A atriz sorriu, acenou e entrou no vasto saguão pavimentado de mármore.

Blanche nunca usava a entrada dos fundos exclusiva dos atores, preferindo fazer sua entrada pela frente. Isso permitia aos que haviam chegado mais cedo vê-la antes que se “despisse” para o papel, conforme dizia.

Seguindo atrás dela, Linetta notou que agora a platéia era muito diferente do poço escuro que lhe pareceu no ensaio. Agora, tudo brilhava. Um lustre grande de cristal, iluminado a gás, pendia do teto abobadado. O estofamento das cadeiras, que havia parecido tão sombrio de manhã, agora tinha um lindo tom rubi. Os ornamentos dourados brilhavam, e até mesmo as pinturas toscas do teto pareciam artísticas. Pesadas cortinas rubras, muito ricas, fechavam o palco.

Os músicos afinavam os instrumentos; os espectadores se calaram, quando Blanche apareceu, e depois romperam numa salva de palmas.

Linetta notou que havia muitos homens de pé, nos corredores laterais da platéia. Usavam colete decotado e gardênia na lapela; as mãos enluvadas seguravam binóculos.

Linetta sabia que ficaria no camarote do Sr. Bischoffsheim. Ao entrar, o banqueiro levantou e lhe ofereceu o melhor lugar, na frente, para que não perdesse nada do espetáculo.

Linetta olhou à volta. As luzes da ribalta estavam agora acesas, os espectadores se instalavam em seus lugares e a *overture* foi ouvida. Muita gente tinha que levantar para dar passagem aos retardatários e ouviram-se vários “psiu”, vindos das galerias.

Sentiu uma onda de excitação, e o mesmo aconteceu com o público. Todos esperavam para ver Blanche!

— É muito emocionante — murmurou para o Sr. Bischoffsheim, achando que devia demonstrar que estava gostando de tudo aquilo.

— É a primeira vez que vem a um teatro, à noite?

— É, sim. Mas fui a duas matinês, assistir a peças de Shakespeare. O banqueiro pareceu achar isso divertido.

— Vai ver que este espetáculo é um pouco diferente.

Era de fato tão diferente, que Linetta ficou perplexa e confusa. Para seu gosto, a opereta era muito romântica e excitante.

Quando viu Blanche fazer sua entrada triunfal como Frédégonde, mal pôde acreditar que alguém ousasse aparecer em público usando tão pouca roupa.

Dizer que ela ficou escandalizada seria pouco! Blanche na verdade estava com menos roupa do que quando saiu da cama de manhã, com aquela camisola transparente. A única diferença era que toda ela brilhava.

Estava coberta de diamantes. Em volta do pescoço, nos cabelos... e Linetta pôde compreender, à medida que o espetáculo continuava, a vibração da platéia. Blanche não parecia apenas uma taça de champanhe espumante; cintilava e intoxicava, só pelo fato de ser ela mesma.

Assim como aconteceu no ensaio, parecia iluminar todo o teatro com sua exuberância e vitalidade. Seminua, cantando, atirou no rosto do herói os brilhantes e o cinto de pedrarias que ele lhe dera.

Ao fulgor das luzes, pareceu mais ainda uma deusa lasciva, saída de um quadro.

Terminado o espetáculo, grandes cestas e buquês de flores foram levados para o palco e Blanche foi chamada muitas vezes pelo público encantado.

Depois, o banqueiro as levou para a avenida de Friedland e, embora Linetta achasse que já era muito tarde, jantaram.

Não tinha tido tempo de visitar o resto da casa, mas agora via a vasta sala de jantar, decorada em luxuoso estilo Luís XVI.

Havia quatro estátuas de mármore branco, de mulheres com seios descobertos, sustentado lâmpadas; vasos *cloisonné* e vasos de bronze, cheios de flores; tapeçarias Gobelin; um imenso aparador cheio de peças de prata antiga. A mesa estava iluminada por candelabros de prata, cada qual com quinze velas, e decorada com orquídeas e enfeites de ouro. O champanhe foi servido em taças com borda de prata, cada uma representando a cabeça de um animal.

Mas não houve muito tempo para Linetta examinar o ambiente, pois a sala logo se encheu de convidados, que vinham do teatro. Foi apresentada a eles, mas não conseguiu guardar os nomes de tanta gente.

Os homens de casaca e camisa branca a impressionaram, e ela achou que as mulheres podiam posar como deusas ou bacantes. Mas não tardou a perceber que a perfeição da pele e o vermelho dos lábios tinham sido conseguidos à custa de cosméticos.

Nunca tinha visto uma mulher maquilada, mas aceitou isto como sendo um costume parisiense, não devendo fazer comparações com a severidade das senhoras inglesas que conhecia.

Atrás de cada cadeira, na sala de jantar, havia um laçao de cabeleira empoada, usando a libré especial de Blanche, de um azul-vivo com galões prateados.

O cavalheiro ao lado de Linetta disse que a comida era excepcional. Muito inexperiente para fazer discriminações, ela apenas achou deliciosa!

Serviram vodca e caviar.

— Esta é a única casa onde servem caviar com fartura — observou um homem de meia-idade, que Linetta sabia, vagamente, ser um duque;

O homem se serviu três vezes, ao passo que ela, que nunca tinha experimentado caviar, se serviu de uma pequena porção, comendo-a com cuidado.

Depois da *terrinerie de foie gras*, ofereceram lagosta e faisão em *galantine*.

— Faisão! Como é que alguém pode comer uma ave tão bonita?

— É uma especialidade, minha querida — replicou o duque. — E as especialidades, assim como a nossa anfitriã, custam caro! Mas o anfitrião pode se dar ao luxo de ambas as coisas.

Linetta olhou para a ponta da mesa, onde o banqueiro presidia ao jantar. Blanche estava sentada na outra ponta, de frente para ele.

— Uma coisa posso dizer a respeito de Bischoffsheim — continuou o duque. Linetta teve impressão de que ele se dirigia mais a si mesmo do que a ela. — Sabe escolher um bom vinho. Este Château-Yquem é excelente. Eu ficaria admirado se não fosse seguido por um Château-Lafite.

Inúmeros copos de cristal, com as iniciais de Blanche, estavam à frente de Linetta, mas ela tomou apenas uns golinhos de um deles, porque sentia sede. Quando os copos foram retirados, os dela continuavam quase cheios.

À medida que o jantar prosseguia e as cabeças de animais de cristal eram enchidos e reenchidos de champanhe, as vozes e os risos foram ficando cada vez mais altos.

Linetta teve a impressão de que as senhoras flertavam abertamente com os cavalheiros, seus vizinhos de mesa.

Os decotes dos vestidos eram muito ousados; quando elas se inclinavam, muita coisa era revelada... e isso fez com que corasse várias vezes.

Ouviu os trechos de conversas e distinguiu os nomes Houssaye e Banville; achou que eram escritores.

O jantar pareceu eterno.

Finalmente, regados a *marsala* e xerez, chegaram *jraises au kirsch* e *mille-feuilles Pompadour*.

Depois, com o café, Linetta viu, atônita, que não só os homens acendiam charutos, como Blanche e outras senhoras acendiam cigarros!

Nunca, em toda a vida, imaginou que um dia veria uma mulher fumar!

Era-lhe fácil observar aquelas beldades que sopravam fumaça sem saber que estavam sendo examinadas, porque todo mundo, com exceção de Linetta, conversava animadamente.

As conversas eram entremeadas de risos, beijos dados em mãos brancas ou palavras sussurradas em orelhas com brincos de brilhantes.

Foi o Sr. Bischoffsheim que percebeu que ela estava calada e com muito sono.

Ao se dirigir para Blanche, na outra extremidade da mesa, ele parou perto de Linetta e pôs a mão em seu ombro.

— Você teve um dia cansativo, menina. É melhor ouvir meu conselho, sair de mansinho e ir para a cama.

— Obrigada. Estou mesmo com sono.

— Então, *dormez bien*.

Afastou-se e Linetta levantou. Ninguém pareceu notar seus movimentos. Quando chegou à porta, olhou para trás. O banqueiro estava atrás da cadeira de Blanche e ela o viu se inclinar e beijar o ombro nu da atriz. Era um gesto que a teria surpreendido, mesmo que estivessem sozinhos.

Mas no meio de tanta gente, deixou-a atônita, a ponto de continuar parada na porta, de olhos arregalados.

Depois notou que o banqueiro não era o único homem a acariciar as senhoras atraentes, de vestidos decotados. Muito constrangida, escapuliu e subiu a escada correndo, em direção a seu quarto.

No escuro, lembrou o que tinha visto e achou que tanto sua mãe quanto *mademoiselle* teriam ficado escandalizadas.

A governanta falava da sobrinha como uma moça quieta, meiga, que gostava da vida campestre. Como poderia imaginar, por um momento sequer, que a artista bonita e extravagante era a Marie-Ernestine que conhecia e amava?

Linetta disse a si mesma que não devia criticar ninguém. Aquele não era apenas o mundo do teatro, do qual nada sabia; era Paris! Os franceses

eram diferentes dos sérios e controlados ingleses.

Mamãe era francesa, mas veio da Normandia, pensou ela. Além do mais, morou na Inglaterra a maior parte da vida.

Desejou que houvesse alguém que pudesse lhe explicar tudo, que lhe dissesse que papel deveria representar nessa vida estranha, fascinante, que até então nem sabia que existia.

Pensou nos vestidos pendurados em seu armário e nos outros que Blanche tinha encomendado para ela; pensou nas finas roupas de baixo de seda, nas sandálias de cetim, nas luvas e bolsas caras. Tinha um guarda-roupa que devia ter custado uma fortuna e que lhe havia sido dado porque Blanche era bondosa e o banqueiro, um homem generoso. Mas um presente tão valioso a deixava embaraçada.

Tinha certeza de que não devia aceitar isso de um estranho. Mas, qual a alternativa?

Era muito difícil compreender.

Linetta achava que, se pudesse falar com alguém como o marquês, ele lhe diria o que fazer, assim como o que era errado ou certo.

Ao pensar nele, viu-o nitidamente, dirigindo-se para bordo, sorrindo para ela na cabine do navio e depois arranjando um compartimento no trem para viajar tranqüila.

Tinha se sentido segura e protegida ao lado dele.

Mais ainda, era-lhe impossível esquecer o rosto bonito; os ombros largos e a maneira atlética com que se movia.

— Não havia hoje na festa nenhum homem que se comparasse a ele, que parecesse tão distinto e elegante! — disse em voz alta. E ficou imaginando se o veria novamente ou se o marquês lembraria dela.

O teatro, a festa, até mesmo as roupas novas foram esquecidos. Adormeceu pensando no marquês.

Na realidade, o marquês tinha pensado em Linetta não uma, mas várias vezes, naquele dia.

Quando o trem chegou na Gare du Nord, ele mandou o criado ajudá-la com a bagagem e saber se os amigos tinham vindo esperá-la.

O criado voltou dizendo que o vagão de Linetta estava vazio e que não havia sinal da moça em parte alguma.

— Com certeza, os amigos a levaram logo embora.

Várias vezes durante o dia, pensou no rosto infantil de Linetta e no

medo que tinha demonstrado quando foi para a cabine dele. Não devia viajar sozinha, pensou, procurando afastá-la do pensamento, mas achando isso difícil.

Desejou que Paris não a estragasse muito depressa. Havia nela qualquer coisa de ingênuo que raras vezes tinha encontrado nas jovens que conhecia.

Em todo o caso, tinha muito trabalho a fazer em Paris.

Antes de sair da Inglaterra, havia sido chamado por Gladstone à rua Downing, número dez.

O marquês não ficou admirado, porque, antes de herdar o título, tinha pertencido ao serviço diplomático e, em várias ocasiões, seu conhecimento dos países europeus foi útil ao primeiro-ministro.

Aos sessenta anos, Gladstone era um homem alto, com um perfil forte, boca firme e queixo saliente. Tinha uma tremenda energia que lhe permitia trabalhar até dezesseis horas por dia. Como orador, sabia empolgar a Câmara dos Comuns, ou uma reunião pública. Suas principais características eram o amor à religião e o amor ao direito. Era modesto e freqüentemente atribuía seus sucessos a um poder superior.

O marquês admirava-o.

— Ouvi dizer que você vai à França, Darlestone — disse o primeiro-ministro.

— Vou, senhor.

— Então, quero que você faça uma coisa paia mim.

— Com muito prazer.

— Conhece bem Paris e creio que é amigo do imperador.

O marquês não tinha necessidade de responder. Gladstone não estava fazendo uma pergunta, mas uma constatação.

— Tenho a impressão de que a França se aproxima de uma crise — continuou o primeiro-ministro.

— Acha que podem entrar em guerra, novamente?

— Exatamente! Desde a batalha de Sadowa, quando a Prússia derrotou a Áustria, o equilíbrio de poder na Europa mudou. A França está agora ciente do desafio prussiano à sua grandeza.

— Ouvi dizer que a imprensa francesa está começando a incitar um sentimento bélico. Seria difícil para o governo francês observar, de braços cruzados, a Prússia se unir à Alemanha.

— É isso o que me diz o nosso embaixador. Ao mesmo tempo, o imperador está com sessenta e um anos e doente. Será possível que realmente deseje uma guerra?

— O imperador, não. A imperatriz, sim!

— É exatamente isso que quero que investigue. Contaram-me que o imperador está sendo empurrado, não apenas pela mulher, como também por seu ministro do exterior, o duque de Grammont. Mas quero saber a história certa e acho que você, e somente você, poderá obtê-la para mim.

— Farei o possível, primeiro-ministro.

— Mande-me, pela mala diplomática, qualquer coisa que descobrir. E obrigado, Darlestone, por sua assistência.

Antes que o marquês sáísse, o primeiro-ministro lhe entregou uns relatórios confidenciais sobre os principais membros do governo francês e da *entourage* direta do imperador.

A maioria dos dados estava correta, embora ele achasse que sabia muito mais a respeito de certos personagens do que os diplomatas informavam.

Apesar de o primeiro-ministro o considerar um amigo do imperador, o marquês se sentia, na realidade, mais ligado ao príncipe Napoleão, considerado o homem mais controvertido, mais dotado e mais significativo do Segundo Império.

Como Alteza Imperial e senador, as crenças políticas do príncipe eram um problema para o primo, que achava sua personalidade tão controvertida como seus discursos.

O marechal Canrobert se negara a dar-lhe o comando das tropas de assalto, em Sebastapol. Aborrecido com isso e com todo o indeciso desenrolar da campanha, o príncipe Napoleão abandonou a Criméia e voltou para Paris.

Foi acusado de covardia.

Isto não parecia perturbá-lo, nem alterou sua notória antipatia pela imperatriz e sua atitude independente em relação ao imperador.

Mas sua vida privada se tornou ainda mais escandalosa do que no passado. Tinha inúmeras amantes e exibia-as por toda Paris.

Sua esposa, a monótona, virtuosa e muito religiosa princesa Clotilde, que lhe dera três filhos, estava sempre cuidando de obras de caridade e sempre pronta a perdoar.

— Ela é a mulher mais santa que já conheci na vida — disse alguém ao

marquês. — Mas o príncipe continua sendo o que prefere ser: solteiro. De manhã, há sempre uma ou duas saias de baixo jogadas em seu apartamento particular.

Foi devido à sua amizade com o príncipe Napoleão que o marquês ficou conhecendo, na primeira vez que foi a Paris, o *demi-monde* que tinha feito do Segundo Império a “Era Dourada das Cortesãs”.

Havia em Paris mais ou menos uma dúzia delas, e todas tinham conseguido juntar imensas fortunas, possuindo objetos que fariam com que os tesouros das Tulherias parecessem insignificantes.

Alfonse de Rothschild disse a uma delas:

— Depois de ter ido ao seu *hotel*, o meu me parece uma espelunca! *Hotel* era a designação francesa para as vastas casas na cidade, assim como para as mansões ocupadas pelas *grandes horizontales*, como aquelas mulheres eram chamadas.

Sempre que ia a Paris, o marquês procurava La Paiva, talvez a mais rica e a mais fantástica de todas essas mulheres. Seu principal amante era Herchel Von Donnesmarck, bem conhecido de Bismarck, e o marquês sabia que ela conspirava com os prussianos.

Russa de nascimento, La Paiva odiava a França, porque achava que ali a haviam insultado em sua ascensão à fama. Assim sendo, fazia todo o possível para tornar sua casa nos Champs Élysées um centro de espionagem prussiano.

O marquês achou que seria interessante ouvir a opinião de La Paiva a respeito da situação presente; também tinha intenção de visitar Cora Pearl. Entre os amantes de Cora, estavam o príncipe de Orange, herdeiro do trono dos Países Baixos, e o próprio príncipe Napoleão.

O marquês era *persona-grata* com o *demi-monde*, assim como com a realeza, não apenas devido a seu título, como também por causa de seu encanto pessoal e de seu treino diplomático, que lhe abria todas as portas.

Ele sabia, entretanto, que o correto era ir primeiro prestar suas homenagens ao imperador, que já estava informado de sua viagem à França.

Não ficou admirado quando ao chegar encontrou um convite para jantar nas Tulherias. Não era um programa que o marquês visse com grande entusiasmo.

O jantar era servido às sete e meia. As sete e vinte, quando Napoleão III e a imperatriz entraram no Salão das Tapeçarias, ele já os esperava, junto

com o ajudante-de-ordens do imperador, seu tesoureiro, o oficial do dia, o chefe do cerimonial e duas damas de honra.

O imperador cumprimentou-os com prazer e a imperatriz se mostrou delicada, mas um tanto fria.

Quando se tratava de um jantar informal, como o de hoje — pois o marquês era um amigo íntimo —, o príncipe imperial costumava estar presente. Desde os oito anos, ele tinha licença de jantar com os pais. Era um prazer duvidoso, pois teria preferido ficar com seus peixes e sua lanterna mágica.

Além do príncipe, estavam presentes dois primos do imperador e uma amiga espanhola da imperatriz, recém-chegada a Paris.

Como sempre, a mesa estava coberta de vasos de prata cheios de flores fornecidas por Bourjon, o florista local. Havia candelabros de prata e, em bases também de prata, arranjos de frutas, pratos de *petitjourns* e *compotiers*.

A imperatriz tinha ali o seu criado núbio, Scander. Com seus trajes bordados a ouro, Scander parecia uma figura exótica de algum quadro do século dezoito. Dava ao ambiente uma nota teatral que sempre fazia com que o marquês se sentisse num palco.

Mas tanto ele quanto as outras pessoas sabiam que teriam duas horas e meia de imenso tédio. O imperador gostava de conversar ao jantar, só que, na realidade, havia pouca coisa que pudesse dizer. A política, nacional e internacional, era assunto proibido na frente dos empregados. A arte e a literatura não eram assuntos considerados socialmente aceitos e, em todo o caso, nem o imperador nem a imperatriz entendiam muito disso.

A refeição, escolhida pelo general Rollin, era sem graça, sem imaginação e, como alguém tinha dito certa vez, “simples, farta e um pouco antiquada como a de um hotel consciencioso”.

Quando terminaram, voltaram para o salão.

Finalmente, o imperador pôde chamar o marquês para um lado e conversar com ele sem serem ouvidos.

— Fale-me sobre Londres. — Havia em sua voz uma ansiedade que denunciava que às vezes sentia saudade da vida livre que tinha levado na Inglaterra, quando lá esteve, exilado.

Naquela ocasião, ele não tinha dinheiro, a não ser o que pedia emprestado ou o que lhe davam, mas pelo menos estava livre da pompa e do cerimonial que tanto o irritavam.

Sabendo o que era esperado dele, o marquês falou dos amigos que Napoleão tinha feito nos clubes de St. Jame's Street e da rainha Vitória, que ele achava fascinante. Pouco a pouco, chegou ao assunto que lhe interessava.

– Vejo que a França está gozando de prosperidade e de paz, Alteza.

Teve a impressão de que a expressão do imperador se tornou sombria.

– No momento presente.

– Na Inglaterra, esperamos que seja para sempre!

Napoleão encolheu os ombros, num gesto que o marquês interpretou como de desânimo.

– O duque de Grammont nos preveniu quanto ao crescimento do poderio militar da Prússia.

– Acho que a França não devia sofrer por causa de guerras, neste momento de sua história – aventurou-se o marquês.

– É também a minha opinião. Numa guerra, ninguém ganha... ninguém!

Não houve mais oportunidade de conversarem, pois eram quase dez horas e o marquês sabia que devia se despedir. Mas tinha ouvido o que esperara ouvir. Como o primeiro-ministro previa, o imperador não desejava uma guerra, mas que era bem possível que se visse obrigado a isso.

Os criados tinham trazido chá e o marquês aceitou uma xícara, servida pela imperatriz. Depois, aliviado, pôde se despedir e ir ao encontro dos amigos.

O duque de Rochfort ia levá-lo a uma festa dada por uma das grandes cortesãs, Léonide Leblanc, apelidada “Madame Maximum”, devido ao grande número de amantes que tinha.

Era muito bonita, espirituosa e ambiciosa, e tinha transformado a *galanterie* numa verdadeira arte.

A festa ia realizar-se no Grand Seize, a célebre Sala Dezesesseis do Café Anglais. Os convidados de Léonide eram as mulheres mais lindas de Paris e os homens mais notórios. Haveria mesas de bazar, e talvez a anfitriã representasse um *Sketch* com Sarah Bernhardt. Ou talvez Adelina Patti cantasse.

Léonide não era apenas uma atriz. Tinha escrito um livro que teve três edições num ano. Seu amante atual era o duque d'Aumale; Georges Clemenceau também era seu grande admirador.

O marquês antegozava a noite, agora que cumprira seu dever nas

Tulherias. Mas, quando se dirigia para o Café Anglais, tornou a pensar em Linetta. Ficou imaginando como seriam os amigos com que ela estava e que lado da vida de Paris iria ver.

Tinha certeza de que Linetta freqüentaria um tipo de sociedade muito diferente. A classe média alta e aqueles que tinham pertencido ao antigo regime eram muito severos em sua atitude para com a nova sociedade.

De certo modo, o marquês se arrependia de não ter feito mais perguntas a Linetta. Teria sido interessante conhecer suas reações.

Depois, achou que já havia perdido tempo demais com uma jovem que mal conhecia.

Mas, estranhamente, via o rostinho miúdo e a expressão dos olhos grandes, azul-acinzentados, e ouvia a voz de Linetta perguntando-lhe se podia ficar na cabine por alguns momentos.

— Alguém devia tê-la acompanhado — disse em voz alta.

Por que ainda se preocupava pelo fato de ela ser tão vulnerável aos insultos daqueles que a achariam irresistível?

Quando acordou, de manhã, Linetta viu que ainda era muito cedo, a julgar pelos hábitos franceses.

A criada que a ajudou a se despir depois da festa tinha perguntado se queria o café da manhã às nove e meia, ou se preferia tocar a campainha quando acordasse.

— Às nove e meia? Mas não está todo mundo acordado, antes disso?

— Madame, não. Ela raramente se deita antes das duas ou três da manhã. E gosta de dormir. A senhorita não a verá antes das dez horas. Provavelmente, mais tarde.

Vendo a expressão de surpresa de Linetta, explicou:

— A manhã de hoje foi uma exceção. Madame foi deitar, ontem à noite, assim que chegou do teatro. Isso é muito raro.

Finalmente, Linetta concordou que a empregada trouxesse seu desjejum às nove e meia.

Acordou as oito e, não podendo ficar quieta na cama, levantou, abriu as cortinas e olhou para os telhados ensolarados de Paris.

A casa tinha um jardimzinho nos fundos, todo florido. Ficou imaginando se incomodaria alguém, se descesse antes do café e fosse andar pelo jardim. Depois, achou que estava nervosa demais para fazer isto.

Os criados certamente não a esperavam. Lembrou que, ao chegar, o

lacaio que abriu a porta estava sem paletó! Além do mais, sempre havia o perigo de perturbar Blanche.

Vestiu-se e ficou esperando até que a empregada lhe trouxesse o café, com a notícia de que Blanche estava acordada e a esperava dali a um quarto de hora.

Usando o vestido bonito da véspera, Linetta foi até o quarto da atriz.

Quando entrou, a amiga afastou para um lado a bandeja onde havia café e *croissants*.

— Venha sentar aqui — disse, em voz alegre e animada. — Uma amiga vem me visitar hoje de manhã e quero que você a conheça. Ela esteve aqui no jantar de ontem e disse que voltaria hoje cedo, para podermos conversar sobre o seu futuro, Linetta.

— É muita bondade sua se dar a tanto trabalho. Estive pensando sobre o que posso fazer e, embora você seja contra eu ensinar, acho que é a única coisa que me resta.

— Garanto que Marguerite Bellanger tem outras idéias. Ela é muito bonita e meiga. Para dizer a verdade, é uma das poucas amigas que tenho.

— O que é que ela faz? — perguntou Linetta, achando que Marguerite devia ser também atriz.

Houve um momento de silêncio. Blanche parecia pensar na resposta a dar.

— Marguerite dá festas encantadoras. Tenho certeza de que a convidará para uma delas e de que você vai gostar muito.

Não contou que Marguerite tinha sido amante do imperador, até a imperatriz convencê-la a desistir do caso.

A história do encontro dos dois era muito romântica.

Marguerite, que era de origem humilde, tinha vindo para Paris para tentar a sorte numa peça de Dumas, pai, num teatrinho da rua de la Tour d'Auverge.

Não obteve sucesso. Era desajeitada e o público, barulhento e exigente. Abandonou a carreira teatral e, lá por 1862, se tornou uma cortesã de segunda categoria. Era bonita, robusta, alegre e, assim como Blanche, irradiava vitalidade e saúde.

Certo dia, estava se abrigando da chuva, em St. Cloud. Tinha ido até lá seguindo um amante que fazia parte da Casa Real, quando o imperador passou de carruagem e a viu.

Achando-a atraente, atirou-lhe uma manta.

No dia seguinte, Marguerite pediu uma audiência com Sua Majestade, alegando que tinha um recado pessoal e urgente para ele. O imperador ficou fascinado com o pedido e, no mesmo dia, Marguerite se tornou sua amante.

Com suas manias de rapazinho travesso e sua refrescante alegria, ela encantava um imperador entediado.

Depois da rígida etiqueta da corte, ele apreciava a espontaneidade e a naturalidade daquela mulher.

A ligação durou quase dois anos.

Por intermédio de seu secretário, o imperador comprou para ela um *hotel* na rua de Vignes, em Poissy, e ia visitá-la com frequência.

Marguerite logo inaugurou um salão, muito freqüentado. Lá iam ministros, senadores, atores, diplomatas, militares, escritores.

Marguerite apreciava cada momento...

Mandou gravar, em seu papel de carta, uma margarida de pétalas prateadas e miolo dourado, com o lema: “Quem espera sempre alcança”.

Mas o sucesso lhe subiu à cabeça.

Foi a Vichy, atrás do imperador, e certa vez, em plena luz do dia, chegou de carruagem ao chalé, onde ele presidia um conselho de ministros.

Foi para Biarritz e, quando a corte se instalou em St. Cloud. Marguerite ficou numa casa pequena que dava para o parque particular e tinha uma porta secreta, usada pelo imperador.

Descobrindo que essa ligação do marido estava longe de ser casual, a imperatriz começou a ficar aborrecida e isso aconteceu também com outras pessoas. Os cortesãos e os estadistas tinham certeza de que Mocquard, o secretário do imperador, se servia de Marguerite para influenciá-lo.

Em outubro de 1864, o imperador foi levado para o palácio, da casa de Marguerite na rua des Vignes, em estado de total colapso. A imperatriz resolveu, então, que o romance precisava acabar. A França não podia arriscar a saúde de seu governante por causa de uma *cocotte*.

A imperatriz foi visitar Marguerite, disse-lhe que ela estava matando seu marido e insistiu para que terminasse a ligação. No início de 1865, uma das confidentes da imperatriz escreveu a uma amiga: “César não pensa mais em Cleópatra”.

Mas aqueles que conheciam bem Paris ficaram sabendo que em fevereiro de 1864 nasceu uma criança na casa da rua des Vignes. Foi

registrada como Charles-Jules-Augustus-François-Marie, de pai e mãe desconhecidos.

Entre as quatro assinaturas do documento, estava a da prima do imperador, a princesa Mathilde.

Quando o caso terminou, Marguerite possuía uma grande fortuna, um *hotel* em Paris, um castelo no campo e inúmeros admiradores.

Não havia dúvida de que o fato de ter sido a última amante importante do imperador lhe conferiu uma auréola de charme que a acompanhou para sempre.

Mas Blanche achou que esse não era o tipo de história que contaria a Linetta. Ao mesmo tempo, achava que cedo ou tarde a garota teria que acordar para os fatos da vida. Por isso tinha pedido a Marguerite que viesse visitá-la: para discutir o futuro de sua hóspede.

Marguerite Bellanger chegou, muito bem vestida, embora seu traje não fosse tão espetacular como os que Blanche costumava usar.

Aos vinte e nove anos, estava no apogeu da beleza e ainda tinha a franqueza alegre que atraía o imperador. Seu sorriso era quente e espontâneo, de modo que, instintivamente, todo mundo gostava dela.

— Blanche esteve me falando a seu respeito — disse a Linetta. — Você veio para Paris na hora certa! Aqui é tudo tão divertido!

Tirou o chapéu elegante, cheio de penas esvoaçantes, e sentou-se numa cadeira confortável. Parecia muito francesa e sofisticada, mas ao mesmo tempo tinha um ar jovem que fez com que Linetta achasse que era quase uma mocinha.

— Ontem à noite, eu lhe disse que precisávamos discutir o futuro de Linetta — explicou Blanche, ainda na cama. — Minha tia mandou que Linetta me procurasse e quero fazer o que for melhor para ela.

— Mas, claro, Blanche! Você sempre procura ajudar os outros. — Virou-se para Linetta. — Não existe pessoa mais bondosa e nem mais generosa do que Blanche. Ela não pode ver um cão faminto, na rua, sem chorar. E é capaz de tirar dos ombros o agasalho de pele para dá-lo a uma criança pobre.

— Ela foi muito boa para mim.

— Você não vai encontrar em Paris muita gente que seja boa para você! — declarou Marguerite, em tom enigmático.

— Linetta está sempre me dizendo que precisa ganhar a vida

ensinando inglês. Você pode imaginar coisa mais opressiva ou mais frustrante do que lidar com os filhos dos outros?

Marguerite soltou um suspirozinho.

– Tão diferentes dos nossos!

– Como vai Charles? – perguntou Blanche. O olhar da outra se iluminou.

– Ele é um encanto! Fez cinco anos, há dois meses. Ura dia, quando você estiver mais livre, eu o trarei aqui.

– Eu gostaria muito.

– Talvez eu pudesse ensinar inglês ao seu filhinho – sugeriu Linetta.

Marguerite sacudiu a cabeça.

– Basta que aprenda a falar bem o francês. As pessoas que cuidam dele tomaram uma babá que veio de Provence. É uma excelente mulher, mas, oh! as expressões que usa!... E a pronúncia dela! É deplorável!

Linetta não quis insistir e dizer que poderia corrigir isso. Além do mais, Marguerite estava mais interessada nela do que no próprio filho. Disse a Blanche:

– Ontem, estive observando Linetta. Sabe que é linda? Muito mais bonita do que a maioria de nossas amigas.

– Foi o que pensei. E é um tipo de beleza diferente; único, à sua maneira.

– O nariz é aristocrático. Os olhos, misteriosos! Os cabelos são como o sol da primavera.

Linetta estava constrangida e percebeu o sorriso das outras duas,

– Acho que estamos pensando a mesma coisa – disse finalmente Blanche.

– Devo dizer o que é, ou você diz?

– Acho que você saberá se expressar melhor. Afinal, precisamos convencê-la de que é a melhor solução possível.

Qualquer coisa no tom de voz de Blanche fez com que Linetta ficasse apreensiva.

– Que está acontecendo? Que é que estão planejando para mim? Marguerite hesitou um momento.

– Você é bonita demais, Linetta, para encontrar emprego em Paris. Em primeiro lugar, nenhuma senhora a tomaria como professora dos filhos.

– Por que não ?

— Porque provavelmente você chamaria a atenção não só dos filhos da casa, como também do patrão. E, talvez, até do queridinho de madame!

— Isso é absurdo!

— Infelizmente, é a verdade. Talvez as coisas sejam diferentes na Inglaterra, mas, na França. ... mesmo que você conseguisse emprego numa casa de família... duvido que durasse uma semana!

Linetta olhou para Blanche, consternada.

— É verdade?

— Marguerite sabe o que está falando. Ela conhece a melhor sociedade do país!

— É verdade. Portanto, Linetta, deixe-me dizer-lhe que há apenas um tipo de vida para você.

— E qual é ele?

— Você precisa se tornar... e não será difícil, com sua aparência uma *grande cocote*.

Linetta arregalou os olhos.

— Que significa isso? Acho que nunca ouvi falar!

CAPÍTULO IV

Houve um súbito silêncio e os olhos das duas amigas se encontraram.

— Explique a ela — disse Blanche, suavemente.

Reclinou-se nos travesseiros de fronhas enfeitadas de rendas e ficou observando o rosto de Linetta.

A jovem era linda; talvez linda demais para a vida que estavam sugerindo para ela. Mas, pelo menos, com o auxílio de Marguerite e o dela, começaria pelo alto.

Não teria que sofrer o que Blanche havia sofrido, quando aos quatorze anos, foi levada para Closerie de Lilás por um jovem balconista.

Ali, nos jardins bem iluminados, excitada pelo vinho e pelo cheiro de charutos e de perfume, tinha dançado o canção.

O acompanhante sumiu, deixando-a tomando champanhe na companhia de seus amigos. Um deles seduziu-a e, semanas depois, levou-a para Bucarest.

Blanche lembrava nitidamente a estalagem sórdida onde tinham se hospedado. Começou também a antipatizar com o amante e acabou fugindo.

Juntou-se a uns menestrelis ciganos e dançou ao som dos violinos e dos bandolins. Mas, como Blanche não era um deles, os ciganos a maltrataram e fugiu de novo.

Por acaso, talvez porque acreditasse em seu anjo da guarda, ficou conhecendo um príncipe que se apaixonou por ela e a apresentou à alta sociedade.

Ela voltou para Paris como um pombo-correio que retorna a casa e, dali por diante, tudo em que tocava se transformava em ouro!

Mas, quanto tempo isso iria durar? Blanche cruzou os dedos: no íntimo, ainda era uma camponesa supersticiosa.

Não é só o dinheiro que importa, pensou agora. Embora o dinheiro proporcionasse conforto, a felicidade é mais importante, e, como estava feliz, queria agradar a todos com quem tivesse contato.

Marguerite também observava Linetta. Escolhendo cuidadosamente as palavras, disse:

— Você sabe que, na França, os casamentos são arrançados. Não se

trata de um cavalheiro escolher a noiva. É o pai dele que escolhe quem será um bom partido.

— Mamãe me contou isso. — Replicou Linetta. — Na Inglaterra não é assim.

Lembrou-se do quanto a mãe tinha amado o marido. O casamento deles não foi absolutamente uma ligação de conveniência.

— Os casamentos reais são arranjados — disse Marguerite. — Sempre ouvi dizer que a aristocracia, os nobres da Inglaterra, seguem o exemplo da monarquia.

— Sim... creio que sim.

— Então, você pode compreender que, na França, um homem que casa com uma mulher que ele não escolheu deseja encontrar o amor com uma mulher de sua escolha. É por isso que o homem arranja uma “segunda esposa”, alguém que ele admira e ama; alguém a quem protege e com quem gasta muito dinheiro.

— Parece um arranjo... estranho — comentou Linetta, nervosa.

— Por quê? Você não espera que um homem passe a vida inteira sem amor, sem romance, sem uma mulher a quem possa entregar o coração!

Houve um momento de silêncio, Linetta perguntou:

— É isso que chamam de... *cocotte*?

— Exatamente! Mas há, naturalmente, vários graus, e as *grandes cocottes* estão entre as mulheres mais importantes, mais admiradas e mais influentes da França!

— Você e Blanche são... *grandes cocottes*?

— Sim, somos! E, com a nossa proteção, você vai fazer parte da *la haute galanterie*.

— Acho que prefiro... casar direitinho. Marguerite ergueu a mão, em sinal de protesto.

— E quem casaria com você, que não tem dote, nem ambiente social? Além do mais, minha menina, todos os homens que conhecerá provavelmente já serão casados. Os pais os levam para o altar assim que saem da Universidade ou completam vinte e um anos!

— Parece tudo muito... estranho.

— Você se habituará à idéia — interrompeu Blanche. — E terá um *cher ami* que a adorará, Linetta, e tornará sua vida muito fácil. A gente se sente segura, protegida.

Ao ouvir a palavra “protegida”, Linetta se lembrou do marquês. Ele a tinha protegido e ela se sentira segura a seu lado.

— Quer dizer que o Sr. Bischoffsheim é seu... *cher ami*?

— Mas, claro! Ele me amou desde o momento em que me viu, antes de eu ir para a Rússia. Quando voltei, me comprou esta casa e tomou conta de mim.

Era isso que Linetta esperava ouvir, depois de ter visto que o banqueiro tinha agido como anfitrião, na noite anterior, e de ter ouvido Blanche perguntar se Linetta podia ficar com ela.

Ele também havia pago pelas roupas de Linetta!

— Agora, não se preocupe — Marguerite falou. — Garanto-lhe, Linetta, que estamos pensando em você e em seus interesses. É bonita demais para desperdiçar sua vida ensinando a crianças, ou tentando encontrar um marido inglês. Só um francês sabe apreciar a beleza de uma mulher e está disposto a provar essa apreciação com diamantes!

Linetta apertou as mãos.

— Você tem certeza de que não é errado?

Ao dizer isso, relanceou o olhar para o Cristo na mesinha-de-cabeceira de Blanche.

— Não, na França — respondeu Marguerite, vivamente. — Quando se habituar à idéia, Linetta, compreenderá que Blanche e eu só queremos o seu bem.

— Vocês são muito boas — disse a moça, timidamente.

Havia muitas outras coisas que queria perguntar, mas achava difícil expressá-las.

Marguerite tinha um filho. O que pensaria o pai de tudo isso? E ficaria aborrecido por ter um filho que não podia usar seu nome?

Então, teve um pensamento horrível. O fato de ela usar o sobrenome da mãe e de esta ter lhe contado tão pouca coisa a respeito do pai significaria que era filha ilegítima?

Não, era uma idéia ridícula! Sua mãe sempre tinha usado aliança e, mais ainda, Linetta lembrava de ouvi-la dizer:

— Meu casamento foi o momento mais feliz e mais espiritual de minha vida. Senti-me como se estivesse cercada por anjos.

A mãe nunca lhe diria isso, se fosse mentira. Devia ter havido uma boa razão para ela não usar o sobrenome do marido.

Enquanto isso, como se nada mais houvesse para ser discutido, Blanche e Marguerite estavam interessadas apenas em sua aparência.

Blanche foi para o teatro, para um novo ensaio, e Marguerite levou Linetta para fazer compras.

Na véspera, a moça achou que tinha roupas para o resto da vida, mas Marguerite pensava de outra forma.

Levou Linetta, não à loja de madame Laferrière, mas ao famoso costureiro Worth. Encomendou três vestidos de noite e três toaletes para o dia. Eram tão bonitas e tão caras que Linetta tentou, em vão, protestar.

— Mil e duzentos francos não é uma quantia exagerada por um vestido — declarou Marguerite.

— Mas não posso pedir ao Sr. Bischoffsheim que gaste mais dinheiro comigo. Ele fez aquilo só por causa de Blanche.

— O Sr. Worth não tem pressa de receber — disse Marguerite, em tom conciliador. E não será necessariamente o Sr. Bischoffsheim quem pagará a conta.

Linetta fitou-a, nervosa.

Isso significa que Marguerite estava pensando no *cher ami* que Linetta poderia encontrar: o homem que a protegeria e para o qual seria uma “segunda esposa”.

Sua mãe não teria aprovado, e *mademoiselle* certamente jamais tinha ouvido falar de um arranjo tão estranho.

Mas, o que podia fazer?

Paris parecia muito grande e ela sabia que sentiria medo, se se visse sozinha, sem amigos, numa cidade desconhecida.

Não podia esquecer o homem que a tinha importunado no navio. Se o marquês não estivesse lá e ela não tivesse podido escapar, que teria acontecido?

Linetta não fazia a mínima idéia do que um homem esperava de uma mulher. Tinha crescido sem homens à sua volta. O marquês foi o primeiro com quem conversou a sós.

Certamente seria melhor que, em vez de se ver novamente numa situação como aquela do navio, ela encontrasse um cavalheiro que a protegesse.

Afinal, o Sr. Bischoffsheim não era muito atraente e parecia idoso, mas era muito bom e Blanche parecia feliz com ele.

De novo, pensou no marquês. Gostaria de pedir sua opinião. Ele era inglês e dava impressão de ser muito sensato.

Marguerite levou-a de novo para casa. Blanche voltou do teatro logo depois. Tinha resolvido almoçar em casa, porque queria lavar a cabeça, à tarde.

— Depois, vamos a Bois, como de costume, mas sugiro que descanse um pouco, Linetta, ou que leia um pouco.

A moça estava ansiosa para conhecer Paris, mas sabia que era impossível ir sozinha e não queria pedir que uma das empregadas a acompanhasse.

Marguerite beijou-a e saiu.

— Vejo-a amanhã, ou depois de amanhã. Enquanto isso, vou pensar para descobrir qual o homem certo para ser o seu *cher ami*!

— Talvez ele não... goste de mim — disse Linetta, preocupada.

— Muitos homens gostarão. Para dizer a verdade, querida, vou ter trabalho para mantê-los a distância! Mas, como suas guardiãs, Blanche e eu seremos muito exigentes!

Beijou Linetta novamente.

— Você é uma doçura. Espero que não cresça depressa demais.

A garota não entendeu o que ela quis dizer com isso. Imaginou que, por ser ignorante e inexperiente, as duas pensavam que fosse muito mais moça.

Para contentar Blanche, pegou um livro e dirigiu-se para o quarto. Depois, mudando de idéia, foi para o *boudoir* que Blanche lhe havia dito para usar.

No ambiente de seda cor-de-rosa bordada a ouro, havia inúmeros objetos de vários países e de todos os estilos: cômodas portuguesas e espanholas, pagodes chineses em miniatura, biombos japoneses, porcelanas, bronzes, tapeçarias e *petit-point*, além de poltronas e dois divas.

Era um aposento estranho. Dava a impressão da caverna de Aladim. Ao mesmo tempo, parecia que os objetos haviam sido colecionados apenas porque eram valiosos e caros; não porque Blanche gostasse realmente deles.

Sobre a lareira, havia outro retrato da dona da casa.

Pintado por Manet, não era muito lisonjeiro, embora se notasse a semelhança, mostrando Blanche apenas parcialmente vestida, usando um espartilho azul e uma saia de baixo curta, de babados, diante do espelho, com

uma esponja de pó-de-arroz na mão.

Linetta ficou pensando por que teria a atriz consentido em ser pintada dessa forma.

Achou o quadro um tanto vulgar. Depois notou, consternada, que no sofá atrás de Blanche estava sentado um cavalheiro em traje a rigor e cartola! Achou muito pouco modesto da parte dela permitir que um homem a visse só de roupas íntimas!

O livro continuou fechado. Ela ficou ali, preocupada, pensando em si mesma, em Marguerite e em Blanche, até chegar a hora de irem para o Bois de Boulogne.

Dessa vez, usariam a caleça puxada por dois cavalos. O estofamento era de um amarelo-dourado, combinando com os cabelos de Blanche.

A atriz estava resplandecente, com um vestido amarelo, bordado de topázios. Suas jóias, de topázios e brilhantes, pareciam reter a luz do sol.

Linetta usava um vestido branco enfeitado de fitas azul-turquesa e um chapéu com plumas da mesma cor. Sentiu-se insignificante ao lado de Blanche. Mesmo assim, notou que muitos homens a olhavam com admiração.

O passeio não foi muito longo. Quando chegaram em casa, Blanche mandou seu cabeleireiro ao quarto de Linetta para penteá-la na última moda, com cachos caindo-lhe nas costas.

Havia chegado um vestido novo, encomendado na véspera. Era branco, salpicado de flores.

Fazia calor, mesmo à noite, e a empregada deu a Linetta um agasalho de gaze enfeitado com penas de cisne que parecia uma nuvem branca.

— Está linda! — disse Blanche, ao descer a escada, usando um vestido espetacular, que deixou Linetta de respiração suspensa. — Todo mundo vai olhar para você no camarote e ninguém vai olhar para mim no palco!

Linetta riu.

— Não é pelo que você usa e sim pelo que você é que eles a aplaudem.

— Obrigada. Um elogio muito simpático! Preciso contar a Bisch. Muitas vezes, lhe digo que não é bastante poético, quando me elogia!

Foram para o teatro e Linetta ficou encantada por tornar a ver a peça. Só não entendia como o banqueiro não se entediava por ver o mesmo espetáculo todas as noites.

Assim que sentaram no camarote, a porta atrás “deles se abriu e uma voz de homem perguntou:

— Posso lhe fazer companhia, Raphael? O banqueiro levantou.

— Mas, claro, Jacques.

Um homem magro, de expressão cadavérica, entrou no camarote. Tinha um rosto inteligente, mas Linetta achou que devia ser tão velho ou mais do que o amiguinho de Blanche.

— Este é meu amigo Jacques Vossin. Também é banqueiro, e muito bem-sucedido.

Os dois homens sorriram um para o outro e Bischoffsheim ofereceu uma cadeira a Vossin. Começaram a discutir finanças em voz baixa, enquanto Linetta observava o palco.

Blanche estava ainda em melhor forma do que na véspera. O público a aplaudiu calorosamente, e teve que voltar ao palco várias vezes; no final do ato.

— Vou ver Blanche — disse Bischoffsheim. — Tome conta de Linetta, Jacques. Não me demoro.

Saiu, enquanto o público se dirigia para o vestíbulo, para tomar alguma coisa no bar ou nas mesas de mármore branco.

— *Mademoiselle* saiu da festa cedo, ontem à noite — disse o Sr. Vossin.

— Eu estava com sono, porque tinha viajado na véspera. Linetta procurou lembrar-se dele no meio dos outros convidados, mas era uma dessas pessoas que nunca chamam a atenção. Tinha cabelos escuros e rosto macilento. Os olhos cansados eram fundos; as maçãs do rosto, salientes.

— Deve ter dormido bem!

— Durante muito tempo, não consegui pegar no sono. Tanta coisa me aconteceu, tanta coisa inesperada... Mas foi tudo maravilhoso!

— Estou contente que goste de Paris. É uma cidade divertida para os que sabem onde procurar distração.

Continuou falando, mas Linetta não prestava atenção. Agora que as luzes estavam acesas, achava fascinante ver o público entrando e saindo da sala e das galerias.

Senhoras elegantemente vestidas e cheias de jóias estavam sendo cumprimentadas por amigos, nos outros camarotes, e Linetta achou que os vestidos de anquinhos e de caudas longas não eram apropriados para os assentos do teatro.

— Não concorda comigo? — perguntou Vossin.

Ela não fazia idéia de qual era a pergunta, mas respondeu:

– Oh, sim... naturalmente.

A campainha tocou, avisando que o intervalo tinha terminado, e os espectadores começaram a voltar para a sala.

O Sr. Bischoffsheim também voltou ao camarote, com um sorriso nos lábios.

Blanche lhe mandou um abraço, Jacques. Espera que esteja gostando do espetáculo.

– Poderia, não gostar, quando Blanche é a estrela? Está magnífica, soberba, meu caro Raphael! Não há ninguém igual a ela!

O amiguinho de Blanche pareceu satisfeito e orgulhoso. As luzes diminuíram e o pano subiu.

Quando o espetáculo terminou, Blanche foi chamada várias vezes e uma profusão de flores chegou ao palco. Vossin disse a Linetta:

– Acho que seria mais acertado sairmos agora. Haverá um congestionamento, se sairmos quando todas as carruagens estiverem em movimento.

Linetta fitou-o, admirada.

– Não vamos esperar por Blanche?

– Você prometeu cear comigo.

Linetta olhou para Bischoffsheim consternada.

– Vá com Jacques. Se quiser ir ao nosso encontro mais tarde, ele pode acompanhá-la à festa de Caroline Letessier.

Linetta ir protestar, mas Vossin segurou seu braço e abriu a porta do camarote.

– Você não está demonstrando muito tato — disse ele, em voz baixa.

– Tato?

– Acho que meu amigo Raphael quer ficar a sós com a linda Blanche, assim como quero ficar sozinho com você.

Essas palavras fizeram com que Linetta sentisse um pouco de remorso. Estaria abusando da hospitalidade do Sr. Bischoffsheim?

Pensando bem, achou que de fato o banqueiro havia de querer ficar a sós com Blanche, assim como Blanche queria ficar a sós com o *cher ami*.

Não tinha o menor desejo de cear com o Sr. Vossin, achando que ele devia ser muito maçante. Mas era agradável pensar que mais tarde iriam a uma festa.

Com uma habilidade que despertou a admiração de Linetta, Vossin

conseguiu ter a carruagem à porta apenas alguns minutos depois de pedir por ela.

O homem colocou uma manta de pele sobre os joelhos dela e comentou:

— Prometi a mim mesmo, ontem à noite, que a levaria para cear na primeira oportunidade que se apresentasse. Mas não fui tão otimista a ponto de pensar que aconteceria tão depressa!

— Aonde vamos?

— Ao Café Anglais, já ouviu falar?

— Creio que Blanche o mencionou — disse Linetta, sem muita convicção. — A comida é boa?

Vossin deu uma risada.

— Eu ficaria muito aborrecido se não fosse, porque, na realidade, é um restaurante muito bom e muito aristocrático.

— A comida na França é tão deliciosa que, se eu ficar muito tempo aqui, acabarei engordando!

— Acho pouco provável. Seu corpo é perfeito, como deve saber. Você é *une petite Venus* e eu a acho fascinante!

Constrangida com o elogio, Linetta mudou de assunto.

— Fale-me sobre o Café Anglais.

— Você vai ver com os próprios olhos. Mas digo-lhe uma coisa: qualquer pessoa com pretensões sociais ou gastronômicas se sente na obrigação de ir lá, assim que chega a Paris.

Linetta esperava alguma coisa muito mais imponente e achou que, do lado de fora, o Café Anglais parecia um estabelecimento comum.

Só depois que entrou foi que viu que se enganava. O lugar era, na realidade, um labirinto de vestibulos e corredores que levavam a uma porção de compartimentos privativos, misteriosos, onde se podia jantar em intimidade.

A sala mais famosa se chamava *Marivaux* e era também conhecida como *le cabinet des femmes du monde*. Para chegar lá, as damas da sociedade tinham que subir apressadamente por uma escada especial, esperando não serem reconhecidas.

Havia no porão do café um restaurante famoso em toda a Europa por suas grandes proporções e sua mobília confortável.

Os corredores estavam salpicados de areia e duzentas mil garrafas

enchiam os nichos, havendo uma estrada de ferro em miniatura para levar o vinho a cada uma das mesas.

Mas Linetta não viu nada disso. Olhando para o restaurante, teve um sobressalto. Ao longe, sendo levado para uma mesa de lado, reconheceu a figura alta e elegante do marquês!

Havia dois homens em sua companhia, e Linetta desejou que sentassem a uma mesa que ela pudesse observar enquanto ceasse com Vossin.

Depois viu, decepcionada, que um garçom os levava, não para o restaurante, mas para uma das escadas.

Quis pedir ao Sr. Vossin que tentasse novamente conseguir uma mesa embaixo. Depois pensou que ele talvez achasse isso de má educação. Já que estava sendo gentil de convidá-la para cear, não devia discutir a escolha da mesa.

Ficou admirada, quando o garçom abriu a porta de um reservado. Havia ali uma mesa já posta.

Olhou para Vossin, e ele explicou:

— Lá embaixo é tão barulhento, que achei aqui melhor, para podermos conversar.

— Sim... é claro — respondeu, a contragosto.

Não podia dizer que não queria conversar com ele e que preferia estar num restaurante grande, por mais barulhento que fosse.

Olhou em volta. A salinha era elegantemente mobiliada, com um diva acolchoado, no outro lado. Achando que nada podia fazer a não ser concordar, Linetta tirou o agasalho e o colocou numa cadeira perto da porta.

Vossin estudou o cardápio. Seguiu-se uma longa discussão com o *maitre*, antes de ser encomendada uma vasta refeição.

Vossin virou-se para Linetta, com um sorriso.

— Escolhi os pratos que achei que você iria apreciar. Como é nova em Paris, achei que preferia que eu encomendasse as especialidades do lugar, inclusive *écrevisses à la bordelaise*.

— É muita bondade sua.

— Quero ser bom. E permita-me dizer-lhe que me sinto honrado por saber que sou a primeira pessoa com quem janta sozinha em Paris.

— É muita gentileza sua — Linetta repetiu, mecanicamente. Depois, achando que devia conversar, continuou: — Não sabia que havia restaurantes

que se podia jantar a sós, como aqui.

— Os franceses são sempre a favor de *l'amour*. Pode imaginar que esses tipos de amantes, alguns felizes, alguns infelizes; muitos, naturalmente, envolvidos num caso clandestino.

Linetta ficou imaginando por que motivo, já que era um lugar para namorados, estava ali com aquele homem. Concluiu que, por ser velho e não gostar de barulho, ele tinha reservado um compartimento particular, uma mesa no restaurante, lá embaixo.

Chegaram garçons com vinhos que Vossin provou cuidadosamente. Depois veio o primeiro prato e, não houve necessidade de falar de outra coisa, a não ser da comida, que era a mais deliciosa que Linetta jamais tinha provado.

Um prato foi servido após outro, vinho após vinho. Ela bebeu pouco e não conseguiu comer tudo. Mas estava relativamente com fome, porque já era tarde e também porque, na França, sentia falta do chá que costumavam tomar em casa com a mãe, às quatro e meia.

Mesmo assim, após três pratos, não pôde comer mais nada. Vossin, entretanto, apesar de ser muito magro, tinha um apetite enorme.

Finalmente, os garçons serviram café e licores. Linetta recusou, mas seu companheiro aceitou um conhaque grande.

— Vamos para o sofá, que é mais confortável.

Vossin levantou e um garçom colocou seu copo numa mesinha ao lado do divã cheio de almofadas coloridas. Linetta nada pôde fazer, a não ser acompanhá-lo.

Ficou imaginando quanto tempo ainda seria preciso para poder dizer que gostaria de ir para casa ou para a festa, ao encontro de Blanche e do amigo.

Seria indelicado sair logo depois de acabar de comer, mas achava difícil conversar com o Sr. Vossin, o que não era de admirar. Afinal, nada entendia de assuntos bancários, e o que mais se pode conversar com um banqueiro?

Talvez ele tenha cavalos de corrida, já que é tão rico, pensou. Decidiu ser cortês e descobrir o que mais o interessava.

Sentou ao lado dele no sofá, porque era isto que o Sr. Vossin esperava. Ele pegou a mão dela.

— Agora podemos conversar. Há muita coisa que quero saber a seu

respeito, Linetta.

Achou estranho chamá-la pelo primeiro nome, mas talvez fosse costume na França, onde as pessoas eram muito informais.

— Acho que o senhor devia falar de seus interesses. Quais são? — —
Meu interesse, agora, é você!

Linetta sobressaltou-se e olhou-o admirada. Antes que pudesse fazer um movimento, ou mesmo dizer qualquer coisa, o homem pôs o braço em volta de sua cintura e puxou-a para mais perto.

— Vamos significar muito um para o outro. Sou muito rico, Linetta, e minha fortuna e meu coração estão a seu dispor!

Ao dizer isso, aproximou os lábios dos dela e a moça percebeu que queria beijá-la. Virou a cabeça, e os lábios de Vossin roçaram sua face.

— Não! Não!

O homem puxou-a. Com uma força que nem sabia que tinha, Linetta tentou se libertar.

Levantou antes que pudesse impedi-la e ficou olhando-o, com o coração acelerado, a boca seca de tanto medo.

— Escute, Linetta. Eu lhe darei tudo que quiser. Tudo! Estendeu a mão para pegá-la, mas ela gritou de pavor e saiu correndo.

Vossin deu uma risada.

— Se quer que eu a persiga, estou pronto. Mas garanto que acabarei pegando-a, porque sempre consigo o que quero!

Não havia dúvida quanto à ameaça. Linetta percebeu que ele se levantava e teve certeza de que, num espaço tão pequeno, logo a alcançaria. Agarrou o agasalho, abriu a porta e, sem olhar para trás, desceu correndo a escada estreita.

Quando chegou ao restaurante, agora repleto, olhou em volta, desesperada. Viu, então, aquele que procurava.

No momento em que reconhecia o marquês, julgava ouvir a voz do Sr. Vossin, chamando-a do alto da escada.

Às cegas atravessou o restaurante correndo, abrindo caminho por entre as mesas.

O marquês tinha estado numa recepção da princesa Mathilde, prima em primeiro grau da imperatriz e uma das mulheres mais importantes da França.

Ela dirigia um salão que era chamado “o verdadeiro Salão do Século

XIX”.

A princesa era uma das anfitriãs mais distintas do Segundo Império. Estadistas, pintores, críticos, poetas e acadêmicos eram encontrados em seu salão. Naquela noite, o marquês pôde conversar com inúmeras pessoas que tinham contribuído com informações muito úteis para levar a Gladstone.

Os magníficos aposentos da casa da princesa, na rua de Gourcelles, estavam cheios de obras-primas, peças dignas do Louvre. Havia também magníficas estufas. Mas, como sempre acontece em recepções grandes, era difícil encontrar o que comer, e o marquês aceitou a sugestão do duque de Rochfort, de irem cear no Café Anglais com o visconde de Casablanca.

— Casablanca é sempre divertido — disse o duque. — Além do mais, ele acaba de chegar de Bordeaux e poderá lhe dizer muita coisa sobre o que se pensa nas províncias a respeito do imperador e da imperatriz.

— É o que desejo ouvir.

O marquês era um velho cliente do Café Anglais; foi recebido com entusiasmo pelo *maitre d'hôtel* e mandou seus cumprimentos ao *chef*, Adolphe Dugléré, considerado o melhor de Paris.

Recebia o principesco salário de vinte e cinco mil francos por ano e era conhecido como muito temperamental, ficando arrasado se um bife se queimasse ou um de seus molhos coagulasse.

— Moro em Paris, mas não recebo a atenção que você recebe — disse o duque ao marquês. — Não entendo!

— Estive aqui há dois anos, para a Exposição Internacional.

— Ouvi dizer que Dugléré serviu um banquete que ficará na história como um clássico da gastronomia.

— É verdade. Jamais comi uma refeição tão boa, antes ou depois!

— Esperemos que ele se esmere, hoje. Como nosso convidado, Darleston, você pode pedir o que quiser, mas permita que eu escolha os vinhos.

— Como você é o anfitrião, inclino-me diante de seus conhecimentos superiores.

Quando a comida chegou, os homens estavam mergulhados numa discussão política que durou desde a entrada até a sobremesa.

O marquês tinha acabado de comer um prato de *Fromage de la Croix de Ter*, quando, ao se inclinar sobre a mesa para reforçar seu ponto de vista, percebeu que havia alguém de pé a seu lado.

Antes que se virasse, ouviu uma vozinha tímida e ofegante, que reconheceu.

— Por favor... posso ficar aqui por... um momento, senhor?

Notou o medo na voz de Linetta, antes de ver-lhe o rosto, e compreendeu que ela estava de fato muito assustada, como quando tinha ido à sua cabine, no navio.

Levantou lentamente, notando o vestido ultramoderno e caro que a moça usava, o penteado e também, com espanto, que os lábios dela estavam pintados de leve.

O batom foi uma sugestão de última hora de Blanche, antes de saírem para o teatro.

Linetta tinha ido ao quarto da atriz para lhe mostrar o vestido novo.

— Perfeito! É um vestido simples, mas ao mesmo tempo tem um chique, que, na minha opinião, só madame Laferrière tem.

— Estou satisfeita que lhe agrade. E gosta do meu penteado?

— Félix tem muito gosto. A moda que ele dita hoje Paris adotará amanhã.

Linetta sorriu, encantada por ter merecido a aprovação de Blanche. Ia sair, quando a outra a deteve.

— Um minuto. Venha cá.

Foi até a penteadeira, pegou uma caixinha redonda e disse:

— Com a sua pele maravilhosa, você quase não precisa de cosméticos, mas um pouquinho de vermelho nos seus lábios fará muita diferença.

Linetta fitou-a, de olhos arregalados.

— Acha que eu... devo usar? Sempre ouvi dizer que as mulheres que se pintam são...

Interrompeu-se, compreendendo que o que ia dizer era indelicado.

Mademoiselle se referia às atrizes como sendo “dissipadas”, e Linetta tinha a impressão de que o que ela mais desaprovava era o uso de ruge e batom.

Como se adivinhasse o que ela ia dizer, Blanche sorriu.

— Todas as *cocottes* têm lábios vermelhos, minha querida Linetta. É um enfeite que elas usam com tanto orgulho quanto um francês usa a Legião de Honra.

Dizendo isso, passou um creme vermelho nos lábios de Linetta.

Embora grande parte tivesse desaparecido durante o jantar, ainda

havia um pouco de colorido nos lábios macios, e o marquês olhou para aquilo, incrédulo.

Mas foi o medo no olhar de Linetta que chamou sua atenção.

Ela olhou por sobre o ombro, para a porta do restaurante.

— Há... um homem... — começou ela. O marquês sorriu.

— Outro? Então, precisamos fazer alguma coisa a respeito. Virou-se para os amigos, que também tinham levantado.

— Se me derem licença, vou levar esta jovem para casa.

Saiu sem apresentar Linetta aos companheiros e, segurando-lhe o braço, conduziu-a pelo restaurante.

Quando chegaram ao saguão, percebeu que ela olhou nervosamente para uma das escadas, mas ele puxou-a para fora e pediu ao porteiro que chamassem a carruagem do duque, que estava esperando no largo. Ajudou-a a subir e deu ao cocheiro o endereço de um restaurantezinho próximo.

— Desculpe. Eu não devia tirá-lo de seus amigos, mas... não sabia o que fazer.

— Você sabia que eu estava lá?

— Eu o vi, quando chegamos. Mas... jantamos lá em cima... numa salinha... sozinhos.

O modo de Linetta pronunciar a última palavra contou ao marquês o que devia ter acontecido.

— Você agora está em segurança. Vou levá-la a um lugar sossegado, onde poderemos conversar. Há muitas coisas que quero saber sobre você, Linetta.

Estava curioso a respeito da moça desde o momento em que seu criado, na Gare du Nord, lhe disse que ela havia desaparecido. Perguntou a si mesmo como é que ela pôde sofrer aquela transformação tão rápida. E como era possível que estivesse de lábios pintados?

Chegaram tão depressa, que nem puderam conversar. O marquês ajudou-a a descer, disse ao cocheiro que voltasse ao Café Anglais, e entraram no restaurante pequeno e íntimo. Havia apenas mais dois casais sentados nos sofás confortáveis. Ele escolheu uma mesa afastada, onde não havia possibilidade de serem ouvidos.

Como os dois já tinham jantado, pediu café e uma garrafa de champanhe, para Linetta.

Linetta disse, impulsivamente:

— Estou tão contente por ter encontrado o senhor! Sabia que... me protegeria!

— Por que estavam jantando a sós? As pessoas com quem você se hospedou não deviam ter permitido isso!

— Foi errado? Não tive escolha.

— Que tal começarmos do princípio? Quando conversamos no navio, você disse que seus amigos a esperavam na Gare du Nord.

— Eu... não disse... exatamente isso. Para falar a verdade, ninguém sabia da minha chegada a Paris. Eu tinha uma carta de apresentação para a sobrinha de minha antiga governanta.

— Como é que ela se chama?

— Blanche d'Antigny — respondeu Linetta, não notando que ele se contraiu, admirado.

— Você disse Blanche d'Antigny?

— Sim, disse. Minha governanta achava que a sobrinha trabalhava para a família, na avenida de Friedland, mas a casa é dela.

O marquês estava atônito demais para poder falar. Conhecia Blanche d'Antigny. Seria impossível andar por Paris sem conhecê-la. Na realidade, tinha sido amigo do príncipe com quem ela foi para a Rússia; antes de partirem, o marquês se encontrou várias vezes com Blanche.

Tinha ouvido dizer que ela estava de volta e sabia que Raphael Bischoffsheim era seu amante oficial. Conhecia também vários homens que tinham sido apaixonados por Blanche.

Mal podia acreditar que Linetta estivesse morando em casa de uma das mais notórias mundanas de Paris.

Com habilidade, conseguiu que a moça lhe contasse a história de sua vida antes de deixar a Inglaterra.

Linetta falou da vida calma que ela e a mãe tinham levado em sua aldeiazinha. Descreveu a afeição que sentia por *mademoiselle* Antigny; contou que nada havia sobrado das economias da governanta e que esta a aconselhou a ir para a França, à procura de sua sobrinha Marie-Ernestine.

— E Blanche lhe deu as roupas que está usando? Linetta corou.

— Acho... que foi o Sr. Bischoffsheim que pagou por elas. Eu não achava isso... direito, mas Blanche disse que era um presente para ela e que, fosse como fosse, não podia sair comigo do jeito que eu estava vestida.

— Você já pensou no futuro?

Houve uma pausa, antes de Linetta responder:

– Sim. Blanche e uma amiga, madame Marguerite Bellanger, discutiram isso, hoje de manhã.

– E o que foi que decidiram?

Linetta achou difícil contar. O fato de ela vir ou não a ser uma *cocotte* preocupara-a o dia todo.

Marguerite Bellanger havia explicado tudo de maneira muito plausível e o que ela disse pareceu muito sensato. Mas agora, ao contar ao marquês os planos a seu respeito, Linetta sentiu que ele os acharia estranhos.

Sendo inglês, compreenderia que não havia alternativa para ela, a não ser tornar-se a “segunda esposa” de um homem?

Tinha a impressão de que ficaria escandalizado.

Depois, disse a si mesma que não era da conta dele.

O marquês tinha sido bom para ela, protegendo-a não uma, mas duas vezes, das atenções de outros homens; mas isso não lhe dava o direito de interferir em qualquer decisão que tomasse.

Mas, seria verdade que ela havia tomado uma decisão?

Ainda não tinha certeza de que ia fazer o que Blanche e Marguerite queriam. Ao mesmo tempo, era impossível pensar em sair da avenida de Friedland e ficar sozinha em Paris.

Ergueu os olhos para o marquês, e de novo ele pensou que Linetta parecia, não apenas muito jovem, mas também pateticamente inocente.

– Diga-me: o que foi que elas sugeriram?

– Elas querem que eu... – a voz de Linetta era apenas um murmúrio

– ... que eu... seja também... uma *cocotte*.

CAPÍTULO V

Houve um longo silêncio. O marquês disse, como se quisesse mudar de assunto:

— Por que é que ficou com tanto medo? Viu a mão de Linetta estremecer.

— Quando estávamos no teatro, hoje à noite, um amigo do Sr. Bischoffsheim veio até o nosso camarote. Convidou-me para jantar e eu não percebi que... tinha aceitado o convite até... ser tarde demais para recusá-lo.

— Quem era ele?

— O Sr. Vossin. É banqueiro.

— Já ouvi falar nele.

O marquês sabia que Vossin não só era um banqueiro muito conhecido, como também um homem que tinha interesses financeiros em várias partes do mundo. Compreendia que Blanche e principalmente Bischoffsheim considerassem uma honra e uma oportunidade para Linetta ser convidada por ele.

Como o marquês nada dissesse, ela continuou:

— Ele parecia... velho e monótono... e foi só quando o jantar acabou que... se comportou de uma maneira... estranha.

— Que foi que ele fez?

— Tentou me beijar! — Corou violentamente. — Foi horrível! Horrível e... assustador! Ele disse que ia me pegar e que eu não podia escapar. Foi por isto que procurei o senhor.

— Fez exatamente o que devia fazer.

Percebeu que ela estava a ponto de chorar e fez sinal ao garçom que servisse o champanhe que estava ao lado da mesa, num balde de gelo.

— Compreendo que esteja perturbada. Beba um pouco, que lhe fará bem.

Linetta obedeceu e o marquês perguntou:

— Quando nos encontramos no navio, você tinha alguma idéia do que poderia fazer para o seu sustento? Não ia esperar que Marie-Ernestine d'Antigny, que achava que trabalhava para ganhar a vida, fosse sustentá-la.

— Não, claro que não. Achei que poderia ensinar inglês a crianças

francesas. — Fez uma pausa e olhou para o marquês. — Mas Blanche disse que nenhuma senhora me daria trabalho, porque sou muito moça e... bonita demais.

Achou que parecia convencimento e corou de novo, baixando os olhos velados por pestanas longas.

— Isso é verdade! — disse o marquês, secamente. — Há alguma outra coisa que você possa fazer?

Linetta fez um gesto de desânimo.

— Creio que, graças a *mademoiselle* Antigny, tive uma boa educação. Li muito, sei costurar, mas, infelizmente, nada mais do que isso. — Continuou, em tom de súplica: — Por favor, ajude-me a resolver o que é... direito. Ainda hoje de manhã, desejei poder falar com o senhor e pedir seu conselho.

— A respeito da carreira que Blanche d'Antigny e Marguerite Bellanger escolheram para você?

— Elas me explicaram que é o mesmo que um homem tomar uma segunda esposa, porque na França os casamentos são sempre de conveniência. Mas não sei se mamãe aprovaria, embora ela fosse francesa.

— Tenho certeza de que ela desaprovava totalmente! Linetta olhou-o, assustada.

— Foi o que também achei! Se bem que, quando Marguerite me explicou... parecia tão... sensato. Mas a questão é: que mais posso fazer?

— Deve haver alguma coisa! — Percebeu a ansiedade da moça e acrescentou: — Deve me dar um pouco mais de tempo para pensar no problema. Sugiro que deixemos isso de lado, por enquanto. Quero que me conte suas impressões de Paris e, depois que tiver acabado seu champanhe, podemos dar uma volta de carro. Não creio que alguém tenha lhe mostrado Paris à noite. Os olhos de Linetta se iluminaram.

— Eu adoraria! E, se não achar indelicado da minha parte, prefiro não beber mais. Para dizer a verdade, não gosto muito de champanhe.

— Então, vamos.

O marquês fez sinal ao garçom, e logo veio a conta. Pôs umas notas na mesa e perguntou se o porteiro podia chamar uma carruagem.

— Quero uma boa, de capota arriada.

— *Oui, monsieur.*

Saíram. Lá fora viram uma carruagem confortável, de capota arriada, com o cocheiro à espera de instruções.

– Siga para a Place de la Concorde.

O agasalho enfeitado com penas de cisne emoldurava o rosto da moça. O marquês notou os cachos que caíam na nuca e os buquezinhos de flores que enfeitavam o vestido.

Ela parece a própria primavera, pensou. E ficou imaginando quanto tempo se passaria, até que Paris a estragasse e se tornasse dura e gananciosa como todas as *cocottes*.

Isso não deve acontecer, disse a si mesmo. Mas, como evitar?

Passaram pela rua de Rivoli, e o marquês contou histórias dos jardins das Tulherias, que ficavam à esquerda.

A Place de la Concorde brilhava com seus postes de luz a gás, e viram as fontes, o obelisco no centro, os Champs Élysées como um rio de luz fazendo com que o olhar se erguesse para o céu estrelado.

– É lindo! Mais lindo do que eu imaginei!

– Paris fica no auge da beleza, nesta hora, quando não há muito trânsito, nem muita gente nas ruas.

Ela lançou-lhe um sorriso, como se sentisse a mesma coisa. O marquês então ordenou ao cocheiro que parasse no outro lado das fontes, junto aos Champs Élysées.

– Os castanheiros estão floridos. Você gostaria de andar um pouco?

– Se gostaria!

Concordaria com qualquer coisa que ele sugerisse, tanto medo tinha de que a levasse para a casa e não pudesse mais gozar da companhia dele.

Tinha ficado apavorada, quando Vossin tentou beijá-la e foi um imenso alívio encontrar o marquês e saber que a protegeria.

Quando se dirigiu a ele, no restaurante, temeu que a achasse importuna e a mandasse embora. Mas, quando segurou seu braço e a conduziu por entre as mesas, todo o medo desapareceu e se sentiu em segurança.

Estar sentada ao lado dele, ouvir sua voz profunda, saber que pensava nela, tudo isso a fazia sentir que seus problemas e dificuldades não existiam mais e que estava livre.

Precisamos andar durante bastante tempo, pensou Linetta, ao descer da carruagem. Não posso voltar para a avenida de Friedland para ficar acordada, imaginando se vou tornar a vê-lo.

Depois pensou que o Sr. Bischoffsheim e Blanche talvez ficassem

zangados por ela ter sido indelicada com o Sr. Vossin.

Tinha certeza de que Blanche ia achar tolice e infantilidade ter tido tanto medo do homem.

Não poderia ter recusado a corte de Vossin, sem sair correndo?

Mas só o fato de pensar em Vossin fazia com que visse novamente o rosto cadavérico junto ao seu; tinha percebido no olhar dele uma expressão que a apavorava. E sentiu a mesma repugnância pelo homem que a perseguiu no navio.

Por que seria que tais homens a aterrorizavam? Não sabia explicar o motivo, mas sabia que a verdade era esta.

Os globos de luz a gás ao longo da avenida lançavam na calçada reflexos dourados, parecendo velas de Natal.

Linetta ergueu o rosto, e o marquês notou a linha perfeita do pescoço e o nariz delicado.

— É um encanto. Tenho certeza de que toda Paris é uma cidade encantada.

— Por que diz isso?

— Acho que é porque todo mundo fala dela de respiração suspensa, como se fosse uma mulher.

O marquês riu.

— De fato, atualmente Paris é a capital mais alegre, mais divertida e mais extravagante da Europa.

— Mas aqui há também muita pobreza.

— Como é que sabe?

— No caminho para o teatro, vi muita gente pobre e maltrapilha. Quando perguntei à empregada da casa de Blanche quanto um trabalhador ganha, em média, ela disse que é muito pouco.

— Quanto?

Estava admirado que Linetta se interessasse pelos pobres de Paris. Sabia perfeitamente que muitos viviam em condições lamentáveis e que atrás das praças e das belas mansões construídas por Haussemann havia casebres sem higiene, muito mais miseráveis do que tudo que tinha visto na Inglaterra.

— A empregada me disse que a maioria das mulheres que trabalham em Paris vive de costuras. — Fez uma pausa, olhou para o marquês e continuou: — A princípio, pensei que eu também pudesse ganhar a vida desse modo, mas sei que não tenho nem a metade da habilidade das

francesas com uma agulha.

— Quanto ganham?

— Uma bordadeira experiente pode chegar a ganhar cinco francos por dia, mas a maioria ganha apenas dois. Como é que podem viver com isso? Por outro lado, parece muito errado que um vestido de Worth custe mil e duzentos francos.

O marquês sabia que ela estava falando a verdade, mas achou pouco provável que Blanche ou suas amigas se preocupassem com o salário das costureiras que faziam seus vestidos, contanto que houvesse um homem para pagar as contas, quando fossem apresentadas.

Deu o braço a Linetta.

— Você é o problema imediato. Antes de começar a se preocupar com os pobres de Paris, pense em si mesma.

— É possível que eu venha a ser um deles.

— Acho pouco provável — replicou o marquês, pensando em Jacques Vossin.

Sabia perfeitamente que, com a ajuda de Blanche e de Marguerite, Linetta poderia facilmente ficar conhecendo os homens mais ricos e mais importantes de Paris.

Todas as noites, eles iam a uma das festas dadas pelas *demi-mondaines*; uma garota jovem, inocente como Linetta, logo chamaria a atenção deles.

Não pôde deixar de notar a referência de Linetta a uma “segunda esposa”. Era uma descrição plausível. Mas será que ela sabia que a maioria desses casamentos era de curta duração?

Havia exceções, é claro. Blanche ficou com seu príncipe durante quase cinco anos, mas a verdade é que tinham morado na Rússia durante esse tempo.

Cora Pearl estava sob a proteção do duque de Mornay há muitos anos, mas não lhe era fiel, disso não havia dúvida. Possuía um colar que provava sua traição: uma corrente de ouro maciço, com doze medalhões, cada qual contendo o retrato de um amante.

Seria esse o futuro de Linetta? O marquês nem queria pensar nisso.

Encontrarei alguma coisa para ela, jurou a si mesmo.

Como já tinham caminhado muito, sugeriu:

— Vamos voltar?

Ele vai me levar para casa, pensou Linetta. E talvez eu nunca mais o

veja!

Para prolongar o passeio, saiu da calçada e pisou na grama ao lado.

Os troncos dos castanheiros pareciam sentinelas e havia ali um grande silêncio.

O marquês a seguiu.

— Até parece que estamos no campo! Como é agradável a gente ver tantas árvores no centro de Paris!

— Foi tudo planejado — ele disse, distraído, como se estivesse pensando em outra coisa.

Linetta parou e olhou para trás.

Seus cabelos claros e o vestido branco captavam a luz distante: na semi-obscuridade, parecia etérea.

Ergueu o rosto para ele.

— Em que está pensando?

— Em você.

Qualquer coisa na voz dele fez com que ela sentisse uma onda de excitação. Depois, pareceu que nenhum dos dois podia se mover: podiam apenas olhar um para o outro.

— Que é que vou fazer com você, Linetta?

— Eu não podia ficar... com o senhor?

Falou em voz baixa, mas ele ouviu todas as palavras. Linetta se aproximou dele. Era um movimento instintivo, como uma flor se vira para o sol, ou como uma coisinha fraca e amedrontada que procura segurança.

Quase maquinalmente, os braços do marquês a enlaçaram.

— Não tenho medo, quando estou com... o senhor — murmurou a moça. Ergueu o rosto, procurando ver a expressão dele. E então, quase sem querer, os lábios do marquês procuraram os dela.

Os lábios de Linetta eram macios, e ele a beijou com grande suavidade. Foi um beijo sem paixão, que um homem daria em uma criança. Até que, de repente, algo de estranho e de maravilhoso aconteceu. O marquês abraçou-a com mais força e sua boca tornou-se mais exigente.

Para Linetta, o mundo inteiro se encheu de luz, e experimentou uma sensação que jamais tinha conhecido. Era como se tivesse criado nova vida, como se todo o seu corpo vibrasse com a maravilha do que estava acontecendo, mas, ao mesmo tempo, não podia pensar direito. Não era mais ela mesma! Fazia parte daquele homem. Os lábios do marquês ainda

prendiam os dela e, então com uma alegria e um êxtase inexplicável, Linetta soube que era amor! E se entregou a ele de corpo e alma.

O marquês ergueu a cabeça.

— Minha querida! Meu amor! Eu não pretendia fazer isso.

— Eu o amo! Não sabia por que queria estar perto de você, mas... eu o amo!

Falava como se despertasse de um sonho.

À luz de um globo distante, o marquês percebeu que ela estava radiante.

Beijou-a novamente. Sabia que ela não sentia mais medo e sabia também que os lábios de Linetta lhe tinham dado um maravilhoso prazer que não conhecia.

Tinha havido inúmeras mulheres em sua vida, mas eram criaturas experientes, que usaram todos os truques, todos os artifícios femininos para agarrá-lo.

Quando parou de beijá-la, Linetta escondeu o rosto no ombro dele, como se aquela paixão a deixasse encabulada.

Percebeu que estava trêmula, mas não de medo.

Respirou fundo.

— Que aconteceu conosco, Linetta?

— Foi um encantamento... Eu lhe disse que isto aqui é um lugar encantado.

— Tem razão! E é um encantamento que eu ainda não conhecia: Linetta ergueu o rosto.

— Verdade? Deve conhecer tão bem o mundo, deve ter conhecido tantas... mulheres. Sou ignorante e inexperiente, porque jamais encontrei um homem como você.

— Sei disto. E é uma das razões de eu precisar tomar conta de você.

— É o que quero. Será que eu podia... que eu podia ser a sua... *chère amie*?

Pensou, num momento de medo, que ele fosse recusar. Embora o marquês não tivesse feito um movimento, deu a impressão de que se afastava dela. Depois, ele disse, em voz estranha:

— É isso que deseja? Está me pedindo para ser seu protetor?

— Quero ficar com você. Quero que me... proteja. — Fez uma pausa e acrescentou: — Eu quis isso desde que o conheci... e agora sei que o amo!

– Pensei que fosse impossível alguém sentir amor à primeira vista, mas vejo que me enganei!

Linetta esperou, apreensiva, e ele terminou:

– Depois que nos encontramos, no navio, pensei constantemente em você. Não podia compreender por que sempre voltava aos meus pensamentos.

Linetta teve um suspiro de felicidade.

– Talvez tenhamos sido feitos... um para o outro. Talvez tenha sido o destino que me levou ao seu camarote, no navio, e que me fez sentir que poderia me ajudar.

– E foi o destino que nos reuniu de novo, hoje à noite. Depois que a perdi de vista, inúmeras vezes desejei ter pedido o seu endereço.

Agora sabia que não podia permitir que Linetta continuasse morando na avenida de Friedland.

Beijou-a de novo.

Era inacreditável que ele, sempre tão cético, pudesse se sentir como um rapazinho apaixonado pela primeira vez!

Mas era verdade! Linetta despertava nele todos os instintos cavalheirescos e as aspirações de heroísmo das quais se tinha esquecido à medida que se tornara adulto.

Finalmente, se separaram. Sem uma palavra, voltaram de mãos dadas para a Place de la Concorde, onde a carruagem os esperava.

Ainda em silêncio, o marquês ajudou a moça a subir. A carruagem partiu, e Linetta encostou a cabeça no ombro dele.

– Está feliz, minha querida?

– Sim. De uma maneira incrível, maravilhosa! É como se todo o meu corpo vibrasse de alegria.

O marquês beijou a mão dela.

– Você é minha!

– É o que desejo ser. Quando é que posso... ficar com você?

– Falaremos sobre isso amanhã. Quero tirá-la daquela casa e vou procurar um lugar onde possamos ficar juntos.

– Que é que devo dizer a Blanche? Talvez fique zangada comigo porque fui, . . indelicada com o Sr. Vossin.

– Vou visitar Blanche d'Antigny amanhã. A que horas ela acorda?

– Não muito cedo. Mas acho que tem de ir ao ensaio às onze horas.

— Então, vou às dez e meia. Você deixa um recado com a empregada, ou quer que eu avise o laçao?

— Vou dizer à empregada, quando ela levar meu café, de manhã. — Você vai, mesmo? Não mudará de idéia?

— Sabe que pode confiar em mim.

— Não estou sendo... inconveniente... nem um... estorvo? Você sabe que não quero isso.

— Acho que o que sentimos um pelo outro é muito forte. Faz pouco tempo que nos conhecemos, Linetta. Mesmo assim, você diz que me ama e não creio que seja apenas por causa da magia da noite ou das luzes dos Champs Élysées.

— Não! Nada disso! É porque pertenço a você. Sempre pertenci! É difícil explicar, mas o sentimento é... verdadeiro.

— Sim, é verdadeiro. Você é minha. Tenho que fazer alguns planos. Prometo que, amanhã, lhe direi quais são.

— Obrigada! Obrigada!

— Quando chegar em casa, vá dormir. Não precisa se preocupar. Deixe tudo por minha conta.

— É o que desejo fazer. Ao mesmo tempo, não posso deixar de pensar que eu... me impus a você.

— Não foi imposição. Não dissemos agora há pouco que foi o destino? E o destino é uma coisa que não podemos controlar.

— Não tenho vontade de mudar o meu. — De novo, deitou a cabeça no ombro dele. — Estive preocupada o dia inteiro. Achei que o que Marguerite sugeria era errado, que mamãe desaprovava. Mas agora não estou mais apreensiva, nem assustada.

— E acha que sua mãe aprovaria o que vamos fazer? Linetta refletiu por um momento.

— Tenho certeza de que ela compreenderia. E, pelo fato de ter amado meu pai como amo você, ficaria contente por eu ser feliz.

O marquês nada disse. Quando a carruagem parou diante da casa de Blanche, Linetta olhou para a porta com certo nervosismo.

— Vá direto para a cama, meu bem. Se Blanche estiver em casa... o que duvido muito, pois ainda é cedo de acordo com os padrões parisienses... não lhe conte nada. Deixe para falar com ela amanhã.

— É o melhor.

Ele levou as mãos dela aos lábios.

— Ficarei pensando em você.

— E eu não vou poder pensar em nada, a não ser em você. Contarei os minutos, até chegar a hora de vê-lo novamente.

— Almoçaremos juntos. Depois que eu tiver falado com Blanche, pedirei que chame você.

— Estarei esperando.

O marquês desceu para ajudar Linetta. Depois subiram os degraus da frente e tocaram a campainha.

Ouviram os passos do porteiro da noite e Linetta ergueu o rosto.

— Você não vai esquecer que eu o amo?

— Isto seria impossível.

Beijou a mão dela e voltou para a carruagem.

Linetta acordou no dia seguinte com uma sensação de felicidade e de excitação que só tinha experimentado em criança, nas manhãs de Natal.

No primeiro momento, estava sonolenta demais para saber a causa de tamanha felicidade, até que a lembrança da noite anterior surgiu como um facho de luz.

Fechou os olhos, e sentiu de novo o abraço e os beijos do marquês.

Nunca imaginou que um beijo pudesse fazer com que uma pessoa se sentisse como se o mundo todo tivesse ficado para trás e ela chegasse ao céu.

Vibrou ao se lembrar dos braços que a haviam enlaçado, dos beijos quentes, da voz grave e apaixonada.

— Eu o amo e o amor é ainda mais maravilhoso do que pensei! Agora podia compreender por que a mãe nunca podia falar do marido sem chorar.

Se perdesse o marquês, seu mundo desmoronaria e só ficaria em sua vida uma imensa escuridão.

Gostaria de ter compreendido antes o quanto a mãe tinha lamentado a perda do homem amado. Lembrava que ela ficava muitas vezes no jardim, olhando as flores, mas nada vendo — Linetta tinha certeza disto —, a não ser a imagem do marido morto e a de sua própria mocidade, que morreu com ele.

— Eu não compreendia — murmurou.

Mas agora só devia pensar no futuro, e não no passado. O marquês tinha prometido tomar conta dela.

Ficaremos juntos, pensou, e ficou imaginando se ele também estaria

pensando nela.

Quando a empregada lhe trouxe o café da manhã, Linetta lhe pediu que avisasse Blanche de que o marquês de Darleston vinha visitá-la às dez e meia.

— Avisarei madame, se ela acordar antes disso.

— Ela não vai ao ensaio, hoje?

A empregada encolheu os ombros.

— Talvez sim, talvez não. Madame chegou em casa às cinco da manhã; precisa dormir.

— Tem razão.

Ficou preocupada, com medo de que Blanche não estivesse acordada quando o marquês viesse procurá-la.

— Em todo o caso, madame pode dormir hoje à noite — disse a empregada, guardando as roupas de Linetta e os sapatos que ela usara na véspera.

— Por que diz isso?

— *Monsieur* vai para o campo. Ouvi dizer que a filha dele completa dezesseis anos e que vai haver uma festa.

Linetta sentou na cama.

— Filha dele?

— *Monsieur* tem quatro filhos. O cocheiro dele disse que são muito mimados: a mãe faz tudo que querem e o pai lhes dá dinheiro demais! A empregada deu uma risada e continuou: — Gostaria de poder dizer o mesmo do meu pai. O único dinheiro que ele tem é o que eu lhe dou, e é muito pouco, tirado do meu ordenado!

Saiu do quarto, e Linetta ficou olhando para a porta.

Não sabia por que estava tão perturbada por pensar nos filhos do Sr. Bischoffsheim.

Pelo que Blanche e Marguerite lhe haviam dito, supunha que ele tinha uma esposa. Mas, filhos? Que pensariam eles de Blanche, se é que sabiam de sua existência?

Talvez vivessem no campo e não soubessem o que o pai fazia quando vinha a Paris.

Seria este o arranjo óbvio, pensou. Ao mesmo tempo, achou difícil que, à medida que cresceram, continuassem na ignorância.

Bem, isso não era da conta dela. Só o que importava era se encontrar

de novo com o marquês e ele a beijar, como na véspera.

— Por favor, meu Deus, fazei com que ele continue me amando. Fazei com que sejamos felizes juntos e ajudai mamãe a compreender que não havia nada que eu pudesse fazer, a não ser concordar com Marguerite e Blanche, até encontrar de novo o marquês.

Tomou o desjejum e levantou, escolhendo o mais bonito de seus vestidos. Tinham chegado várias roupas novas, muito diferentes do vestido escuro e antiquado que usava a bordo. Apesar disto, o marquês tinha dito que não pôde esquecê-la! Então talvez não estivesse tão pouco atraente como imaginava.

Olhou para o relógio e mais de uma vez o colocou junto ao ouvido pensando que talvez tivesse parado, já que o tempo passava tão lentamente.

Vou vê-lo outra vez!

Era um cântico de alegria. Todas as vezes em que dizia isso, o sol parecia brilhar mais.

Quando acordou, às dez e meia, Blanche ficou sabendo que o marquês de Darleston estava à sua espera.

Sentou na cama, pediu à empregada uma escova de cabelo, colocou ruge e batom.

— Ele pode subir — disse, ajeitando os travesseiros nas costas. Quando entrou no quarto de Blanche, o marquês olhou para a cama azul e branca e para a camisola transparente da dona da casa.

— Que prazer vê-lo de novo, senhor! Não esperava uma visita sua.

— Ouvi falar do seu grande sucesso na Rússia. — Sorrindo, muito à vontade, aproximou-se da cama e beijou a mão de Blanche.

Sentou depois numa poltrona, ainda com expressão divertida.

— E um sucesso maior em Paris! — declarou Blanche, em tom de desafio.

— Só cheguei anteontem. Mas espero ter o prazer de vê-la no Folies-Dramatiques.

Blanche dirigiu-lhe um sorriso encantador e ele continuou:

— Mas hoje vim procurá-la por causa de Linetta. A atriz não pôde esconder a surpresa.

— Linetta? Onde é que a conheceu?

— No navio, na travessia do canal. Ontem à noite, ela ficou com medo do homem que a tinha convidado para jantar e, sensatamente, pediu minha

proteção.

— Jacques Vossin? Como é que ele pôde ser tão tolo? O marquês não respondeu e ela continuou:

— Agora, ele já deve ter percebido como Linetta é inocente. Devia ter agido com cautela. Se soubesse que ele ia levá-la para jantar, eu o teria prevenido.

— Foi uma pena não ter feito isso.

— Foi tudo arranjado enquanto eu ainda estava no palco. Quando Bisch me contou aonde eles tinham ido, achei um grande erro. Ao mesmo tempo, Jacques é imensamente rico e parece que ficou encantado com Linetta. Ela teria tudo que quisesse!

— Ela não simpatiza com ele. E, para falar com franqueza, pretendo tomar conta dela!

Blanche ergueu as sobrancelhas.

— Por que não? Por falar nisso, vai se demorar em Paris? Era uma pergunta que o marquês tinha feito a si mesmo.

— Não tenho muita certeza quanto aos meus planos, mas sejam quais forem, vou tomar conta de Linetta.

Blanche fitou-o com ar indagador.

— Compreendo perfeitamente que Linetta não tenha podido resistir a seu belo rosto, assim como à sua lábia, da qual já ouvi falar. Mas você é inglês! Pretende levá-la para a Inglaterra, quando voltar para lá?

O marquês não respondeu.

— Talvez ela se sentisse feliz numa daquelas vilazinhas de St. John's Wood. Mas, depois que se cansar dela, mande-a de novo para Paris. Estou convencida de que faria sucesso aqui. É tão diferente de todo mundo!

— É também a minha opinião. Mas permita-me cumprimentá-la: está mais bonita do que antes de ir para a Rússia!

— Obrigada!

— Levarei Linetta daqui, assim que tiver arranjado uma casa ou um apartamento — disse o marquês, no tom de quem discute um negócio. — Antes disso, gostaria de reembolsar o seu amigo, o Sr. Bischoffsheim, pelo que gastou com ela.

— Não é preciso. Bisch pode se dar a esse luxo. De qualquer maneira, as contas não serão nem um quarto do que eu gasto numa semana!

— Não duvido. Mesmo assim, gostaria de pagar as despesas de

Linetta.

— Como quiser. Direi a madame Laferrière que mande a conta para você. E creio que ontem Marguerite encomendou alguns vestidos para Linetta, em Worth.

— A embaixada britânica sempre saberá onde me encontrar. Vou lá buscar minha correspondência, dia sim, dia não. — Levantou. — Gostaria de agradecer-lhe por ter tomado conta de Linetta. Reconheço que fez o que pôde por ela.

— Duvido que ache que foi o melhor — respondeu Blanche. — Por outro lado, que poderia ela fazer? Como bem sabe, é bonita demais para ficar sozinha em Paris. Que alternativa tinha ela? Há homens por toda parte, *mon cher marquis*.

— Como você disse, ela é bonita demais para precisar da proteção de um homem que a assusta.

Blanche deu uma risada.

— Pobre Jacques! Deve ter sido um choque para ele encontrar uma mulher que não está interessada em seus milhões!

— Tenho certeza de que ele logo encontrará consolo — declarou o marquês, secamente. Beijou a mão de Blanche, acrescentando: — Muito obrigado, novamente.

— Não precisa agradecer. Permita-me dizer-lhe que sempre será bem-vindo à minha casa.

Depois que ele saiu, Blanche caiu sobre os travesseiros.

— Que homem! Que bela aparência! A pequena Linetta é mais astuta do que imaginei!

CAPÍTULO VI

— Está feliz, minha querida?

O marquês segurou a mão de Linetta e ela sorriu, com olhos brilhantes.

Realmente, não havia necessidade de responder. Sua felicidade era tão visível!

— Mais feliz do que jamais achei possível!

Tinha sido um dia de encantamento. Depois que o marquês conversou com Blanche, ele e Linetta foram procurar um lugar para morar, com a indicação do duque de Rochfort.

O marquês lhe disse o que queria e o duque perguntou:

— Montando casa, Darleston? Não o censuro. Vi a moça apenas de relance, mas me pareceu encantadora!

— E é!

O amigo sorriu.

— Está sendo muito inglês, meu amigo. Um francês ficaria extasiado com uma criatura tão encantadora! Mas vejo que você está mesmo enfeitado e alegre-me com isto!

— Por quê?

— Porque gosto demais de você para vê-lo ser deprimido por uma dessas profissionais. Por mais que pensemos que podemos escapar às suas artimanhas, as Cora Pearl e as La Paiva do mundo são espertas demais, quando se trata de esvaziar o bolso de um homem.

— Garanto-lhe que sou capaz de cuidar de mim mesmo.

O duque lhe contou que um amigo seu ia partir no dia seguinte para a África do Norte.

— Henri é um conhecedor. Sua casa está cheia de peças de mobília valiosas e de verdadeiras obras de arte. Ele não alugaria a casa a uma pessoa vulgar que desse festas ruidosas e que talvez estragasse seus tapetes Aubusson, mas você é diferente.

— Espero que sim!

— Em todo caso, vou mandar-lhe um bilhete, perguntando se você pode ir ver a casa hoje de manhã. Tenho um palpite de que vai gostar.

O duque estava certo: o marquês achou que a casa seria o ambiente ideal para Linetta. Tinha sido construída no século anterior e combinava o gosto e a elegância de Luís XV com as comodidades modernas.

Um pouco afastada dos Champs Élysées, tinha um jardinzinho à volta. Não havia dúvida de que o dono possuía um gosto excelente. Durante toda a vida, colecionara objetos de arte, que por serem peças únicas, eram de incalculável valor.

Um empregado antigo da família mostrou a propriedade e disse ao marquês que ele e a mulher podiam ficar trabalhando para quem alugasse a casa, enquanto o patrão estivesse ausente.

Depois de mostrar todos os aposentos, o velho retirou-se e Linetta ficou olhando para o jardim florido.

– Você gosta? – perguntou o marquês.

– É perfeito! Parece uma casa de boneca! Não há nada exagerado a ponto de amedrontar.

– Você não ficará amedrontada comigo – prometeu ele.

– Com você, eu não teria medo em parte alguma. Sei que vamos ser muito felizes.

– Também sei disso. – Tomou-a nos braços e fitou-a bem nos olhos.

– Você é linda e inocente. Acho que devia levá-la embora de Paris para uma ilha deserta, onde ficássemos completamente sós.

– Eu acharia ótimo, mas ia ter medo de... aborrecer você.

Era um medo verdadeiro, porque achava que devia parecer muito ignorante ao marquês.

Mas, à medida que passava o dia, percebeu que era muito fácil conversar com ele... Uma alegria inesperada!

Nunca teve oportunidade de conhecer homens, menos ainda de conversar com eles. Sentados para o almoço, num ponto sossegado do Bois, Linetta viu que o marquês tinha muita coisa para lhe contar e ela, muita coisa para aprender.

Ele também percebeu que Linetta não só havia lido muito, mas era inteligente. Nunca imaginou que pudesse ficar sozinho com uma mulher e se divertir sem flertar.

Linetta conversava como se ele possuísse toda a sabedoria do mundo; apesar disso, estava pronta para dar suas opiniões, que ele achava originais e, às vezes, provocantes. Chegou até a esquecer que ela era muito jovem e viu-

se conversando de igual para igual.

— Há tanta coisa que precisamos descobrir a respeito um do outro — disse Linetta, timidamente, no fim do almoço.

— Tudo que descubro a seu respeito me faz ficar cada vez mais certo de que é diferente de todas as mulheres que conheço.

Viu os olhos dela se iluminarem. Depois, em outro tom de voz, Linetta perguntou:

— Que acontecerá comigo... se eu o aborrecer?

— Tenho certeza de que isto jamais acontecerá.

— Mas pode acontecer.

— Acho que podemos deixar uma coisa tão improvável para o futuro.

Ela olhou para o jardim do restaurante e o marquês perguntou:

— Por que está preocupada?

— Quando estou com você, é difícil pensar claramente, pois me sinto muito feliz. É como se eu flutuasse num raio de sol e estivesse tão acima do mundo que os problemas e as dificuldades ficassem bem distantes... Mas, de certo modo, acho que devo enfrentar o futuro.

— Esqueça! Vamos pensar apenas no dia de hoje e deixar que o futuro cuide de si mesmo.

Levantou, colocando uma porção de notas no pires onde estava a conta. Depois levou Linetta para a carruagem que os esperava.

Passearam ao longo do Sena, porque o marquês queria que ela visse a beleza das novas pontes sobre a água prateada, assim como a magnífica fachada de Notre-Dame.

Às cinco horas, Linetta voltou à casa de Blanche. A atriz estava descansando, mas tinha deixado recado de que queria ver sua hóspede.

— Acho que não é preciso perguntar se gostou do passeio — disse Blanche, sorrindo.

— Foi um dia maravilhoso! E encontramos uma casa para onde podemos ir já amanhã, depois do almoço. Posso pedir às empregadas que me ajudem a fazer as malas?

— Claro! Mas acho que vou precisar lhe emprestar algumas malas.

— Obrigada.

— Lorde Darlestone insiste em pagar por suas roupas. Vê-se claramente que ele quer começar essa ligação da maneira certa. .

Linetta não soube o que dizer. Só desejou que Marguerite não tivesse

insistido em gastar tanto dinheiro em Worth.

Como se lesse os pensamentos da moça, Blanche disse:

— Para um inglês, ele é generoso. E você deve lembrar que o homem gosta de sentir orgulho da mulher que lhe pertence. Gosta de ver que ela é mais bonita e mais elegante do que todas as outras.

Linetta refletiu que jamais poderia ser mais bonita do que Blanche com seus cabelos dourados e olhos azuis, pele clara e corpo voluptuoso!

Para mudar de assunto, disse, hesitante:

— Não acha... indelicado eu deixar você deste modo... depois de toda a sua bondade? Sou-lhe muito grata; sou, realmente!

— Você resolveu seu futuro de maneira muito inteligente. Acho o marquês encantador e muito bonito! — Fez uma pausa e acrescentou: — Creio que é meu dever aconselhá-la a ser sensata, Linetta.

— Sensata?

Blanche inclinou a cabeça.

— O amor não dura para sempre, mas as jóias duram! São a garantia do futuro.

— Acho que... não compreendo.

— Vou lhe mostrar uma coisa. — Apontou para a escrivaninha a um canto. — Abra a escrivaninha. A chave está na fechadura. Traga-me o estojo que está dentro.

Perplexa, Linetta obedeceu. Dentro do móvel, encontrou, não material de escrever, mas um grande estojo de jóias de couro, muito pesado.

Entregou-o a Blanche e a atriz colocou-o sobre os joelhos.

Abriu-o, e Linetta ficou espantada. Havia colares, brincos, broches, pulseiras, anéis e medalhões, todos brilhando como se tivessem vida.

— São todas... suas?

— São todas minhas! E você precisa compreender que, aconteça o que acontecer comigo, elas serão o mais duradouro, o mais permanente *cher ami* de todos!

— Eu não poderia esperar que o marquês me desse coisas... assim.

— Não só deve esperar, como deve pedir, exigir! Preste bem atenção, Linetta: toda mulher que dá seus favores a um homem deve fazer com que ele lhe dê um lugar onde viver, com roupas bonitas e belas jóias. Ela também tem direito a criados, carruagens, um ótimo cozinheiro. E tudo isso deve ser pago pelo seu protetor, como uma prova concreta de afeição.

Blanche pegou um dos colares.

— Este aqui vale duzentos mil francos! Quando meus encantos desaparecerem, quando eu não for mais uma das atrações de Paris, quando ninguém me aplaudir, essas jóias ainda serão minhas! Os brilhantes não envelhecem, eles aumentam de valor!

Notando a expressão de Linetta, Blanche recolocou o colar no estojo.

— Guarde-o de novo na escrivaninha e lembre o que eu lhe disse: até mesmo a paixão mais forte e a dedicação mais sincera fenecerão com o tempo, como as flores. Mas as jóias significam segurança para a velhice.

Obediente, Linetta levou o estojo para a escrivaninha. Mas, quando voltou para seu quarto, achou que o que tinha ouvido deixara uma sombra sobre a alegria que havia sentido o dia todo.

Depois disse a si mesma que Blanche não compreendia. O que sentia pelo Sr. Bischoffsheim teria alguma semelhança com o êxtase, com o amor que ela sentia pelo marquês?

Nem por um momento, Linetta duvidava do amor dele. Por seu tom de voz, sabia que ela o emocionava de um modo que às vezes a deixava encabulada e, outras vezes, sem fôlego, com uma excitação que não compreendia.

O amor deles era diferente. Era qualquer coisa que não pertencia a este mundo, tão espiritual em sua intensidade...

Na noite anterior, depois que o marquês a deixou, Linetta se ajoelhou ao lado da cama e agradeceu a Deus, do fundo do coração, ter encontrado aquele homem, amá-lo e ser amada por ele.

Vou passar a vida inteira tentando fazer com que ele seja feliz, pensou. Mas ajudai-o, meu Deus, a me amar como eu o amo, com todo o meu coração e todo o meu ser.

Chamou a empregada e pediu-lhe que guardasse sua bagagem nas malas, exceto o vestido que ia usar naquela noite e uma das toaletes de passeio que tinham chegado de Worth e que pretendia vestir no dia seguinte.

— Sinto muito que nos deixe, *mademoiselle*. mas eu já esperava por isso — disse a empregada.

— Por quê?

— *Mademoiselle* é moça demais para morar nesta casa e é uma verdadeira dama.

Linetta ficou admirada. Depois achou que, se continuasse o assunto, a

empregada poderia falar mal de Blanche, e isso não devia acontecer.

Deliberadamente, começou a falar das malas de que ia precisar, como seria difícil não amassar os vestidos finos e as flores artificiais dos vestidos novos.

Félix, o cabeleireiro, veio penteá-la, depois de ter feito em Blanche um penteado de cachos, uma verdadeira cascata, para que ela se apresentasse no palco, à noite.

Linetta tinha acabado de se vestir, quando um dos lacaios veio dizer que o marquês a esperava embaixo.

Ela usava o vestido verde-folha que Marguerite insistiu que comprasse em Worth. Era muito primaveril, todo enfeitado de flores. Mas, quando o vestiu, sentiu um certo medo, porque verde não era uma cor de sorte. *Mademoiselle* Antigny dizia sempre que nunca usaria verde, mas a mãe de Linetta ria.

— Isso é superstição, *mademoiselle*, e, como boa católica, devia saber que essas idéias são erradas e não têm o mínimo fundamento.

— Acho que é devido à minha origem camponesa. Mas, diga a senhora o que disser, não uso verde, não passo embaixo de escadas e não viro meu colchão numa sexta-feira.

Olhando-se no espelho, Linetta tentou afastar os maus pressentimentos. O vestido verde só poderia dar sorte. Era tão lindo, tão bem feito, que procurou não pensar nas costureiras que o haviam confeccionado, ganhando por semana apenas o suficiente para comprar uma das flores do vestido.

À tarde, houve outro incidente, do qual não pôde esquecer.

Quando o marquês a trouxe de volta para a casa da avenida de Friedland, desceram da carruagem e se dirigiram para os degraus de entrada. A porta já tinha sido aberta por um dos lacaios.

Uma mulher com uma criança nos braços estendeu a mão para Linetta, pedindo, pelo amor de Deus, que lhe desse uma esmola para ela comprar comida.

O marquês enfiou a mão no bolso para tirar uns trocados, mas Linetta parou para falar com a mulher.

Ela era muito magra e o bebê, tão pálido, que a moça achou que não poderia viver muito.

— Você não arranja trabalho?

- Ninguém me dá emprego por causa do bebê.
- E seu marido... está desempregado?
- Marido? A senhora acha que este infeliz tem um pai?
- Basta! – interrompeu o marquês. – Pegue o dinheiro e vá embora!

Deu uma porção de moedas à mulher e esta as pegou avidamente, saindo dali sem mais uma palavra, como se tivesse medo de que ele mudasse de idéia.

Linetta ficou olhando para o vulto que se afastava.

- Ela é tão magra... e o bebê está doente.
- Não há nada que posso fazer. Pelo menos, ela terá comida para um ou dois dias.
- Foi muita bondade sua. Por outro lado, parece errado ela não ter a quem pedir ajuda.

O marquês não respondeu. Linetta entrou em casa e, quando ia subir para falar com Blanche, viu no saguão várias cestas de flores que deviam ter sido entregues durante a tarde.

Uma delas era de orquídeas roxas, flores muito caras.

Enquanto se vestia, não pôde deixar de pensar nas jóias fabulosas de Blanche, na mulher e na criança que deviam estar morrendo de fome.

Era difícil não pensar no jantar que Blanche havia dado para os amigos, com faisão e vinhos finos, servidos fartamente, numa mesa cheia de enfeites de ouro e prata, as mulheres usando vestidos espetaculares, que deviam ter custado uma fortuna.

Por que é que o imperador não faz nada?, pensou Linetta, pretendendo pedir uma explicação ao marquês.

Mas, quando o viu de novo e ele elogiou o vestido verde, achou difícil pensar em outra coisa, a não ser nele.

O marquês levou-a a um restaurante que não era tão grande nem tão elegante como o Café Anglais, mas, pelo que ele disse, era um dos melhores de Paris.

O Grand Véfour ficava no Palais-Royal, e era muito tradicional.

- Vou pedir a especialidade da casa – disse o marquês. Estavam sentados num sofá vermelho, numa salinha quadrada, cujas paredes eram pintadas com flores e frutas.

– É carpa do Reno, um peixe que você não encontra na Inglaterra. É recheado e servido com ovas e preparado com inúmeros ingredientes, dos

quais só o Grand Véfour conhece o segredo.

Quando o prato foi servido, Linetta achou-o muito bom. Mas era difícil se concentrar no que estava comendo, porque ela queria apenas conversar com o marquês, ouvi-lo falar e fazer-lhe inúmeras perguntas, para as quais achava que só ele tinha resposta.

O marquês estava muito alegre, fazendo Linetta rir. Conversavam tanto, que não puderam ir ao teatro, como haviam planejado. Ele não pretendia levá-la ao teatro onde Blanche representava, mas a um dos famosos teatros dramáticos onde ela poderia ver Sarah Bernhardt ou outros grandes atores e atrizes dos quais Paris tanto se orgulhava.

Em vez disto, continuaram conversando, achando que o que diziam um ao outro era muito mais interessante do que tudo que pudesse ser dito num palco.

Depois, assim como tinham feito na noite anterior, seguiram de carruagem pelas ruas iluminadas a gás, vendo os encantos de Paris e descobrindo, assim como muitos outros amantes antes deles, que era a cidade dos namorados.

— Você é tão meiga, tão adorável! — disse o marquês, com o braço em volta de seus ombros.

— Quero ser agradável a você — respondeu, com simplicidade.

— Não há palavras em inglês, nem em francês, que expressem o quanto você me agrada. Nunca, na vida, me vi prestando atenção a cada inflexão, a cada entonação da voz de uma mulher. Tudo que diz, meu amor, tem uma magia especial.

Linetta respirou fundo.

— Você diz essas coisas, que são tão maravilhosas que até me machucam.

O marquês apertou-a um pouco mais.

— Sei exatamente o que quer dizer, porque sinto a mesma coisa. Acho que você é uma sereia! Você me enfeitiçou e não posso pensar em mais nada!

Linetta ergueu o rosto e ele beijou-a ternamente.

— Amanhã à noite estaremos sozinhos em nossa casa. Aí então, poderei mostrar-lhe, minha querida, o quanto significa para mim. E poderei beijá-la como deve ser beijada, como quero beijá-la.

Linetta estremeceu ante a paixão da voz dele.

— Vai ser maravilhoso ficar com você e saber que continuaremos

juntos. Ontem à noite, quando nos despedimos, tive vontade de correr atrás de você e pedir que voltasse. Tive tanto medo de não tornar a vê-lo!

— Acha mesmo que isso poderia acontecer? Já lhe disse que você é minha e que nenhum de nós pode escapar ao outro.

— É no que desejo acreditar, mas às vezes tenho medo.

— Não precisa ter. Amanhã irei buscá-la. Quando assinei o contrato, hoje à tarde, fiquei sabendo que o dono vai partir bem cedo. Se quiser, podemos tomar posse da casa antes do meio-dia.

— Nada poderia ser mais maravilhoso.

— Depois vou levá-la a Oscar Massin, para lhe comprar um presente. Pensei em comprar alguma coisa hoje à tarde, mas parece que não tive um momento de sossego. Estive imaginando qual a jóia que combinaria melhor, minha querida.

Sentiu que Linetta se contraía em seus braços.

— Não quero que compre... nenhuma jóia... para mim — disse ela, dali a um momento.

— Por que não?

Linetta não respondeu imediatamente, e o marquês achou que a moça estava tentando encontrar uma explicação diferente da verdadeira.

— Você já me deu... tanta coisa. Blanche disse que vai pagar pelos meus vestidos.

— Não acha que eu ia permitir que outro homem fizesse isso, não é? Mas quero lhe dar muitas coisas; jóias são apenas uma delas.

— Por favor, prefiro que não faça isso.

O marquês segurou o queixo dela e virou-o para poder ver seus olhos.

— Por que não? Diga-me.

Por um momento, ela pensou em não responder, mas o tom autoritário fez com que obedecesse.

— Hoje à noite, Blanche me mostrou... suas jóias. O marquês deu uma risadinha.

— Compreendo o que está pensando, mas prometo que não será a mesma coisa. — Viu que ela não estava convencida. — Não quero fazer nada que a perturbe. Essas coisas podem esperar. Só o que importa no momento é ficarmos sozinhos.

— Sim, é a única coisa que importa — concordou Linetta, erguendo os lábios para ser beijada.

Voltaram para a avenida de Friedland.

— Amanhã à noite, meu amor, eu a beijarei como desejo beijá-la agora. Até lá, ficaremos separados apenas algumas horas, embora isto vá parecer um século, para mim.

— E para mim também...

A carruagem parou e os dois desceram.

Linetta entrou em casa e o empregado fechou a porta.

— Madame já chegou? — perguntou a moça.

— Sim, chegou, *mademoiselle*, mas acho que não quer ser incomodada.

— Não, claro que não. Não vou fazer barulho. Boa noite, Jules.

— Boa noite, *mademoiselle*.

O criado atravessou o saguão e desapareceu por uma porta embaixo da escada, que levava ao porão.

Linetta começou a subir a escada.

Estava na metade, quando ouviu baterem à porta da frente.

Pensou que o marquês tivesse esquecido alguma coisa e, sem esperar que o criado voltasse, desceu correndo e foi abrir.

Viu, não o marquês, mas o Sr. Bischoffsheim, com um embrulho na mão.

— Sr. Bischoffsheim! Pensei que estivesse no campo. Ele entrou e colocou o chapéu em cima da mesa.

— E estava, mas voltei para Paris porque o único presente de aniversário que minha filha queria era ir ao teatro! — Deu uma risadinha e acrescentou: — Ela tem o mesmo gosto do pai pela ribalta e queria ver Sarah Bernhardt em *Le Passant*.

— Ela esteve bem?

— Magnífica!

Ele olhou para o vestido de Linetta e para a echarpe sobre os ombros.

— Você acaba de chegar?

— Neste minuto. E Blanche já voltou, mas acho que está dormindo.

— Então, vou surpreendê-la. Tenho aqui um presente muito especial para ela, que há muito tempo deseja. Quer ver o que é?

— Sim, claro.

O Sr. Bischoffsheim olhou para o seu criado que tinha trazido uma cesta de tuberosas, com uma fita azul na alça. O homem colocou a cesta no chão e perguntou:

– É só isto, *monsieur*?

– Sim, é só. Obrigado, Clement. E venha amanhã, à hora de costume.

Boa noite!

– Boa noite, *monsieur* – respondeu o criado, saindo e fechando a porta.

Linetta pareceu surpresa. Nunca tinha imaginado, desde que morava com Blanche, que o Sr. Bischoffsheim pudesse passar a noite ali. Achou aquilo muito estranho, mas, naturalmente, não fez nenhum comentário. O banqueiro estava ocupado em abrir o estojo que tinha nas mãos.

Linetta viu que era de veludo preto e, antes mesmo que ele o abrisse, sabia que continha uma jóia.

Quando viu o que era, ficou de respiração suspensa.

Nunca tinha imaginado que um colar pudesse ser tão maravilhoso, tão cheio de diamantes grandes, com um brilho tão incrível, apesar da fraca iluminação do saguão.

– Gosta?

– É fantástico!

– Pertenceu a Maria Antonieta. Blanche o cobiça há muito tempo. Tive que pechinchar bastante, mas agora o colar é dela! Acha que vai gostar?

– Como poderia deixar de gostar?

Ao dizer isso, Linetta ficou imaginando por que Blanche queria mais jóias, quando já possuía um estojo cheio delas.

– Venha comigo. Vamos surpreendê-la. Pode levar as flores para mim?

– Claro.

Pegou a cesta, que era mais leve do que parecia. O banqueiro subiu a escada na frente dela.

Quando chegaram no patamar de cima, ele pôs um dedo nos lábios, pedindo silêncio, e os dois foram de mansinho até o quarto de Blanche.

O homem abriu a porta com cuidado e entrou.

Linetta esperava que o quarto estivesse às escuras, mas viu um candelabro aceso, a um canto.

Entrou, atrás do Sr. Bischoffsheim, e sentiu o odor de perfume e de flores. Quando o banqueiro chegou perto da cama, deixou escapar um grito.

Linetta, um pouco atrás dele, parou. Viu Blanche erguer a cabeça, os cabelos loiros caindo à volta do rosto, como uma nuvem dourada. Ela não

estava sozinha!

— Sua vagabunda! Sua prostituta! — gritou Bischoffsheim. Blanche sentou na cama e o homem a seu lado apoiou-se no cotovelo.

— Quando eu a perdoei, na última vez, você jurou que não tornaria a fazer isso — disse o banqueiro, furioso. — Você não passa de uma prostituta, uma vagabunda de terceira classe.

Agora, Linetta podia ver quem era o homem ao lado de Blanche. Impossível não reconhecer o rosto magro, cadavérico, de olhos fundos. Jacques Vossin!

— Meu caro Bisch, não fique tão perturbado! Blanche disse isso de um modo natural, calmo.

— Você me prometeu, jurou por tudo que era sagrado, que me amava e que eu podia ter confiança em você! — berrou o banqueiro. — Maldita seja por me crucificar desse jeito. Maldita seja!

Incrédula, Linetta percebeu que ele estava chorando. As lágrimas rolavam por suas bochechas e ele fungava, enquanto repetia:

— Maldita seja! Eu confiei em você... Você me prometeu... Maldita seja!

Quase sem perceber o que fazia, Linetta colocou a cesta de flores no chão e saiu dali correndo.

Mesmo no corredor, ainda ouvia os gritos e os soluços do amiguinho de Blanche.

Entrou no quarto e fechou a porta à chave.

Foi um gesto instintivo, para se isolar, para fugir ao que estava acontecendo. Atirou-se depois na cama e escondeu o rosto no travesseiro.

Estava trêmula, de mãos contraídas, com dificuldade para respirar.

Pouco a pouco, seus pensamentos confusos se tornaram mais claros e pôde pensar no que tinha visto e ouvido, sem ter vontade de gritar ou de vomitar.

Achou que a imagem de Blanche e do Sr. Vossin, lado a lado na cama, ficaria impressa para sempre em sua mente. Blanche, uma deusa bonita, voluptuosa, de pele tão clara, junto daquele homem macilento, magro, com os ossos dos ombros salientando-se, com pêlos no peito nu.

Linetta nunca tinha visto um homem nu e estava chocada.

Como é que Blanche pôde fazer aquilo? Como pôde permitir que ele a tocasse?

Depois, horrorizada, compreendeu que o Sr. Bischoffsheim devia dormir na cama branca e azul de Blanche.

Linetta era tão inocente, tão inexperiente, que nunca soube que um homem dormia com uma mulher, e que dormiam nus.

Quando pensava em casamento, sabia que o marido e a esposa estavam sempre unidos, que se beijavam e se amavam, mas jamais tinha alcançado o significado total dessa união.

Agora, compreendia que a vida não era um conto de fadas, uma fantasia, um palco onde homens e mulheres, vestidos de maneira romântica, diziam as frases que deviam dizer, mas não tinha contato com a realidade.

Parecia-lhe que, desde que havia vindo para Paris, Blanche esteve representando um papel, não só no teatro, como também naquela casa rica, luxuosa, que era paga pelo Sr. Bischoffsheim.

Ele era “amante” de Blanche... Linetta teve que enfrentar essa palavra. Não era um bom amigo. Era um amante!

Embora ainda não alcançasse o sentido exato disso, Linetta sabia agora que significava que um homem e uma mulher iam para a cama... nus!

Achava que uma mulher só poderia fazer isso com um homem pelo qual estivesse apaixonada, de modo que nada mais tinha importância, a não ser o amor. Mas Blanche, evidentemente, não amava o Sr. Vossin, e o simples fato de deixar que ele a tocasse indicava que também não amava o Sr. Bischoffsheim.

105

Fosse como fosse, era horrível e não parecia ter sentido... a não ser, pelo estojo de jóias guardado na escrivaninha.

Linetta ficou durante longo tempo refletindo sobre o que tinha acontecido, com a cabeça embaixo do travesseiro, com medo de ouvir, mesmo de porta fechada, os soluços do Sr. Bischoffsheim.

Na realidade, isso teria sido impossível, porque o quarto dela ficava distante do outro. Mesmo assim, tinha medo e queria evitar todo e qualquer contato com o que sabia ser horrível e sórdido.

Só três horas depois, quando as estrelas começavam a empalidecer no céu, Linetta finalmente levantou para se despir.

Embora fosse uma noite quente, tremia de frio. Quando se enfiou na cama, os cobertores pareciam de papel. Ainda tremia e não conseguia pegar no sono.

Agora compreendia muita coisa que a tinha deixado perplexa até então.

Uma coisa ela podia entender: isto é, o que Blanche disse, quando lhe mostrou o estojo de jóias.

O Sr. Vossin era rico. Pois não havia oferecido a ela tudo que possuía?

Com um cinismo que nunca tinha tido, Linetta pensou que no dia seguinte Blanche poderia acrescentar novas jóias, além do colar do Sr. Bischoffsheim, à sua coleção.

O sol agora iluminava o quarto. Ela levantou e começou a se vestir. Foi até o armário e, não dando atenção aos vestidos bonitos, pegou uma das roupas que tinha trazido da Inglaterra. Era um vestido simples de musseline azul, com gola e punhos brancos.

Vestiu-o, penteou os cabelos no coque simples, e depois colocou o chapéu de palha com o qual viajara, amarrando as fitas embaixo do queixo.

Abriu a porta do quarto. A casa estava silenciosa, e duvidou de que os criados estivessem acordados àquela hora.

Desceu a escada na ponta dos pés, sem olhar para o quarto de Blanche quando passou por ele, mas percebendo a porta fechada.

Não tinha a mínima idéia do que pudesse ter acontecido depois que fugiu para o quarto. Com certeza, o Sr. Vossin tinha ido embora e talvez o Sr. Bischoffsheim, perdoado Blanche.

Ainda podia ouvir seus soluços entrecortados; de certo modo, isso era mais degradante do que quando ele xingou e amaldiçoou Blanche.

Linetta saiu pela porta da frente.

O sol pálido começava a dourar a avenida deserta e as árvores floridas desenhavam-se contra o azul do céu.

Mas a tristeza de Linetta não deixou que visse beleza em parte alguma.

Sabia que tinha que se afastar para poder pensar.

A casa de Blanche a sufocava. A própria opulência, o ambiente perfumado, a fragrância das flores, tudo isto abafava em Linetta todo e qualquer sentimento, a não ser o de repulsa.

Caminhou pela avenida e virou para a rua St. Honoré.

Lembrou que, quando passeava um dia com Blanche, esta lhe mostrou a embaixada britânica, e tinha notado que, em frente, havia uma igreja.

Achava, vagamente, que era uma igreja anglicana. Tinha saudade da igreja simples da aldeia, de paredes caiadas, igreja onde tinha sido

realizado o serviço dos funerais de sua mãe. Achou que só num ambiente igual é que* poderia encontrar a ajuda que buscava.

Era uma caminhada longa pela rua St. Honoré. Quando chegou à embaixada britânica, havia mais gente na rua.

As luzes a gás estavam sendo apagadas; os vendedores passavam com suas carretas e havia muita gente vestida pobremente, provavelmente a caminho, do trabalho.

Olhando para elas, Linetta encontrou a resposta para sua pergunta, antes mesmo de chegar à igreja.

Precisava arranjar um emprego!

Tinha que fazer o que pretendia ao chegar a Paris: trabalhar pelo seu sustento.

Viu a igreja e, com medo de que estivesse fechada, empurrou a porta.

Entrou.

Era uma igreja antiga, simples e sem enfeites. Não havia imagens de santos, nem velas. Nada, no altar, a não ser uma cruz de cobre. Havia ali um cheiro de velhice e de pó.

Linetta ajoelhou-se no primeiro genuflexório que encontrou, e, quando abaixou a cabeça para rezar, teve a impressão de que sua mãe estava a seu lado, consolando-a, ajudando-a e sustentando-a de um modo que não tinha sentido nem mesmo em criança.

— Ajude-me! Ajude-me, mamãe! — murmurou. — Diga-me o que devo fazer. Agora sei que o que eu ia fazer era errado e que você não aprovaria. Mas me parecia certo, porque eu o amo.

Esperou um pouco, como se a mãe fosse responder. Mas, embora não houvesse resposta, sabia que não estava só. A dor que tinha sentido no peito, a noite toda, desapareceu e ela não estava mais tensa, não tinha mais medo.

— Como é que eu podia saber, mamãe, que a vida era assim, ou que as pessoas se comportavam desse jeito?

Mas agora começava a compreender, como se ouvisse as palavras da mãe, que não podia mais ter contato com Blanche ou com o tipo de vida que a atriz levava. Era um mundo do qual não podia participar. Linetta sabia que tudo que lhe tinha acontecido em Paris precisava ser apagado, como palavras escritas numa lousa.

Tinha que começar de novo, começar do princípio, desde o momento em que saiu da Gare du Nord com a intenção de trabalhar para ganhar a

vida, ensinando inglês.

Linetta ficou ajoelhada durante muito tempo, na calma e no silêncio da igreja.

Por sentir que a mãe estava a seu lado, gradualmente o horror do que acontecera foi desaparecendo e pôde ver tudo sob uma perspectiva mais verdadeira.

Aquela vida podia ser a de Blanche, mas nunca seria a dela!

Não lhe competia julgar se a atriz tinha ou não razão. Sentia apenas que, para ela, Linetta, seria degradante, portanto, não queria saber disso.

Dali a mais ou menos uma hora, sentiu os joelhos doerem e o corpo entorpecido.

Sentou e olhou para os vitrôs coloridos.

— Ajudai-me... Por favor, meu Deus, ajudai-me. Preciso encontrar trabalho.

Levantou para sair da igreja, sentindo-se como um soldado que parte para a batalha. Havia muitas coisas a fazer, mas o mais importante era contar sua decisão ao marquês.

Precisava fazer com que ele compreendesse que ela jamais poderia viver na casa que haviam escolhido juntos; jamais poderia lhe pertencer.

— A culpa foi minha — disse Linetta a si mesma. — Eu me impus a ele e não posso censurar ninguém pelo que aconteceu, a não ser eu mesma!

Ao mesmo tempo percebeu que, só por pensar nele, seu coração batia mais depressa. Sentiu medo, um medo terrível.

— Ele vai compreender — murmurou, com uma confiança que realmente não sentia. — Tem que compreender!

Quando ia abrir a porta da igreja para sair, viu um quadro de avisos.

Teve uma idéia.

Talvez pudesse perguntar ao vigário se conhecia alguma escola, ou uma família, onde pudesse ensinar.

Olhou para o quadro. Havia o horário dos serviços religiosos dos sábados e dos domingos e avisos sobre reuniões de clubes. Depois, notou um cartão:

“Precisa-se de professoras de inglês e de francês para crianças de quatro a oito anos, para britânicos residentes em Paris”.

Linetta leu e releu.

Estava ali a resposta às suas orações.

CAPÍTULO VII

O marquês chegou à avenida de Friedland às onze e meia. Quando entrou no saguão, viu ali uma porção de malas que achou que deviam pertencer a Linetta.

— Madame pediu para o senhor esperá-la na sala de fumar, senhor — disse o laçao, levando-o para a saleta em estilo oriental onde Linetta tinha ficado tão surpresa ao ver piteiras.

O marquês esperou, olhando pela janela.

Depois, ouviu Linetta entrar e virou-se com um sorriso nos lábios. Mas, ao olhar para ela, o sorriso desapareceu.

Não foram só as roupas dela que lhe contaram que alguma coisa estava errada, mas também sua expressão.

— Que aconteceu? Por que está vestida desse modo?

Linetta aproximou-se lentamente e o marquês percebeu que ela estava achando difícil responder.

— Alguma coisa a perturbou, Linetta. Que foi?

— Preciso contar que... arranjei um emprego... e que não posso ir com você.

— Emprego? Que tipo de emprego?

— Estão precisando de uma professora para filhos de ingleses residentes em Paris. Falei com o capelão da igreja da embaixada britânica e ele arranjou lugar para mim.

Linetta não olhou para o marquês enquanto falava, as pestanas escuras acentuando-lhe a palidez exagerada do rosto.

— Que aconteceu, minha querida? Por que está fazendo isso?

Quando nos separamos, ontem à noite, você tinha certeza de que íamos ser felizes.

— Mudei... de idéia. Não posso explicar por quê. Você precisa acreditar, quando digo que não podemos fazer... o que planejamos.

O marquês percebeu o quanto ela estava sofrendo.

— Se alguma coisa ou alguém a perturbou, conte-me o que houve. Sabe que tomarei conta de você e a protegerei seja do que for.

— Não, não; você não pode fazer isso!

A voz da jovem adquiriu uma inesperada firmeza. Torcendo as mãos, Linetta continuou:

— Estou muito envergonhada e aborrecida por você ter gasto tanto dinheiro com minhas roupas. Elas estão nas malas, à sua disposição, no saguão. Talvez possa vendê-las ou dá-las a... outra pessoa.

— Foram um presente para você, Linetta.

— Não me serviriam para nada. Agora, preciso ir.

Ele estendeu os braços, como se fosse abraçá-la, mas a moça recuou.

— Por favor, não me toque. Eu o amo, sempre o amarei! Mas sei que estou fazendo o que é direito e que o que nós queríamos fazer era errado!

— Se me disser o que foi que a perturbou, podemos discutir o assunto. Então, deixará de ser assustador, porque estaremos partilhando o problema.

— Eu gostaria de poder fazer isso — disse Linetta, com olhos marejados de lágrimas. — Mas não há nada sobre o que falar. Nada a dizer. A não ser... adeus!

Sua voz falseou. E então, enquanto o marquês a olhava sem saber o que fazer, Linetta lançou-lhe um olhar de causar dó e saiu da sala.

Ele ficou sem compreender. Aquela não era a moça feliz, que ergueu para ele o rosto na noite anterior, dizendo-lhe que o amava. Era uma firmeza e uma determinação que diziam ao marquês que seria difícil fazer com que mudasse de idéia.

Fosse como fosse, não pretendia perder Linetta e disse a si mesmo que a primeira coisa a fazer era descobrir o que a havia perturbado tanto.

O quarto para onde levaram Linetta, numa pensão da rua d'Aguesseau, perto da embaixada britânica, era pequeno, sombrio, dando para um quintal, nos fundos.

Quando perguntou ao capelão onde podia ficar, dizendo-lhe que não conhecia Paris, ele recomendou uma pensão onde moravam várias senhoras que trabalhavam na embaixada.

— A dona é a Sra. Matthew. Pode ser que a casa esteja lotada, mas duvido. Em todo caso, diga-lhe que eu a mandei e peça que faça o possível para lhe arranjar um quarto; pelo menos, até você encontrar outra coisa.

A Sra. Matthew era uma escocesa de cabelos grisalhos, com uma personalidade dominadora, que fez com que Linetta se sentisse como uma colegial delinqüente.

— Não posso prometer hospedá-la por mais de duas semanas, Srta.

Falaise. Mas terá um teto, por enquanto.

— Muito obrigada!

— Peço aos meus pensionistas que sejam pontuais às refeições. E não se permitem visitas nos quartos.

As últimas palavras foram ditas quase com ferocidade, como se Linetta pudesse querer receber alguém num quarto tão pequeno que mal dava para uma pessoa se mover!

— Não. Claro que não.

— E todo mundo tem que estar em casa às dez da noite, a não ser em circunstâncias especiais.

Depois que a mulher saiu, Linetta tirou o chapéu, sentou na cama e escondeu o rosto nas mãos.

Era duro pensar na surpresa e na consternação do marquês, quando lhe disse que ia deixá-lo. Ainda não compreendia bem que, deliberadamente, o havia afastado de sua vida e que nunca mais o veria.

— Eu o amo, eu o amo!

Mas sabia que, depois do que tinha visto no quarto de Blanche, não podia viver com ele, não podia se expor a insultos iguais aos que o Sr. Bischoffsheim disse a Blanche.

— Eu o amo! Mas nosso amor não poderia sobreviver, em tais circunstâncias.

Ficou muito tempo na cama, com o rosto nas mãos. Não estava chorando. Não podia sentir mais nada, a não ser um frio desespero que parecia paralisar não apenas sua mente, mas também seu coração.

Houve uma brusca batida na porta.

Linetta levantou a cabeça.

— Há um cavalheiro lá embaixo à sua procura — disse uma voz de mulher, em inglês. — A Sra. Matthew mandou avisar que não é para ele se demorar, porque o almoço vai ser servido daqui a dez minutos.

Linetta sabia quem estava lá embaixo e seu primeiro impulso foi dizer que não queria ver o marquês.

Depois achou que ele ia insistir e que era melhor lhe dizer pessoalmente que não queria mais vê-lo, em vez de mandar recado por uma empregada.

Levantou e, sem nem mesmo olhar no espelho para ver se estava penteada, desceu a escada lentamente.

Havia uma saleta à direita da porta de entrada, onde a Sra. Matthew a tinha recebido, quando foi procurá-la.

O marquês estava de pé, no meio da sala, muito alto, distinto, de ombros largos, contra as desbotadas cortinas bege. A mobília da sala era barata e pouco confortável.

Linetta fechou a porta. Depois, quando se virou e os olhos de ambos se encontraram, ela não pôde se mover.

O marquês aproximou-se, tomou-lhe a mão e beijou-a.

— Por que não me disse o que aconteceu, minha querida? Linetta murmurou qualquer coisa ininteligível e virou o rosto.

— Compreendo como deve ter ficado perturbada. A culpa foi minha por deixá-la naquela casa e permitir que convivesse com aquele tipo de gente.

— Não, não foi... sua culpa. Foi minha. Eu sabia que era errado, desde o princípio. Mas tudo parecia tão fascinante, tão glamouroso, e só agora compreendo que não passava de uma ilusão.

Respirou fundo e continuou, como se fosse forçada a isso:

— É como o teatro, que parece alegre e excitante à noite, mas é sombrio, sujo e sórdido, quando as luzes estão apagadas.

O marquês beijou de novo a mão de Linetta. Ela estremeceu com o contato dos lábios dele, mas continuou, corajosamente:

— É uma ilusão, como a beleza e a extravagante Paris que a gente vê no Boi de Boulogne. Mas atrás dele há miséria, sujeira e crianças morrendo de fome. Foi também uma ilusão pensarmos que poderíamos ser felizes. Parecia tão natural que eu fosse uma “segunda esposa”, a sua *chère amie*, mas o que eu seria, na realidade, era aquilo... aqueles nomes... com os quais o Sr. Bischoffsheim xingou Blanche.

As lágrimas corriam pelas faces de Linetta.

— Nosso amor não é uma ilusão, querida. Eu a amo e a quero para minha mulher!

Linetta ficou tensa e, por um momento, seus dedos apertaram os dele.

— Quer se casar comigo, minha querida?

— Não. Não posso! Por favor, você não deve me pedir!

— Por que não? Não pode ficar zangada comigo por eu não ter compreendido que o que planejamos juntos não era realmente o que nós dois queríamos. Pertencemos um ao outro; você é minha, Linetta! Mas tudo aconteceu muito depressa e fui um tolo em não perceber que a queria, não

como amante, mas como esposa!

Linetta soltou sua mão.

— É... impossível!

— Por quê? Por que diz isso?

— Porque sei de sua importância na Inglaterra. Lá, assim como na França, os casamentos dos nobres são arranjados, com uma mulher da mesma posição social. Uma mulher que traga alguma coisa em troca da posição que o marido lhe dá.

— Acha que é esse tipo de casamento que quero? Se fosse, estaria casado há muito tempo, Linetta. Mas fiquei solteiro porque, simplesmente, nunca amei ninguém. — Fez uma pausa e acrescentou: — Até conhecer você, meu bem.

Linetta afastou-se e ficou olhando pela janela.

— Quero casar com você! — disse ela. — Eu o amo e foi isso que sempre desejei, de todo o coração, mas sempre soube que é... impossível!

— Por quê?

— Por uma razão: nem mesmo sei o nome de meu pai! O marquês aproximou-se.

— Como é possível? Quer dizer que Falaise é o nome de sua mãe? Linetta fez que sim com a cabeça.

— Achei estranho, quando você me disse que seu pai era inglês, que ele tivesse um nome francês. Mas eu não estava interessado em seus pais e sim em você!

— Não pode casar com uma pessoa sem nome, sem relações, sem ambiente de família.

O marquês ficou em silêncio. Linetta continuou:

— Até mesmo pensar que possamos casar em semelhantes circunstâncias é outra... ilusão.

Virou a cabeça para a janela, e ele viu que ela chorava.

— Deve haver uma resposta para esse problema. Você me disse que o motivo de vir para Paris era sua governanta ter morrido e que, desde a morte de sua mãe, viveu das economias de *mademoiselle* Antigny.

— Sim.

— Disse também que, até o dia de sua morte, sua mãe recebia uma mesada enviada pelos testamentários de seu pai.

— Não. Vinha de um banco de Oxford. O dinheiro era entregue por

um funcionário do banco.

— E depois da morte dela, ele avisou que o dinheiro não seria mais entregue?

— Recebemos isto.

Ao descer, tinha trazido a bolsa, onde estava todo o dinheiro que possuía. Ali estavam também seu passaporte e a carta que *mademoiselle* lhe entregou.

Linetta já tinha lido tantas vezes, que a conhecia de cor.

A carta dizia:

“Devido à morte da Sra. Yvonne Falaise, vimos informá-la de que o dinheiro que lhe era enviado de três em três meses cessará a partir do dia vinte e cinco de setembro do ano de Nosso Senhor de 1867.

Respeitosamente, Herman Clegg, Secretário”.

Era só isso.

Entregou a carta ao marquês.

Ele pegou-a, maquinalmente, e começou a ler. De repente, enrijeceu.

Qualquer coisa nessa imobilidade assustou Linetta.

— Que aconteceu?

Pareceu que o marquês não tinha o que responder, mas logo em seguida ele disse, bruscamente:

— Vista suas roupas de viagem e diga às empregadas para trazerem suas malas para baixo.

— Que quer dizer com isso? Que aconteceu? Para onde quer que eu vá?

— Vou levá-la para a Inglaterra. Vamos descobrir a verdade a respeito de seu pai.

Quando chegaram à Inglaterra, no dia seguinte, Linetta tinha a impressão de que aquela viagem era um pesadelo do qual jamais acordaria.

Quando o marquês lhe disse que ia levá-la de volta, de repente tinha se tornado diferente do homem que a pedira em casamento.

— A carta dá alguma indicação a respeito de meu pai?

A pergunta foi feita quando se dirigiam para a Gare du Nord.

— Sim, dá. Mas por enquanto não quero discutir esse assunto com você.

— Tem certeza de que é capaz de descobrir quem era meu pai?

— Quando eu conhecer a verdade, você também a conhecerá. Até lá,

não há nenhuma vantagem em tentar adivinhar ou inventar o que não se pode provar.

Linetta compreendia que, de certo modo, a carta o havia perturbado. Mas parecia que pouco se podia deduzir das frases que sabia de cor.

Depois, lembrou que a carta tinha sido escrita num papel onde estava gravado um endereço.

Não tinha significado nada para ela, e sabia que nada havia significado para *mademoiselle*. “The Castle, Canterbury, Kent.”

Linetta via agora que isso parecia ter grande importância para o marquês. Mas, devido à estranha atitude dele, não tinha coragem de perguntar.

Vestiu o traje de viagem, com a capa escura, e tornou a fechar a mala.

Quando saíram da porta, viu que não só a carruagem do duque de Rochfort os esperava, como também uma *voiture* com as malas que tinha deixado em casa de Blanche.

O marquês deu ordem ao cocheiro que seguisse para a Gare du Nord e disse a um dos lacaios que avisasse a *voiture* para segui-los.

Ele tinha conversado com a Sra. Matthew, enquanto Linetta se vestia. Quando desceu, a moça disse:

— Preciso avisar o capelão de que tenho... que partir.

— Já pedi à Sra. Matthew que diga a ele que você tem que voltar para a Inglaterra, devido a urgentes negócios de família.

Linetta encarou-o perplexa.

O rosto dele estava sombrio e havia em seus olhos uma expressão que ela não podia compreender.

Que teria acontecido? Por que havia mudado tanto?

Faria essa pergunta a si própria dezenas de vezes, enquanto viajavam de trem para Calais. Chegaram lá, tarde da noite, ou antes, de madrugada, e ficaram num hotel pouco confortável, de frente para o mar.

Linetta estava tão cansada por ter passado a noite anterior em claro, que dormiu um pouco no trem; no hotel, pegou no sono assim que caiu na cama.

Mas, quando se encontrou com o marquês no dia seguinte, à hora do café da manhã, teve a impressão de que ele não tinha dormido. Estava com olheiras e, embora falasse com ela com a delicadeza de sempre, não a olhava diretamente e evitava qualquer palavra que tornasse a conversa um pouco

mais íntima.

Ele tomou uma cabine particular, no navio, mas, embora estivesse ventando, passou a maior parte do tempo no convés, andando.

Linetta ficou sentada na cabine imaginando por que a estaria levando, principalmente tendo em vista que ela não queria mais ter contato com ele.

Mas sabia que o amava mais do que nunca!

Bastava olhar para o marquês para sentir que seu amor por ele lhe dava uma dor no coração; bastava ouvi-lo falar, que ficava trêmula de emoção.

O êxtase, a sensação maravilhosa que teve quando a beijou no Bois de Boulogne haviam desaparecido. Em vez disso, havia a dor de saber que existia entre eles uma barreira que ela não compreendia, um abismo entre a posição social dos dois, abismo que não podia ser transposto.

Mas por que motivo, agora que ela não podia significar nada na vida dele, o marquês se dava ao trabalho de procurar saber quem tinha sido seu pai?

Sozinha na cabine, ocorreu-lhe o horrível pensamento de que talvez seu pai tivesse sido um criminoso e o marquês a estivesse levando para a Inglaterra para algum tipo de reparação.

Depois, achou que estava com a imaginação exacerbada.

A mãe sempre lhe falava do pai como um homem maravilhoso e não teria chorado por alguém que não estivesse à altura de seus padrões de moral e seus ideais.

Mas, se o pai tinha sido tudo que Linetta imaginava, se era o herói que ela endeusava, por que o marquês estava tão preocupado? Por que não falava mais de seu amor e não se referia mais ao casamento?

Era um enigma que ela não sabia como resolver.

Sabia apenas que estava deprimida a ponto de mal poder conter as lágrimas; sempre que ele se aproximava dela, sentia uma dor no coração.

Quando chegaram a Dover, chovia, o céu estava nublado, e Linetta achou que nunca mais veria a beleza ensolarada de Paris.

Disse a si mesma que aquilo apenas fazia parte de uma ilusão que nada mais significaria em sua vida.

Precisava enfrentar a realidade, mas pediu a Deus que não permitisse que descobrisse qualquer coisa horrível a respeito do pai.

— Por favor, fazei com que ele tenha sido bom. correto, nobre, como

sempre acreditei que fosse!

Viajavam num trem que atravessava o campo a uma velocidade muito maior do que a da diligência que tinha levado Linetta a Dover.

Ela desistiu de conversar com o marquês, falando apenas de coisas corriqueiras. Quando olhava para ele, notava seus lábios contraídos.

Estavam sós no vagão, e teve vontade de se atirar nos braços dele, de pedir que a apertasse contra o peito e dissesse que ainda a amava.

Que mais importa, a não ser o nosso amor?, quis gritar.

Desesperada, pensou que tinha jogado fora toda a felicidade que jamais conheceria na vida, trocando-a por uma tristeza e uma solidão que a acompanhariam para sempre.

Por que fui tão tola? Por que não me contentei com o que me era oferecido?

Lembrou depois que a mãe tinha parecido estar perto dela, na igreja. E que a felicidade que poderia ter tido ao lado do marquês, na casa dos Champs Élysées, seria apenas uma ilusão.

No meio da tarde, o marquês tirou do bolso do colete o relógio de ouro e disse:

- Devemos chegar dentro de dez minutos.
- Aonde?
- Canterbury.

Linetta fitou-o, admirada, até lembrar o endereço no alto da carta. Agora sabia para onde iam. Para o castelo, à procura do Sr. Herman Clegg. Tendo escrito a carta, ele devia saber alguma coisa a respeito do pai dela.

Centenas de perguntas lhe ocorriam, mas, como o marquês parecia muito distante, ela apenas o olhou, com um ar de desamparo que fazia com que parecesse muito jovem e patética.

Desceram na estação de Canterbury. Ao ver ali alguns dos criados do marquês, Linetta concluiu que ele havia mandado um telegrama, antes de tomarem o trem, em Dover.

- Boa tarde, senhor. É um prazer vê-lo de volta.

Foram levados para uma confortável carruagem fechada, puxada por quatro cavalos magníficos, e saíram da estação a uma velocidade que surpreendeu Linetta.

O marquês estava sentado no canto do banco e parecia interessado na paisagem.

Depois de viajarem um quilômetro e meio, Linetta perguntou, baixinho:

- Para onde vamos?
- Para a minha casa.
- Você mora em Canterbury?
- Moro.

Talvez fosse essa a razão da atitude estranha dele, depois de ver o endereço na carta.

Estava ansiosa para lhe fazer algumas perguntas, mas calou-se, percebendo que não só estava tenso, como decidido a não satisfazer sua curiosidade.

Qual será o segredo a respeito de papai?, perguntou a si mesma, desesperada.

Depois de viajarem quase uma hora, chegaram diante dos portões de um pavilhão de entrada e logo entraram numa longa alameda de carvalhos.

Era difícil ver à frente, até que, de repente, a alameda fez uma curva e surgiu um magnífico casarão de pedra cinzenta.

Linetta teve certeza de que era um castelo!

Ia perguntar se o Sr. Clegg tinha escrito dali, quando o marquês disse, na mesma voz fria e desinteressada, com que se dirigiu a ela durante a viagem:

— Quero que me espere na carruagem. Tenho que fazer umas perguntas lá dentro. Depois, volto para cá e espero poder lhe explicar muitas coisas que a deixarão perplexa.

— Está certo. Vou esperar.

A carruagem parou diante de uma escada larga, e vários criados apareceram para abrir a porta para o marquês descer.

Ele devia ter dado instruções ao cocheiro, porque a carruagem se afastou dali e parou um pouco mais adiante.

Linetta viu mais abaixo um jardim com um lago. Abriu o vidro da janela e sentiu no rosto o ar quente da primavera. Respirou fundo, esperando que isso lhe acalmasse os nervos.

O marquês atravessou o saguão de mármore, entregando ao mordomo o chapéu, as luvas e a capa de viagem.

- Prazer em vê-lo, senhor. Não esperávamos que voltasse tão cedo.
- É o que estou vendo. Onde está o Sr. Clegg?

– Acho que no escritório. Quer que o chame?

– Não. Eu mesmo vou procurá-lo.

Afastou-se e o mordomo ficou olhando para ele, perplexo.

Não era hábito do patrão falar com essa brusquidão, sem perguntar pela saúde dos empregados durante sua ausência.

O marquês atravessou o largo corredor. No fim, ficava o escritório onde estavam as plantas e os mapas da propriedade e onde trabalhava seu secretário particular, o Sr. Herman Clegg.

Clegg era um homem idoso, que tinha trabalhado para seu pai. O castelo e todas as propriedades da família estavam a seus cuidados.

Quando entrou no escritório, o secretário dava ordens a um dos auxiliares. Pegando alguns documentos, o rapaz saiu dali imediatamente, indo para o aposento contíguo.

– Que surpresa, senhor! Esperávamos que ficasse ausente durante vários meses.

– Era o que eu também esperava Clegg, mas vim para lhe pedir uma explicação sobre isto aqui.

Colocou na escrivaninha a carta que Linetta lhe havia dado.

– A assinatura é sua. Quero que me diga por que foi escrita e por ordem de quem.

– Por ordem da marquesa-mãe, senhor. Ela ditou a carta e eu apenas a mandei para o banco de Oxford, pedindo que informassem a pessoa ou as pessoas interessadas.

– Ê só o que sabe?

– É só isso, senhor.

O marquês pegou a carta.

– A marquesa-mãe está em Dower House?

– Para dizer a verdade, ela está aqui no castelo. Veio visitar a Sra. Briggs, a governanta, que, como o senhor sabe, não anda passando bem. Chegou há,meia hora.

– Peça-lhe que venha imediatamente ao Salão Branco.

– Perfeitamente, senhor.

O marquês saiu do escritório.

Quando se dirigia ao Salão Branco, achou que era típico de sua madrastra estar no castelo.

Depois que herdara o título, o marquês tinha deixado claro que não

queria saber da interferência dela ou, como dizia a si mesmo, da “intromissão” dela.

A marquesa sempre foi uma mulher dominadora, com quem ele nada tinha em comum. Desde pequeno, detestava vê-la ocupando o lugar de sua mãe.

Não teve que esperar muito. A marquesa logo entrou na sala, seu vestido de seda preta farfalhando. O «longo colar de pérolas que usava encontrara um bom lugar para se acomodar, no busto avantajado.

Embora fosse fria e dura, tinha sido muito bonita na mocidade. O marquês nunca a admirou, mas vários pintores tinham feito seu retrato e não havia dúvida de que, quando usava as jóias da família Darleston, chamava a atenção em qualquer salão de baile.

— Sua chegada foi inesperada, Salvin! Pensei que ia ficar fora todo o verão.

— Voltei porque achei imperativo ter uma explicação a respeito desta carta, que me mostraram em Paris.

Entregou-lhe a carta, mas houve uma demora para a marquesa ler, porque antes teve que abrir a *lorgnette* que estava numa corrente pendurada no pescoço e que ficou presa no colar.

Finalmente, disse:

— É assunto que não lhe diz respeito, Salvin.

— Acontece que me diz respeito, e muito! Parece que você deu ordem a Clegg para interromper o envio do dinheiro que meu pai durante anos tinha mandado para a Sra. Falaise. Por quê?

— Porque a mulher morreu.

— Sabia que ela tinha uma filha?

— Sabia.

O marquês ficou de respiração suspensa.

— Ela é minha irmã?

Sua voz pareceu presa na garganta. Embora a marquesa não o percebesse, ele tinha as mãos contraídas e as juntas estavam lívidas. Houve uma pausa.

— Não. Ela não é sua irmã.

— Como é que sabe? Essa Sra. Falaise era uma das... amiguinhas de meu pai?

— Não — disse a marquesa, em tom firme. — Embora houvesse

muitas, como você bem sabe.

O marquês relaxou e sua expressão sombria desapareceu. Foi até a janela, como se de repente precisasse de ar. O olhar atônito da marquesa o acompanhou.

– Por que está tão interessado, Salvin?

– Gostaria que me contasse quem era essa Sra. Falaise e por que motivo meu pai lhe mandava dinheiro de três em três meses.

– É uma história que, quanto menos gente conhecer, melhor! Mas já que, infelizmente, você viu esta carta, acho preferível lhe contar os fatos.

– Quero saber de tudo! De toda a verdade!

– Não sei se seu pai lhe falou de um primo afastado, chamado Rupert Darle.

– Acho que me lembro dele. Era muito mais velho do que eu e tenho impressão de que teve morte trágica.

– É verdade.

– Lembro de ter ouvido falar nisso, embora eu fosse criança, na ocasião. Que tem ele a ver com esta carta?

– Seu pai sempre gostou muito de Rupert. O rapaz detestava o próprio pai e sempre era atendido.

– Continue!

– Ele se meteu em todos os tipos de dificuldades quando estava em Eton. Teria sido expulso, não fosse pela intervenção de seu pai, Salvin. Era sempre seu pai que o salvava; nunca, a família dele!

A marquesa fez uma pausa e continuou:

– Quando foi para Oxford, Rupert se apaixonou logo pela filha de um dos deões. Ela era francesa.

O marquês sentou no sofá, ao lado da madrastra. Não havia dúvida de que estava ouvindo tudo com grande atenção.

– Embora ninguém soubesse disso, Rupert casou com ela. Foi naturalmente um casamento secreto, embora o pai dela tivesse dado consentimento, sabendo que os dois se amavam. Foi uma loucura... uma loucura! A moça tinha dezessete anos e Rupert, dezenove! Enquanto todos pensavam que ele estava estudando, os dois viviam juntos, e, pelo que Rupert disse a seu pai, eram muito felizes.

– Não há dúvida quanto à validade do casamento?

– Nenhuma. A certidão está por aí, entre os documentos de meu

marido.

— Por favor, continue.

— Quando chegou a hora de Rupert sair de Oxford, o pai quis que o rapaz fosse dar a volta ao mundo. Rupert fez todas as objeções possíveis, mas Stephen Darle era um homem muito dominador. Ameaçou deserdar Rupert, se não obedecesse. Antes de ir viajar, ele veio aqui conversar com seu pai e contar que estava casado. Seu pai ficou profundamente chocado.

O rapaz disse que pretendia fazer fortuna, enquanto estivesse fora. Meu marido achou isso pouco provável, pois Rupert ia viajar com uma porção de cartas de apresentação a reis, primeiros ministros e celebridades. Gente que, em geral, não tem grandes contatos no mundo dos negócios.

— Que aconteceu? — perguntou o marquês impaciente.

— Enquanto Rupert estava fora, o pai arranhou um casamento para ele com a filha do duque de Harpenden. Os dois se conheciam há muito tempo e creio que a moça o achava atraente, o que ele realmente era!

— Mas, sem dúvida, Rupert teve que contar que já era casado.

— O noivado foi anunciado sem que ele esperasse, na festa dada para celebrar sua volta.

— Que foi que ele fez?

— Veio aqui ver seu pai no dia seguinte. Contou-lhe que Stephen... o pai de Rupert... estava muito doente. Para dizer a verdade, o médico lhe tinha contado, assim que ele chegou de viagem, que o velho sofria do coração e que um choque poderia matá-lo. — A marquesa apertou os olhos e comentou: — Meu marido e eu nunca apreciamos muito Stephen Darle. Era um homem violento.

— Que aconteceu, então?

— Rupert disse que tinha certeza de que o pai não viveria muito e que só o que podia fazer era ganhar tempo. Aparecer com uma esposa certamente causaria a morte de Stephen.

— Era, de fato, um problema.

— O que piorou a situação foi Stephen ter mandado uma notícia para a *Gazette*, anunciando o noivado, sem consultar o filho.

— A mulher de Rupert não disse nada? — perguntou o marquês, encolerizado,

— Ela estava disposta a esperar até que o sogro morresse. Continuou na obscuridade, como quando Rupert tinha ido viajar. Naturalmente, não lhe

faltou nada. Você pode adivinhar quem a sustentou durante esse tempo, não?

– Meu pai!

– Claro. Algum dia seu pai deixou de ajudar um cão machucado ou um parente pobre?

O marquês não respondeu, e a velha senhora continuou:

– Rupert morreu afogado no Tamisa ao tentar salvar a vida da noiva, quando o barco onde estavam virou, numa festa náutica.

– Deus. Eu não tinha a mínima idéia disso!

– Foi uma tragédia que nunca devia ter acontecido e que deixou seu pai numa posição muito difícil.

– Depois que Rupert morreu, por que é que papai não contou a verdade?

– Era o que pretendia fazer, mas, embora a morte de Rupert não tivesse tido conseqüências fatais para Stephen, a vida dele ficou por um fio. Além do mais, os jornais proclamaram que Rupert era um herói e sua noiva ficou desolada.

– Era de fato um problema.

– O duque dizia publicamente que teria tido orgulho do genro e a moça desmaiou no enterro. A rainha mandou um telegrama de pêsames.

– Então, meu pai ficou calado.

– Ele apenas continuou mandando uma mesada para a viúva. Duvido que a família a aceitasse, se soubesse do casamento. E o escândalo teria atingido todos nós!

– Mas, moralmente, foi imperdoável ela ser tratada do modo tão injusto. E, quando ele morreu, você disse ao banco que interrompesse a mesada que meu pai lhe dava.

A marquesa levantou e disse, friamente:

– Não vi motivo para que o espólio de seu pai continuasse sendo sugado para encobrir o casamento de Rupert.

– Mesmo havendo uma filha desse casamento? A marquesa hesitou.

– Quando suspendi o pagamento, o banco me informou da existência dessa criança. Seu pai ignorava esse fato e não creio que Rupert tivesse a mínima idéia de que era pai. Posso apenas imaginar que, se a filha era dele, a mulher não quis se impor, exigindo que ele reconhecesse a paternidade.

– Ela o amava o suficiente para fazer o que era melhor para ele, em vida, assim como para sua memória, depois que morreu. Para dizer a

verdade, ela o amava como poucos homens têm o privilégio de serem amados.

A madrastra olhou-o perplexa. Depois disse, asperamente:

— É melhor que essa história desagradável seja esquecida. Rupert morreu, assim como sua mulher. O casamento nunca chegará ao conhecimento de quem escrever a história da família e espero que você, Salvin, nunca mais toque no assunto. O marquês riu.

— Creio que isso é impossível!

— Por quê?

— Porque acontece que vou casar com a filha do primo Rupert! Saiu do Salão Branco, deixando a madrastra boquiaberta.

O marquês atravessou o saguão quase correndo.

Quando chegou ao ponto onde estava a carruagem, o laçao disse:

— A moça foi até o lago, senhor. Achei que não havia mal em deixá-la ir.

— Claro que não! Pode mandar a carruagem embora. Não vamos mais precisar dela, hoje.

— Muito bem, senhor.

O criado subiu na carruagem, que seguiu para as cocheiras e o marquês atravessou o gramado verde.

O sol tinha dissipado as nuvens e o céu estava azul. A luz refletia-se no lago e os rainúnculos das margens tinham um tom dourado.

Continuou seu caminho, mas não havia sinal de Linetta. Na parte do barranco, as amendoeiras estavam floridas.

Finalmente, a viu debaixo das árvores, seus cabelos brilhando...

Linetta tinha tirado o chapéu, segurando-o pelas fitas. Mesmo com seu vestido simples, tinha uma graça que o marquês jamais havia encontrado em outra mulher. Parecia frágil, como uma ninfa saída do lago para encontrar um ambiente perfeito para sua beleza, contra os botões brancos e cor-de-rosa.

Virou-se e viu o marquês. Em seus olhos surgiu uma alegria impossível de conter, logo substituída por uma expressão de ansiedade.

Ele ficou imóvel, mas sorria.

Depois, como se o sol, a beleza das flores e os próprios sentimentos de ambos fizessem com que se esquecessem de tudo que os havia separado, correram um para o outro.

Ela achou que era o mesmo que alcançar o céu estar assim tão perto

dele, saber que a amava e que, pelo menos por um momento, não precisava mais se preocupar.

— Ob, minha querida, minha doçura, meu amor! Eu a amo, Linetta. Céus, como eu a amo! E pensei que a tivesse perdido!

Sem poder se conter, Linetta ergueu o rosto e ele beijou-a apaixonadamente, loucamente, até ela não ter outro pensamento a não ser que fazia parte dele!

— Eu a amo e agora podemos casar! Não há nada que nos impeça.

— Mas... o meu pai...

— Você é minha prima, querida. Seu pai tinha o nosso nome de família, Darle, e era meu primo em quarto grau, ou em quinto... Sei lá!

— Seu primo?!

— Meu primo!

Ela nunca saberia o quanto ele tinha sofrido por pensar que o parentesco fosse muito mais próximo.

— Como era meu pai?

— Era alto e dizem que muito bonito. Tinha também um encanto que fazia com que todos gostassem dele.

— Oh, eu sabia, eu sabia! Quando vi você em Dover, achei que meu pai devia ter sido assim. Devo ter sabido, intuitivamente, que éramos parentes.

— Não muito próximos, graças a Deus. Seu verdadeiro nome é Linetta Darle e, querida, você não está mais sozinha. A família é grande. Tem muitos parentes.

Linetta chegou mais perto dele.

— Não quero saber de parentes. Só quero você.

— Como eu quero você. Vamos casar imediatamente, meu amor. Na lua-de-mel, iremos, não para Paris, mas para Veneza, para a Grécia, para onde você quiser, contanto que estejamos juntos.

Linetta suspirou.

— É verdade? Está me dizendo que não tem vergonha de mim? Que posso casar com você, sem sentir que o estou prejudicando?

— Você me amava o suficiente para me recusar — disse o marquês, com voz embargada.

Linetta nunca deveria saber como o pai tinha sido fraco, pensou ele. Fazia tanto tempo, que muita gente teria esquecido o noivado. Os que

lembravam podiam ser persuadidos a nada dizer.

Não seria fácil, mas ele conseguiria. Num ponto, estava decidido: Linetta não ia ser apresentada a nenhum dos parentes, até estarem casados durante algum tempo e ela, habituada à idéia de ser esposa dele.

Apertou-a contra o peito.

— Vamos casar amanhã ou depois de amanhã, com uma licença especial. E vamos passar muitos, muitos meses, querida, procurando nos conhecer bem. — Beijou-a na face, sentindo a delicadeza da pele, e continuou: — Já esqueceu que preciso lhe mostrar o quanto a amo, Linetta, e lhe ensinar tudo a respeito do amor?

— Será maravilhoso estar com você... só nós dois.

— Não haverá mais ninguém, até você se aborrecer de mim. Viu uma pergunta nos olhos dela, riu e continuou:

— Sei que vou repetir o que você me disse, mas eu nunca me aborreci a seu lado. Você é tudo que desejo na vida.

Beijou-a de novo, como querendo ter certeza de que estava ali.

Beijou-a a princípio com suavidade, depois, apaixonadamente. Linetta agarrou-se a ele, vibrando com a nova sensação de felicidade. A dor no coração tinha desaparecido completamente. Tinha a impressão de que poderia voar. Ou andar sobre as águas.

— Amo você! Amo você!

— E eu a amo, minha querida.

— É tudo tão bonito como num conto de fadas. Tem certeza de que não é uma ilusão?

— É verdadeiro, é real, é um fato! Eu a adoro, Linetta. Você conquistou meu coração, e meu futuro está em suas mãos.

Os olhos dela pareciam cheios de sol. Encostou o rosto no peito do marquês.

— Eu o farei feliz. Eu o amarei... agora e sempre, de todo coração!

— É só isso que desejo na vida: me ame como eu a amo. Beijou-a novamente, e o único movimento naquele mundo encantado foi o das pétalas das flores das amendoeiras caindo à volta deles.



QUEM É BARBARA CARTLAND?

As histórias de amor de Barbara Cartland já venderam mais de cem milhões de livros em todo o mundo. Numa época em que a literatura dá muita importância aos aspectos mais superficiais do sexo, o público se deixou conquistar por suas heroínas puras e seus heróis cheios de nobres ideais. E ficou fascinado pela maneira como constrói suas tramas, em cenários que vão do esplendor do palácio da rainha Vitória às misteriosas vastidões das florestas tropicais ou das montanhas do Himalaia. A precisão das reconstituições de época é outro dos atrativos desta autora que, além de já ter escrito mais de trezentos livros, é também historiadora e teatróloga. Mas Barbara Cartland se interessa tanto pelos valores do passado quanto pelos problemas do seu tempo. Por isto, recebeu o título de Dama da Ordem de São João de Jerusalém, por sua luta em defesa de melhores condições de trabalho para as enfermeiras da Inglaterra, e é presidente da Associação Nacional Britânica para a Saúde.

Não perca a próxima edição!

LINDA FLOR DA MADRUGADA

— Temos visita, Annie! Visita! — A velha empregada não se deixou contagiar pelo entusiasmo de Petula. Era só o que faltava! Mal tinham o que comer, e ainda iam dividir com um desconhecido! Mas, ao ver o belo cavalheiro que havia sofrido um acidente na estrada e pedia pousada, Annie entendeu a alegria da jovem patroa. O major Adrian Chester era o homem mais elegante e charmoso que já tinha aparecido naquela cidadezinha. Não fosse a senhorita se encantar por ele!, pensou a velha. E ficou aliviada, quando o hóspede partiu, no dia seguinte. Só não sabia que Petula e o major tinham passado juntos uma noite de magia que iria mudar suas vidas para sempre...

Tem mais amor e sonho nas bancas pana você.

“Romances para amar”

Em toda a série você terá sempre histórias como esta:

Jolly sabia muito bem que Jorge Del Toro era o playboy mais rico do Peru. Viril e atraente, ele reduzia a nada a resistência das mulheres com seu poder de sedução. Como resistir àquele homem disposto a ter um caso com qualquer moça bonita, se Jolly estava perdidamente apaixonada por ele?”. Não perca as próximas histórias da Série Fascinação.